



Marcela Cristina da Rocha, sapatão, tatuada, candomblecista e professora, é mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, na linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação, onde pesquisa acerca de formação docente. Graduada em Ciências Sociais bacharelado e licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

POR
MAS
FOI
NA
ACADEMIA

ETNOGRAFIEMAS DOCÊNCIAS EM CRIAÇÃO | Marcela Cristina da Rocha

Marcela
Cristina
da Rocha

ETNO GRAFIE MAS DOCÊNCIAS EM CRIAÇÃO

Gostando de encontrar, de escrever *começos*, ele tende a multiplicar esse prazer: eis por que ele escreve fragmentos: tantos fragmentos, tantos *começos*, tantos prazeres (mas ele não gosta dos fins: o risco de cláusula retórica é grande demais: receio de não saber resistir a *última palavra*, à última réplica).

ROLAND BARTHES
por ROLAND BARTHES,
2017, p.109

Marcela
Cristina
da Rocha

ETNO

GRAF

EMAS

DOCÊNCIAS EM CRIAÇÃO

CIP - Catalogação na Publicação

da Rocha, Marcela Cristina

Etnografemas: docências em criação / Marcela

Cristina da Rocha. -- 2019.

194 f.

Orientador: Máximo Daniel Lamela Adó.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Docências. 2. Etnografemas. 3. Biografemas. I.

Lamela Adó, Máximo Daniel, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha
Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIAS DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO

Etnografemas: docências em criação

Dissertação de Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó

Orientando: Marcela Cristina da Rocha

Porto Alegre, junho de 2019.

MARCELA CRISTINA DA ROCHA

Etnografemas: docências em criação

Defesa de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó

Linha de pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação
Defendido em 30 de julho de 2019.

Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó (orientador)

Prof^a. Dr^a. Rosimeri Aquino da Silva – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Fabiane Olegário – UNIVATES

Prof^a. Dr^a. Sandra Mara Corazza - UFRGS

Agradecimentos

Essa é uma parte bastante delicada, sensível e arrisco escrever, difícil da dissertação. Ao escrever isso, não coloco a pesquisa, as leituras e todo processo de elaboração e criação intelectual-acadêmica-pesquisa em um lugar mais fácil, não, é bem difícil tanto quanto. Acho que escrevo que é delicado agradecer, por se tratar da parte sensível afetiva, do processo que atravessa a vida ao compor esse texto que em algum momento é chamado de dissertação, mas para mim, texto. Começo por citar Diego Esteves, colega de grupo de pesquisa, que diz “agradeço aos encontros”, agradeço aos encontros, encontros de todos os tipos e formas que pode entrar nessa ideia de encontro, os encontros com as ideias, as leituras, aos encontros com pessoas e suas mais diferentes relações e afetos que por esses encontros ressoam. Agradeço então, muitas pessoas, muitos encontros. Poderia encerrar aqui. Teria um bom efeito de leitura. Contudo, não sou tão performática assim.

Pois bem! Vamos aos agradecimentos, aos *gratiliz*.

Obrigada Máximo por ter colocado fé, pelas trocas, pelos movimentos de orientação, pela compreensão, pela promiscuidade de leituras e tanta indicação boa de livro, eita! Aos Atedponienses, colegas de grupo de pesquisa; Dayse e Diego que por muito tempo fomos uma tentativa de, de alguma coisa que fez com que se pensasse/produzisse muito além de pesquisa. Obrigada Steph pelas tantas ideias pilhadas, a Robson por aquela cerveja comemorativa, Laís pelas contribuições e solicitude, Mariana pelas risadas, parceria e por cuidar tão bem da minha família felina quando me ausento, recomendo @buddhacatsitter, fica a dica.

Obrigada Sandra pelo aceite de monitoria na páscoa de 2015, e com a monitoria a oportunidade de acompanhar as aulas e a possibilidade de pensar diferentes questões sobre educação, que é possível fazer pesquisas em educação de outras formas, pensar docência, currículo, didática, aula, e sair da zona dos dados de pesquisa concretos e batidos. Obrigada Rosi pela parceria, pela trajetória de ciências sociais, Pibid, aulas de estágio, a Fabi agradeço o carinho e acolhimento, sempre querida e torcendo, o que é muito importante nesse rolê que é fazer pós-graduação, a Ida pela simpatia e suporte, também pela torcida e encontros. Obrigada querido Vicente, Vicentino, pelas muitas indicações de boas leituras e conversas sobre literaturas, obrigada pelos sisos extraídos (Vicente Pai).

Aos amigos e família por mim escolhida: Marja, Carlos, Danielle, Dudi, Mauri, Tiago, obrigada por todo apoio em todas

as horas, pela presença constante e imensamente importante em minha vida e suas trajetórias. Amo muito e sou extremamente agradecida e feliz por pode contar com vocês e por quem vocês são. Estar aqui é estar com vocês, com o incentivo, com acolhimento, com as conversas, com vinho, cerveja e alguns cigarros. A vocês minha constante gratidão e amor.

Agradeço minha família; a minha vó Elaine, pessoa maravilhosa, fantástica incrível que sei que é um colo onde posso contar, desmoronar, voltar, pedir cafuné. Sou fã, vó que inspira na sua forma de conduzir a vida e as suas relações tão duras. Obrigada minhas tias Raquel e Aderlaine, pelo apoio, suporte e incentivo na minha trajetória e formação, pelo patrocínio e investimento nesse caro caminho.

Agradeço a minha mãe, pessoa mais doce e de maior coração desse mundo, que ensinou a ternura e a *good vibes* das relações e do viver, sua humildade e a simplicidade das coisas, que até seus últimos dias aqui encarnada nessa aventura terrestre, se manteve firme, sem reclamar, em seu pleno estado de doçura e luz, de amor e gratidão por cada detalhe do dia pós o outro dia. Dedico esse texto-dissertação a ela, que antes que eu pudesse finalizar esse trabalho, teve que partir. Deixando uma imensa saudade diária, uma ausência presente no cheiro do feijão novo. Contudo, sua força inspira de continuar sempre, de não endurecer, de ter respeito e amor em mais diversas situações. Reside um pouco dela dentro de mim, sei que talvez não tenha a fluída capacidade de praticar o viver bem, como ela tinha, com toda

naturalidade, pois era ela, e eu acabe por cair nos filtros e reflexões críticas que algumas vezes desanimam, minam e endurecem os laços. Digo que, se eu conseguir ser um tiquinho de Geni, serei muito feliz, pois sei que estarei sendo uma pessoa boa. Dona Geni, mãe, não sabia ler e escrever, mas sabia amar e sabia todo o resto. Te amo mãe.

Obrigada Gabriela, minha companheira por atravessar comigo esse todo, essas vidas, as intensidades dos momentos, os sentimentos que eles compõem, as dores, alegrias, os dramas, descobertas, trocas, café da manhã, amor, gatos.

Agradeço a Tatiele pelas trocas educacionais, tretas contra o sistema, pelos enroladinhos de salsicha e pela baita parceria. Obrigada de coração a todos e todas alunas e alunos que tive a oportunidade de conhecer e dividir as aulas, ideias, afetos, comida, sol, tudo!!

Vocês alunas e alunos oportunizaram a criação desse texto, pensar muito nossos encontros e com eles inventar e reinventar, as docências, ou a docência, aulas, currículos, didáticas, as potências de uma aula, de uma docência. Fica aqui o meu imenso carinho e um muito obrigada por ter sido Sora de cada um de vocês, biscuits, bbs, jovens, aprendizes, alunas e alunos. Agradeço aos meus Orixás, Ogunhê Patacori! Eparrey Iansã !!! Ora ie ieo Oxum!!

Rastros de uma criação docente, composições, o que ficou.



Resumo

Este texto opera com a narrativa ficcional como potência para pensar a formação docente. Entende a ficção enquanto poética de tradução criadora e alarga essa noção para a educação. Deste modo, trabalha a ficção como potência virtual que se atualiza ao criar experimentações no espaço-aula ao criar personagens como interlocutores de questões que permeiam a formação docente. A pesquisa pensa a docência, como uma autocriação, e entende por criação um processo poético, tomando o termo grego *poiein*, valéryanamente, como um fazer. Deste modo, o criar se dispõem como uma poética e a autocriação como a operação de uma poética de si. Nesse sentido, trabalha com a noção barthesiana de biografema para tratar de didática e currículo, por meio de uma escrita de vida e suas composições docentes. O texto busca aproximar a escrita da didática, para tanto, cria textos que colocam em cena composições da docência. Portanto a pesquisa a partir do conceito de biografema, que lida com a biografia pelo desdobramento barthesiano, assume, por meio de uma operação textual, a concepção de criação docente.

Palavras-chave: Biografemas. Docência. Educação. Etnografemas.

Abstract

This text works with a fictional narrative as potentiality to think regarding the teaching formation. It understands fiction as being a creative and translator poetic form and spreads this concept toward education. Thus, it works with fiction as a virtual potentiality that renews itself through creating experimentations on class-space by creating characters as interlocutors of current questions that surround teaching formation. This study thinks the teaching process as a self-construction and sees construction as a poetics process, taking charge of the greek term *poiein*, valéryanamente, as doing. In that way, the construct becomes poetics and self-construction as the execution of a self poetic. In that sense, it goes with the barthesian idea of biographeme to deal with didactics and curriculum through the writing of growth and its teaching compositions. The text aims to approximate written from didactics, so it creates writings that put teaching compositions in evidence. Therefore, the research arises from the concept of biographeme, which deals with biographies considering the barthesian deployment, takes on, by a textual operation the conception of teaching construction.

Keywords: Biographemes. Teaching. Education. Ethnographemes.

Sumário

Metatexto.....	19
ESCREVER COMO PASSAGEM DE VIDA.....	23
ESCRITAS PARA UMA MORTE ANUNCIADA.....	27
Fazer a antropóloga.....	30
Biografemas do pensar, a morte da bezerra.....	31
As fotografias embalsamadas.....	32
As docências em decomposição.....	34
As minhocas leitoras.....	35
DOCÊNCIAS EM ETNOGRAFEMAS.....	38
Um método de pesquisa.....	45
TRADUZIR-SE NA PESQUISA: MATÉRIAS DE ESCRITA E CADERNO DE ANTROPÓLOGA.....	51
Francisca Helena, Tati, Marja, Gabriela.....	52
Autobiografemática no fazer etnobiografemático.....	54
FOLHAS ARRANCADAS: FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO..	58
As peles que me habitam: o drama do eu e o começo da escrita.....	58
Tatuagem.....	60
Um pouco de história.....	63
Uma filha de Ogum.....	67
Outros tempos.....	74

ETNOGRAFEMAS: CENAS E ESCRITURAS.....	79
Molho de tomate.....	79
Bananas orgânicas.....	87
Leituras de banheiro.....	91
Francisca Helena.....	95
Aula com Marja.....	110
Aula.....	117
Sinapses.....	118
Conversa de Bar.....	120
Paulo Freire meu vizinho.....	123
Preparação para a escrita.....	123
Iajsoiiiiiiiiiiiiiiiiioahddddddddddddddddddncxxxxd.....	125
Dar aula.....	128
Traduzir-se na educação: Tatiele.....	133
Gabriela.....	142
Nadar arMARdo.....	154
Balburdia: Iconografia de portas de banheiro.....	154
Infância.....	164
O cheiro da escola.....	171
Professora não pode usar havaianas.....	175
Entrevista de 29/04/2019 para Revista Balburdia.....	177
REFERÊNCIAS.....	189

Um homem dos vinhedos falou, em agonia, junto ao ouvido de Marcela. Antes de morrer, revelou a ela o segredo: - A uva - sussurrou - é feita de vinho. Marcela Pérez-Silva me contou isso, e eu pensei: se a uva é feita de vinho, talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é. (GALEANO, 2018, p. 16)

Riscos de banheiros
educacionais.
Câmara de
Smartphone.

POR
MAIS
POESIA
NA
ACADEMIA

Sob o álibi da dissertação destruída, chega-se à prática regular do fragmento; depois, do fragmento se desliza para o “diário”. (BARTHES, 2017, p.110)

Metatexto

Esse texto se vale de misturas de gêneros textuais, combinações de diário pessoal, caderno etnográfico, literatura, autoficção, biografema, revisão bibliográfica, leituras de filosofia, artigos, memorial descritivo, cadernos de aula, blocos de anotações, conceitos, crônicas, processos epifânicos de escrita, enfim: textos. Textos de uma dissertação que busca ficcionalizar o universo educacional e como um exercício para perspectivar a docência. Uma docência atravessada por leituras, escritas, pensamentos, experiências, acontecimentos, causos; o vivido, o imaginado, o inventado. A escrita como uma passagem de vida relacionada à autocriação docente e à didática, a um modo de preparar aulas com aquilo que também atravessa nossas vidas.

O texto, como exercício de escrever a docência, é composto de outros textos que costurados formam etnografemas para pensar a pesquisa com as noções e conceitos de biografemas, etnografia e didática da tradução. A escrita, assim dimensionada, configura-se como um fazer docente a partir das matérias que compõem as nossas vidas.

Trata-se de uma produção *transcriadora* de leituras. Escrita e reescrita de didáticas e currículos. Escrita tradutora e que se constrói como uma poética da leitura do cotidiano e no cotidiano da docência. O texto procura perspectivar a educação no âmbito de suas práticas cotidianas dimensionadas pelo currículo e pela didática, por meio de uma atitude e experiência poética. A docência como criação e diretamente relacionada com uma prática com as linguagens de qual se fala, sendo ela mesma, a experiência, produtora ativa dessas linguagens na própria disposição *transcriadora* dessas linguagens em didáticas. Quem o escreve? A estudante, a pesquisadora, a docente, a profe, a Estas são, talvez, vidas imaginárias que se atravessam, retroprojetam-se num fazer do texto que procura, como Schwob nos fala de Hokusai (1997), chegar a tornar individual o que há de mais geral, para, assim, ter o gosto de traçar os contornos de um rosto que seja o próprio, mas, também, universal. O rosto de uma professora.

Eu escrevo e vivo, a constante sobre a qual se constrói minha vida acadêmica e afetiva. Isso ficará mais claro ao longo das páginas que seguem. Estas anotações partem de situações autobiográficas, que são o impulso que me arrasta a certas leituras, a certos autores, a certas perguntas. É o livro mais exposto que eu poderia escrever: resolvi expor com toda a força, a fraqueza, a potência e a vulnerabilidade de meu próprio eu. (KLINGER, 2014, p. 16)

Fazia
tempo que
NÃO escrevia
na parede
de um Banheiro

↓
EU TAMBÉM!

Escrever em
paredes. Câmara
de *Smartphone*.

ESCREVER COMO PASSAGEM DE VIDA

A escrita como matéria que transfigura nossas vidas. Escrever para tornar-se outros, diferentes *eus*, escrever como um devir inacabado que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Passagem de vida que nos coloca em devir-mulher, devir-professora, devir-batuqueira, devir-sapatão. Esses devires estão ligados uns aos outros ou então coexistindo em todos níveis e compondo um multiverso, algo para além do uno e da unificação. A literatura, assim como a escrita, inventa um povo que falta, “não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletiva de um povo por vir, ainda enterrado em suas traições e reneгаções” (DELEUZE, 2011, p. 14).

Não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar uma zona de vizinhança (DELEUZE, 2011). Uma zona de criação de meios literários. A literatura como um agenciamento coletivo de enunciação de um povo menor ou de todos os povos menores, povo bastardo, inferiorizado, dominado. Sempre em devir, sempre inacabado, raças tidas como bastardas e por isso oprimidas que não param de agitar-se sob as dominações, de resistência a tudo que castra e aprisiona, que encontram expressão na escrita ou através dela. Escrever se torna uma prática, uma forma de existência e de estar no mundo, uma necessidade de construção de outros territórios. “A escrita como um ritual que suspende o mundo para construir um outro território se aproxima da filosofia, não na sua tradição idealista e transcendentalista, e sim uma filosofia como exercício e prática de vida.” (KLINGER, 2014, p. 51).

Escrever sobre tudo, um todo que pode ser disperso, realidades múltiplas da unidade do texto, desvios, diversidade de assuntos e pensamentos. Esses desvios da escrita são fragmentos da leitura e do pensamento, do todo que forma o texto pesquisa. Movimento de levantar a cabeça do texto, olhar pela janela, olhar a vida do vizinho, escutar a discussão da mãe com a filha, afagar os gatos, perceber uma interrupção da pesquisa sem se desconectar dela, uma escrita que continua, uma passagem que produz outro texto, pensamento, aula, ideia de trabalho, criação.

Ao modo de um fazer esse texto pesquisa, como Maurice Blanchot (2011), escrever a experiência com Francisca Helena, Tatiele, Marja, Gabriela.

Uma dissertação, mesma fragmentária, possui um centro que a atrai: centro esse que não é fixo mas se desloca pela pressão dos prazos e pelas circunstâncias de sua composição. Centro fixo também, que se desloca, é verdade, sem deixar de ser o mesmo e tornando-se mais central, mais esquivo, mais incerto, e mais imperioso. Aquela que escreve a dissertação, escreve por desejo, por ignorância desse centro. O sentimento de o ter tocado pode nada mais ser do que a ilusão de o ter atingido; quando se trata de uma dissertação de esclarecimentos, há uma espécie de lealdade metódica a declarar na direção daquele ponto para o qual parece que a dissertação se dirige: aqui, na direção das páginas.

**Diariamente uma morte é
anunciada, a cada momen-
to a morte é presença viva.**

ESCRITAS PARA UMA MORTE ANUNCIADA

Talvez ser um autor seja fazer-se de morto, situar-se no lugar do defunto, e não perder de vista certas perspectivas abertas por pensadores como Foucault, para quem o que a escrita põe em questão não é tanto a expressão de um sujeito que escreve quanto a abertura de um espaço no qual o sujeito que escreve não cessa de desaparecer: “A marca do autor está somente na singularidade de sua ausência; ao escritor é destinado o papel de morto no jogo da escrita”. (VILA- MATAS, 2013, p.306)

Início a escrita com um discurso fúnebre, pois, recentemente estive na companhia de mortes. Escutei em rodas de conversas que em algumas culturas a morte é celebrada de forma alegre, que o funeral não é algo triste, melancólico, carregado de uma penumbra densa que paira sobre amigos e familiares de quem morreu. A morte é celebrada como nascimento, entendida como um ciclo, passagem, que não há uma morte como nós a compreendemos e tratamos. Não irei pesquisar e apontar onde e quais culturas tratam a morte de maneira diferente da nossa ocidental e cristã, posso estar inventando, e se estou inventado, prefiro continuar inventando, conforta criar outras narrativas sobre morte. Uma na qual ela é tratada com alegria, bem recebida, bem-vinda. O que faz algum sentido, pois ganhar uma viagem de partida desse lugar conservador, entreguista, retrógrado, faminto, é invejável e para alguns até desejado.

Ontem recebi uma ligação da morte anunciada de minha mãe. Um câncer agressivo, está em metástase, o tecido cancerígeno colou ao intestino o impendido de funcionar, multiplicando-se rapidamente, também está nos ossos, tomada de câncer até os ossos. Não há o que possa ser feito, apenas aguardar um prazo de mais ou menos três meses. A medicina chama de cuidados paliativos, essa impossibilidade de solução e espera da morte. Para esse prazo médico que nos coloca em presença da morte, há sempre outros prazos que correm juntos, sempre há prazos, os prazos de validades dos alimentos, os prazos de entregas textuais, prazos de vencimentos dos boletos, todos es-

ses prazos vão nos consumindo e matando lentamente, igual a medicina quando se refere ao tabagismo. Morte lenta, às vezes acelerada, sempre há atalhos, e há quem os use.

Na presença da morte, há a minha morte, uma exigência do texto para entrada da minha própria morte e o nascimento da escrita. Não é a mãe da mestranda que é tomada por câncer, é a mãe da leitora que quando era adolescente, também perdeu a mãe por conta do câncer, é a amiga do leitor que teve uma professora orientadora, a qual não terminou a orientação devido a um câncer que a matou em dois meses após diagnóstico. Essas são zonas de afetos da leitura, na qual os sentimentos da impotência diante do tempo, atravessa de diferente intensidade, aqueles que estiveram no anúncio e aguardo de uma morte. Aqui não é a imagem de quem escreve o texto que é visualizada nos biografemas colocados em cena, é a leitora que recorda sua juventude nos bairros do texto pesquisa, o leitor que pensa sua formação docente nos conceitos apresentados na narrativa. Não há a autora, nessa ausência, há leitores e as leituras. O nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor (BARTHES, 2012, p. 64). O título do texto, não faz uma referência a composição docente de quem escreve o texto, porém a vidas de professoras e seus detalhes cotidianos, criando uma escrita de biografemática e pensando uma autocriação docente que a partir desses biografemas traduz e transcria currículos em aulas. A autocriação é então permeada por leituras, curiosidades, fábulas, experiências, encontros os quais compõem vidas e criam docências.

Para escrever o texto pesquisa e não ficarmos presas ao universo de quem o escreveu, ao escrever com as personagens vão sendo colocadas em cenas as questões relacionadas à docência, o começo da “escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse obliquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve (BARTHES, 2012, p.57)”.

Fazer a antropóloga

As personagens deste conjunto operam como interlocutoras de uma pesquisa com pendor etnográfico, sem ser de fato uma etnografia toma algo de sua maneira, pois, a etnografia a partir de Malinowski (1922) envolve uma observação participante mais detalhada e atenta ao o que está sendo estudado, possibilita um contato intersubjetivo entre a observadora e observado, onde essas relações se misturam, confundem-se. As outras vozes que não a da antropóloga que observa, são as que apresentam o que está sendo estudado, escrevem os biografemas desse eu-antropóloga que escapa e vai traçando corpos docentes.

O que ocorre pode ser entendido como uma espécie de morte em vida – na elaboração de textos a partir de fatos e diálogos, o texto preserva o fato ao mesmo tempo que estende seu significado, a professora-pesquisadora, dirige e controla em algum grau, a feitura de um texto a partir da vida. (CLIFFORD, 2014, p.81)

Biografemas do pensar, a morte da bezerra

Há também no texto-dissertação a morte da bezerra, o antes da escrita, a sua preconcepção, detalhes, epifanias, aleatoriedades, aquele momento que ao olhar para uma outra pessoa distraída, chamamos sua atenção “Ei fulana, que foi? Está pensando na morte da bezerra?” “Estava aqui pensando na morte da bezerra e pensei sobre...”

A expressão pensar na morte da bezerra, tem origem segundo a falecida Geni, mãe de Marcela, na tradição hebraica onde os bezeros eram sacrificados para Deus como forma de redenção de pecados, Geni contava que certa vez um rei resolveu sacrificar uma bezerra e que seu filho menor, que tinha grande carinho pelo animal, opôs-se. Independentemente da oposição do filho, a bezerra foi oferecida aos céus e afirma-se que o garoto passou o resto de sua vida pensando na morte da bezerra, as vezes ao contar a história ela dizia que o filho morreu logo em seguida de desgosto, que passou os dias pensando na bezerra deixou de comer e morreu, talvez um incentivo moralizador para comer na hora do almoço, coisa que Marcela às vezes não fazia. De qualquer forma, a expressão remete a estar distante, pensativo, alheio a tudo. A morte da bezerra, esse estar só em si, é o trampolim da criação, aqueles pensamentos que nos deslocam e descola a nossa presença da interação social, nos transporta para os mais diversos tipos de reflexões, dos pensamentos mais concretos objetivos, como o cardápio do almoço, o ônibus mais rápido para chegar em tempo ao tra-

balho, aos mais fantasiosos, abstratos, como criação de vidas e situações imaginárias. Criação de uma narrativa ficcional para si enquanto viaja na janela do transporte público, enquanto na verdade está colonizando Marte, ou um pensamento na elaboração de um discurso a ser dito a alguém, ou uma escrita, uma elucidação conceitual para a pesquisa, ou apenas o antes do texto. A manifestação da morte da Bezerra são os biografemas do pensar. Aqueles detalhes que são interessantes e quem nem sempre serão expostos, ditos ou escritos tomando a forma do texto, a escolha do que poderá entrar ou ficar de fora da escritura. A morte da Bezerra, enquanto pensamento e como escritura, é uma isenção de sentidos de si, o Neutro, o grau zero.

Figuras do Neutro: a escritura branca, isenta de todo teatro literário – a linguagem adâmica – a insignificância deleitável – o liso – o vazio, o inconsútil – a Prosa (categoria política descrita por Michelet) – a discricção – a vacância da “pessoa”, se não anulada, pelo menos tomada ilocalizável – a ausência de *imago* – a suspensão de julgamento, de processo – o deslocamento – a recusa de “assumir compostura” (a recusa de toda compostura) – o princípio da delicadeza – a deriva – o gozo: tudo o que esquiva, desmonta ou torna irrisórios a exibição, o domínio, a intimidação. (BARTHES, 2017, p.149)

As fotografias embalsamadas

A morte que as fotografias embalsamam nesse texto, compõem a tessitura desse trabalho, compondo cenas, narrati-

vas, biografemas, experimentações. Mortificando momentos, retomando mortos, ou como coloca Barthes, a fotografia como uma imagem produtora de morte ao tentar conservar a vida (BARTHES, 2012, p.38). As fotografias também possibilitam um infrassaber; o acesso a uma variedade de objetos e detalhes, que podem oferecer um certo fetichismo, tal como conhecer que tipo de chapéu as mulheres usavam na década de 70, a fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia. (BARTHES, 2012, p.34) ao proporcionar o acesso aos detalhes, que nem sempre estarão contidos nas grandes narrativas.

As fotografias desde muito cedo, também foi utilizada como um recurso de ilustrar e comprovar a veracidade do texto etnográfico, os etnógrafos das mais variadas correntes se valeram de máquinas fotográficas como uma forma de registrar sua passagem pelo campo. Com mais ou menos sistematicidade se produziu um largo material fotográfico de inegável valor documental, e que, ao mesmo tempo, era apresentado como uma espécie de prova do “estar lá” (GODOLPHIM,1995).

Esse texto, tal como o folhear de algumas monografias clássicas, *Os Nuers* (Evans-Pritchard,1978), por exemplo, para ver que o uso de material ilustrativo se restringirá simplesmente a isso, ao “estive lá”, pois as imagens não são necessariamente articuladas de forma a participarem do texto. Assim, as fotos acabam por se limitar a um caráter ilustrativo, uma evidência de segundo grau, colocadas, geralmente, para

apontar elementos mais específicos. Portanto, as imagens aqui apresentadas, são registros do estive lá, estive por ai, registrados a partir das lentes do aparelho celular, o chamado *Smartphones*, apropriado como um recurso de uso cotidiano, de um equipamento de registro de som, imagem, vídeo, texto, comunicação, que está sempre junto de nós, portanto registros a partir do que se tem a mão.

As docências em decomposição

Após algumas mortes, as docências nesse texto encontram-se em decomposição; em separação de um todo em suas partes constitutivas, estado de apodrecimento, putrefação, alteração, modificação, desmembramento do que está coeso, desagregação, desarticulação, esfacelamento, desmembramento de um corpo em suas partes elementares. Tal como, um processo de compostagem, onde a partir da decomposição de matérias por organismos heterótrofos aeróbios, tem a finalidade de obter, no menor tempo possível, um material estável, rico em substâncias húmicas e nutrientes minerais formando assim um solo húmífero, rico em nutrientes e fértil. Esse processo, faz parte de um ciclo de decomposição e composição, o que foi decomposto será depois substância fértil para uma nova composição.

Não se trata de uma constituição de docência, mas pensar docências e suas potencialidades de composições em suas decomposições de um sujeito da noção de sujeito críti-

co, racional, unificado, homogêneo da tradição humanista. É esse sujeito que se decompõe ao dar passagem para uma prática linguística, discursiva ou languageira, o sujeito é o que se diz do sujeito.

Em decomposição para o autor, sujeito, o eu, e em composições para uma criação e uma autoficção docente, uma ficção discursiva de si, um efeito biografemático, o qual se articula e movimenta por diferentes atravessamentos e saberes.

Uma possibilidade de pulverizar a existência de um sujeito, tomando-o na existência insignificante do cotidiano, um sujeito indeterminado em detrimento de qualquer unidade elementar ou funcional imposta, como escreve Oliveira:

Este princípio indeterminado, por sua vez, não recalca o sujeito, mas utiliza-se de sua existência enquanto referente, local de sentido, para com ela compor outra dispersividade, distanciar o tão límpido referente, de maneira que a pesquisa (o texto) não se projete mais sobre a “verdadeira vida” (LEFEBVFRE, Apud OLIVEIRA, 2015).

As minhocas leitoras

O que fica não é a autora-professora e sua vida, são as minhocas leitoras – leitores hospedeiros – fertilizadores a partir de fragmentos decompostos de uma passagem de escrita. As minhocas leitoras que transmigram o texto para dentro de suas vidas e escrevem fragmentos de suas próprias cotidiani-

dades, produzindo uma *co-existência* com a autora, com texto-pesquisa. Sobre o autor do texto, Barthes diz:

O autor que vem do seu texto e vai para dentro da nossa vida não tem unidade; é um simples plural de “encantos”, o lugar de alguns pormenores tênues, fonte, entretanto, de vivos lampejos romanescos, um canto descontínuo de amabilidades, em que lemos apesar de tudo a morte com muito mais certeza do que a epopeia de um destino; não é uma pessoa (civil, moral), é um corpo. (BARTHES, 2005, p.XVI)

Esse corpo é disperso, como as cinzas que são espalhadas após a morte, tais como ocorreu recentemente com Geni, mãe de Marcela, suas cinzas foram espalhadas em um lago, uma porção pela filha e o restante do pó pelos demais familiares presentes, cada um dispersando da sua maneira e crença aquele punhado de cinzas pós morte, talvez um dos familiares tenha levado um pouco de cinza para sua casa e espalhado nas plantas do jardim. Geni gostava muito da natureza em geral, dos animais e seres encantados dos contos fantásticos, não fora alfabetizada e gostava de ouvir e contar histórias, se eu fosse escrever sobre Geni, não escreveria uma biografia, história de vida, mas sim seu gosto por histórias, tais como, os três carneirinhos (aquele em que a mãe sai para comprar leite e um lobo vem bater na porta, come as crianças carneiras todas), as histórias locais de lobisomem, a bola de fogo misteriosa que pairava na casa de sua mãe, entre outras

que misturam fábulas, lendas, causos, a sua construção e uso da linguagem, sua tradução, suas histórias contadas.

Esses detalhes de uma vida, os cotidianos, aquilo que nos produzem algum tipo de afeto, são os biografemas, os quais vão compor vidas, e nesse texto, vidas em educação, docências.

DOCÊNCIAS EM ETNOGRAFEMAS

Nesse texto ao pensar a formação docente como auto-criação, entende-se que nenhuma criação é uma produção espontânea, pois, quando se cria, se está criando por meio de linguagens numa relação manifesta com interatividades (ADÓ, 2016), reinventado maneiras de conhecer e se apropriar dos múltiplos saberes e formas de experienciá-los. Esse processo de autoproduzir-se, portanto, a relação que criamos com os saberes e as formas com as quais aprendemos, é como compreendemos os conhecimentos, nossa relação e afecção alegre com o conhecimento e sua produção. Estabelecendo conexões transversais para uma criação docente, na qual será singular sem deixar-se individualizar, pois, se permite a interferência das potências dos atravessamentos coletivos na sua criação e tradução didática. Singular no que tange as suas linguagens, peculiaridades, contudo sem isentar-se do coletivo e as possibilidades de afetar e ser afetada por outras linguagens.

A autocriação docente será compreendida nesse texto a partir da noção de biografema como elaborada por Barthes (2005), os biografemas distam de biografias e, segundo Barthes, seria como traços de uma vida, acontecimentos mínimos, como detalhes, fatos, peculiaridades, uma curiosidade, aquela

observação que escapa às narrativas mestras ou grandes relatos. Portanto, a partir de uma biografemática do e com o cotidiano de vidas docentes, o texto é escrito como e por uma professora-antropóloga observando outras vidas de professoras ao mesmo tempo que observa sua própria vida. Anota em seu diário etnográfico biografemas na e com a educação. Surge nesse processo algo como uma etnografia de si e dos outros. A observadora torna-se observada, passa a fazer parte da construção de suas subjetividades, esse deslocamento contínuo onde não há um lugar hierárquico do saber e de uma produção de saber. Sobre o método etnográfico Rocha diz:

A pesquisa de campo etnográfico consiste em estudarmos o Outro, como uma Alteridade, mas justamente para conhecer o Outro. A observação é então esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor. Nasce da inserção densa do pesquisador no compromisso de refletir sobre a vida social, estando antes de mais nada disposto a vivenciar a experiência de inter-subjetividade, sabendo que ele próprio passa a ser objeto de observação (2008, p.4)

Os eventos e os encontros do cotidiano em educação se tornam anotações, blocos de notas dispersos em cadernos e aplicativos de texto, a experiência da pesquisa etnográfica torna-se narrativas, e a tradução dessas experiências em formas textualizadas criam os biografemas em educação, a pro-

fessora-antropóloga está sempre levando com ela textos para uma composição posterior, esses textos, notas, são memórias, eventos padronizados, simplificados, linguagens, gestos, que são retirados de um contexto imediato para comporem posteriormente as docências e suas criações e traduções.

Além disso, a prática antropológica da etnografia é composta por procedimentos a partir de uma convivência da pesquisadora junto ao grupo social a ser estudado. A pesquisa de campo etnográfica é construída a partir de relações entre a pesquisadora e os sujeitos observados, como um exercício, atento, de interrelação com aquilo que se vive, uma ideia de viver com, ao interagir em determinados contextos e espaços.

Aqui a professora-antropóloga utiliza o método da biografemática para pensar seu texto-trabalho e criar uma não-relação com a metodologia de pesquisa de histórias de vida. Nessa escrita de diário de campo, texto-pesquisa, são criadas personagens como interlocutoras de pesquisa, de vidas em educação, compondo e decompondo docências, como uma montagem e desmontagem de um fazer docente, anotando e escrevendo com os traços recolhidos de um inventário social, artístico, cultural, filosófico literário, divino, de seres humanos e não-humanos – uma literatura necessária – uma Educação amada – a insignificância, a vida fugidia, a abertura, o desfazimento operado por sua escritura nas narrativas (OLIVEIRA, 2015), uma proliferação de existências e mundos, produzindo

na pesquisa biografemática a potencialidade de criar, fabular e transcriar em educação.

A escritura biografemática permite criar sentidos de maneira quase solitária, ao contrário dos sentidos já estabelecidos e articulados por um coletivo, a biografemática cria novos sentidos, em relação a sentidos estabelecidos e impostos pelas narrativas mestras em educação, uma escritura de verdades dos instantes a qual não precisa ser criada em grupo, coletividade, manada.

Em uma educação voltada para o método biografemático, uma professora, esta que inventamos nesse texto, cria sua didática da tradução a partir de biografemas. Fragmentos de vidas. Fragmentos constituídos dos detalhes que tomam sentido no registro e organização de uma escritura. Aquela que pode ser entendida como a narrativa de uma aula, conteúdo em questão, no ato de uma tradução didática. Ao usar os detalhes do cotidiano para compor a criação docente, a criação de uma aula, para trabalhar um conteúdo, os traços biografemáticos surgem de uma zona indiscernível onde não há a distinção entre realidade e ficção (FEIL, 2015), e cria-se uma autobiografemática docente, como uma construção de si, sobre fragmentos que se misturam, funciona como uma autoficção em educação, que a partir dessas (de)composições de si, cria e inventa outros lugares, outros eus, outras aulas, outras docências, conforme aponta Feil o movimento dos biografemas na criação em educação:

Trata-se do encontro entre a ficção e o real, entre o imaginário e a história. E já que ficção e real

confundem-se, os traços biografemáticos podem ser extraídos tanto da vida do autor, como de figuras, personagens, conceitos que movimentam as obras. Tanto as figuras, os personagens, os conceitos são percebidos como reais, como os autores são percebidos como ficções. (FEIL, 2015, p.151)

Os traços biografemáticos podem ser vazios de uma significação prévia, contudo, numa perspectiva barthesiana, esses traços podem tornar-se disparadores de criação, quando algo toca a professora-tradutora e ainda não tem sentido – ou tem e não lhe é interessante – ela é tentada a escrever, criar um sentido para esse algo. Outro ponto que aqui interessa é o sujeito do biografema, o qual o eu da escritura até existe, mas é fragmentário, um sujeito larvar: o biografema lida com o sujeito, mas ele em estado larvar. O biografema como regressão; porém não no sentido cronológico, mas no de regressão ao estado puro, isento de qualidades e organizações. (FEIL, 2015, p.155)

Uma autocriação docente, tal como uma matéria amorfa, substâncias cruas, um corpo sem órgãos no sentido em que, ao contrário de um corpo organizado que trabalha para uma produtividade, inserido na sociedade para um determinado fim, com seus desejos esmagados, pelos sistemas, seus órgãos amarrados e castrados numa lógica moral, a autocriação docente enquanto um corpo sem órgãos que busca se desvencilhar dessa ordem e produtividade, de uma busca de resultados a qual ela foi inserida, para tornar-se produtora de outras realidades, diferentes das

impostas pela ordem moral, pautada e construída em verdades das narrativas educacionais de um fazer docente ideal, que sirva de referência, exemplar, modelo. Um corpo sem órgãos docente, onde as coisas possam fluir, afetar, não sendo um instrumento a serviço, mas um conjunto de experimentações e sensações, potências, afetos e criações em sua docência-aula-pesquisa-escrita.

A escritura biografemática ao ser composta e decomposta em seus fragmentos, ativa um sujeito larvar, tal escritura substitui o sujeito histórico, constituído e dependente de qualidades subjetivas, por um sujeito que só pode ser fragmentado, esboçado, em um movimento, ciclo de composição decomposição, larvar. O qual consegue conservar sensações, através escrita de textos, notas, que posteriormente possam transcriar currículos, inventar docências para cada aula, turma, semestre, evitando a prisão do tédio, do modelo, das regras, da ordem. Aquele tédio da rotina profissional, da sensação de uma repetição cansativa, da qual nada de novo é criado, a sensação de que está apenas reproduzindo a si de forma robótica, diminuindo a vontade de um fazer docente. O qual vai adoecendo e deixando ficar suscetível a castração de regras que limitam ainda mais o fazer docente, a partir de regras e ordens institucionais e sociais as quais determinam o que é, o que pode e o que deve ser feito, anulando aquelas qualidades subjetivas movimentos de invenção de composição, de transcrição.

Esse sujeito larvar decompositor forma o plano de consistência docente, o qual é construído pedaço a pedaço não deixando

do reduzir uns aos outros, contudo, é preciso ter atenção à junção de desses pedaços, podemos formar cruzamentos *fascistóides* da língua, no sentido colocado em *Aula*, de Roland Barthes (2013), onde a língua obriga a dizer, ela é proferida a serviço de um poder, em docências e educação, atenta para os pedaços que podem se ligar e a formação de cruzamentos monstruosos.

Neste texto, iremos pensar plano de consistência de uma autocriação docente, a partir da consistência no sentido de Deleuze, o qual seria:

O conjunto de todos os CsO, pura multiplicidade de imanência, da qual um pedaço pode ser chinês, um outro americano, um outro medieval, um outro pequeno-perverso, mas num movimento de desterritorialização generalizada onde cada um pega e faz o que pode, segundo seus gostos, que ele teria conseguido abstrair do Eu, segundo uma política ou uma estratégia que se teria conseguido abstrair de tal ou qual formação, segundo tal procedimento que seria abstraído de sua origem. (DELEUZE, 2012, p. 22)

Um Corpo sem Órgãos docente começa a ser pensado, a partir dos biografemas, os pedaços vão se multiplicando e juntando-se, o eu-professora entra em um movimento de desterritorialização, experimenta oportunidades no espaço aula, no espaço casa, na universidade, no terreiro de candomblé, linhas de fugas possíveis, vivenciadas. Um Corpo sem Órgãos docente o qual seja Lugar, Plano, Coletivo (agenciando elementos, coisas, vege-

tais, animais, homens, potências, fragmentos de tudo isto, pois não existe “meu” corpo sem órgãos, mas “eu” sobre ele, o que resta de mim, transpondo limiaries) (DELEUZE, 2012, p. 27-28.)

A professora-antropóloga ao viver o campo da educação, transitando por diferentes espaços e ocupando diferentes lugares, ao etnografar a si nos outros, vai compondo um corpo docente o qual se mantém amorfo, com suas consistências em deslocamento, como placas tectônicas, blocos semirrígidos no qual estão em constante movimento de aproximação e afastamento umas das outras, o que resulta na formação de montanhas, fossas oceânicas, atividades vulcânicas, terremotos e tsunamis. Ao encontrar-se uma com as outras, esse choque, produz novas potencialidades afetivas inventivas de criação para pensar sua docência. Os biografemas vão sendo escritos com as inserções vividas na sua saída de campo ao cotidiano, um campo empírico e transcendental da escola, aulas, universidade, itinerários urbanos e suas trocas, portanto, uma saída de campo enquanto suas vivências nos diferentes espaços de educação, os biografemas escritos serão elementos para uma poética de traduzir-se em uma autocriação docente.

Um método de pesquisa

Este texto se afirma como um conjunto de etnografemas em educação, etnografemas sobre e com docências. Uma combinação de métodos, o etnográfico com o biografemático, o que resulta em um método etnobiografemático.

Etno do grego – Ethnos – é referente a uma identidade de origem, com suas crenças, valores, símbolos, mitos, ritos, moral, língua, códigos e práticas. Grafema é a unidade fundamental de um sistema de escrita, uma letra, um sinal gráfico. Um etnografema seria o ethos¹ docente em experiência a partir da escrita dos biografemas, criando e construindo uma docência enquanto uma autocriação de si, compondo com as relações de afetos estabelecidos em sua escritura texto e tradução de sentidos escritos. O etnografema é construído a partir da experiência da professora-antropóloga, escritas de biografemas na educação, criando alegorias, cenas ficcionais para tratar de ideias e conceitos sobre a docência e seus atravessamentos.

Em relação a escrever a etnografia Clifford Geertz escreve sobre Malinowski, que:

“Autor” barthesiano da observação participante, da tradição da escrita etnográfica calcada no “Não apenas estive lá, como fui um deles e fala com sua voz” (embora não tenha sido o primeiro a praticá-la, é claro, assim como Joyce, digamos, não foi o primeiro a usar narrativa do fluxo de consciência, nem Cervantes o primeiro a usar o picaresco), Malinowski fez da etnografia um

¹ Para Clifford Geertz, antropólogo estadunidense, Ethos são os aspectos valorativos, o Ethos de um povo é um tom, o caráter, a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. (Geertz, 2008, p.93)

assunto curiosamente voltado para dentro, uma questão de autotestagem e autotransformação, e fez da redação dela uma forma de autorevelação. (GEERTZ, 2002, p.37)

A noção de etnografia é trabalhada a partir de James Clifford (2014), como uma atividade híbrida, vista simultaneamente como escrita, colecionamento e crítica subversiva. Não havendo fronteiras entre a etnografia, a escrita e a experiência, sendo a experiência a partir do texto e o texto o que abre a experiência para o leitor. Uma experiência que é sempre textualizada. Ao transitar em diferentes espaços com tipos diversos de relações, não apenas espaços ditos tradicionais em educação, tais como; salas de aula de escolas ou aulas da universidade, mas nos menores gestos cotidianos e nas suas relações, e os mais diversos detalhes de vida os quais ganham uma atenção, em notas e escritas. Uma ida ao supermercado, uma semana de trabalho de *tpm*, um *date*² do *tinder*³, uma festa de candomblé, uma conversa na mesa de bar, a participação em um seminário, um corpo tatuado, podem estar produzindo matérias para compor uma criação de vida em docência.

² DATE, (lê-se 'deit') em inglês significa "encontro", uma saída em casal. Quando você marca de sair com alguém, geralmente pela primeira vez, para levar pra um cinema, um restaurante, um bar. Ex. - Hoje tenho 2 dates.

³ Tinder é uma aplicação multiplataforma de localização de pessoas para encontros românticos online, cruzando informações do Facebook e do Spotify, localizando as pessoas geograficamente próximas. Esta aplicação está disponível para os sistemas Android e iOS.

Ao realizar uma escrita etnográfica na qual a experiência é a linguagem, a observação participante coloca os participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução, assim a etnografia está do começo ao fim imersa na escrita. Escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual (CLIFFORD, 2014, p.21). A escrita etnográfica é como um movimento de docência na transcrição de currículos, ou também, etnografemas na construção de uma docência.

A linguagem enquanto experiência pela escrita etnográfica, pode também carregar um tom confessional, como em Michel Leiris (2007), esse tom confessional é também ficção de uma escrita que performativa o real, os biografemas na etnografia. As anotações no caderno, no texto da pesquisa, todos os pormenores e as coisas que a primeira impressão talvez seja insignificante, aquilo que não parece relevante, pode conter e dizer muito sobre o que está sendo pesquisado, pensado. A experiência dessa forma está intimamente ligada a interpretação, evoca uma presença participativa, um contato sensível com o universo a ser compreendido, uma relação de afetos, uma concretude de percepções.

James Clifford (2014, p.34), diz que a “experiência” etnográfica pode ser encarada como a construção de um mundo comum de significados, a partir de estilos intuitivos de sentimento, percepção e interferências. Essa atividade faz uso de pistas, traços, gestos e restos de sentido antes de desenvolver interpretações estáveis.

A partir de então, é possível visualizar a autocriação docente como um fazer etnográfico de experiências de si, a partir dos biografemas escritos em seu diário de campo, texto-pesquisa, os quais resultam em uma leitura tradutória de um fazer docente. A textualização gera sentido por meio de um movimento que isola e depois contextualiza o biografema, em sua realidade englobante, o qual será traduzido em docência, didática, aula.

Os biografemas na etnografia, ou como utilizado nesse trabalho, os etnografemas, performatizam o enredo temático estruturado, em relatos, notas, e produzem biografemas que proporcionam uma postura de escritura e leitura de seleção e valorização dos signos da vida; a qual, ao invés de percorrer as grandes linhas da historiografia, submete o leitor aos detalhes e devires (BANDEIRA, 2017). A escritura dos etnografemas descrevem acontecimentos reais dentro de uma ficção a qual faz afirmações adicionais, morais, ideológicas e mesmo cosmológicas. Sendo alegórica em seu nível de conteúdo (o que diz sobre o tema pesquisado) quanto na sua forma (implicações no seu modo ficcional de textualização).

O conceito de alegoria denota segundo Clifford (2014, p.61) a uma prática na qual a ficção narrativa continuamente se refere a outro padrão de ideias ou eventos, do grego *allos*, “outros”, e *agoreuein*, “falar”, ela é uma representação que “interpreta” a si mesma. A alegoria destaca a poética dos processos de escrita e de tradução, dos processos de pensar uma criação e fazer docente.

Clifford (2014, p.85) pensara a alegoria moderna a partir de Walter Bejamin, a qual está baseada num sentido de mundo como transitória e fragmentária. “A “história” é percebida como um processo, não de vida inventiva, mas de uma “irresistível decadência”. Uma estrutura em constante processo de desaparecimento que convida a uma reconstrução pela imaginação.

TRADUZIR-SE NA PESQUISA: MATÉRIAS DE ESCRITA E CADERNO DE ANTROPÓLOGA

Qualquer coisa pode servir de matéria para escrever, tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma, desejos e coisinhas sem importância, enfim todas as coisas jogadas fora são boas demais para a escrita, assim como todo resto (COSTA, 2007).

Este conjunto de textos são um exercício de escrever com a docência. Uma pesquisa em exercício e que tenta perspectivar das experiências didáticas uma criação docente. É composta de fragmentos de escrita que, a sua vez, vão se compondo com quem as escreve e seus atravessamentos ao pesquisar em educação.

O texto é construído a partir de diferentes recursos textuais, que costurados com leituras, contos e narrativas inventivas e autobiográficas buscam, via ficção, criar cenas que coloquem em evidência os conceitos operados na pesquisa. Dessa forma, o escrever se torna uma potência para criar e pensar a educação de modo inventivo. Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre a tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto. (DELEUZE, 2011, p. 10)

Francisca Helena, Tati, Marja, Gabriela.

A ideia de personagem, como forma tradicional do romance, nada mais é do que um dos compromissos pelos quais o escritor, arrastado para fora de si pela literatura em busca de sua essência, tenta salvar suas relações com o mundo e consigo mesmo (BLANCHOT, 2011, p. 18). O movimento de escrever e criar acontece todo momento, na pausa para levantar e comer bananas, fragmento de quem escreve, potências para criar o texto central, movimento de criação, tal como o movimento de pensar e criar as aulas. A escritora e o escrever, enquanto um fazer, também, de docência e didática, conta com a ausência e a presença do Eu. O Eu que escreve se torna o Eu da escrita.

Trata-se talvez, de uma autocriação docente/escritora construída de renúncias e presenças de si, na criação de uma docência que seja da diferença ou neutralidade, no qual a escritora docente sente cada vez mais a necessidade de manter uma

relação consigo. Experimenta de uma repugnância a renunciar a si mesmo em proveito de uma potência neutra, sem forma e sem destino. A docente deve recordar de si mesma, daquela que ela é quando não está em sala, quando vive sua vida cotidiana, vivente e não agonizante e sem verdades. Porém a forma de recordar a si mesma é o próprio elemento de esquecimento, à docência, pesquisa.

Por isso na presença dos textos fragmentos, processos epifânicos de escrita, os detalhes não são as observações, comentários, conteúdos, recortes literários, mas os detalhes insignificantes que se prendem à realidade cotidiana.

Blanchot em *O espaço literário* (2011), faz referência ao diário como um recurso do escritor. O diário representa a sequência dos pontos de referência que um escritor estabelece e fixa para reconhecer-se. Esse texto se vale de um memorial, mas também é construído a partir do arquivo de processos epifânicos de escrita, com histórias, textos, registros, observações, pequenas narrativas que compõem a elaboração do texto-pesquisa.

Uma escrita que expõe acontecimentos, traumáticos ou não, mas em todo caso íntimos e as vezes alheios, da “realidade”. Escrevem-se em continuidade com os dados da realidade, assinalados através de nomes próprios e dados biográficos, e renunciando a uma elaboração linguística da ordem da pura *literariedade* (KLINGER, 2014, p. 41).

Não importa se é ou não ficção, literatura, o que é. O que importa são as potências de criação e de crítica, a partir de um caráter autônomo no qual se recusa os funcionamentos da lógica da sociedade capitalista e suas instituições e modos de produzir na pesquisa e na educação, portanto escrever e despersonalizar o sujeito que vive e escreve, colocando em cenas textuais as questões elaboradas em educação pela professora-escritora-antropóloga-filha-pesquisadora-lésbica.

O texto, ao despersonalizar o sujeito que vive e escreve, realiza escrita de vida. Realiza intersecções entre vida e escrita, não fazendo a obra parecer-se com a vida, mas a escrita conduzir a vida. Quanto mais fragmenta escrita e vida, mais cada fragmento se torna homogêneo. O movimento se processa com a natureza de uma escritura fragmentaria, viver como quem escreve. Escrever vivendo, viver escrevendo. Reviver. Fabulações de gostos, des-gostos, descobertas, sensibilidade, estados d'alma, imagens, poses, figuras, músicas, afectos. (CORAZZA, 2015, p. 26-27).

Autobiografemática no fazer etnobiografemático

Escrevendo uma “rapsódia de vida, sem respeitar o todo e reduzindo o universo a “sistemas de instantes”, essa escritura compõe uma “arte original, como é a da costureira: peças, pedaços são submetidos a cruzamentos, a arranjos, a ajustes”; e cujos os “fragmentos intelectuais ou narrati-

vos” formam “uma sequência que se subtrai à lei ancestral da Narrativa ou do Raciocínio”, produzindo “a terceira forma, nem Ensaio, nem Romance”. (BARTHES Apud CORAZZA, 2013, p. 115)

A docência está implicada na escrita, docência e escrita-pesquisa formam uma zona de intersecção e uma experimentação de um conjunto fragmentário que não busca por verdades sobre a docência ou pesquisa-escrita em educação. Trata-se de uma escrita-pesquisa-docência que opera a partir do método da *autobiografemática*, que lida a biografia pelo desdobramento *barthesiano* de biografema, assumindo, por meio de uma operação textual, a concepção de uma automodelagem em educação como entobiografemática em educação. A noção de automodelagem de Greenblatt, é expressa por Clifford, da seguinte forma:

O eu modelado, ficcional, é sempre situado com referência à sua cultura e modos codificados de expressão, à sua linguagem. O estudo de Greenblatt conclui que a automodelagem renascentista era tudo, menos a incontida emergência de uma nova autonomia individualista. A subjetividade que ele encontra “não é uma epifania da identidade livremente escolhida, mas um artefato cultural, pois o eu se movimenta dentro de limites e possibilidades que resultam de um conjunto institucionalizado de práticas e códigos coletivos. (CLIFFORD, 2014, p.93)

O que esse texto procura desenvolver é uma escrita ficcional como potência para pensar à docência e a aula. A ficção enquanto poética de tradução criadora que alarga essa noção para a educação. Trabalha a ficção como potência ao criar experimentações, que busca aproximar a escrita da didática, para tanto, cria personagens que colocam em cena a poética da aula e da docência. Trata-se de atuar na pesquisa por uma perspectiva narrativa que se admite como inventiva ao trabalhar questões sobre a realidade dos acontecimentos da educação, pois entende que, “não existe teoria que não seja um fragmento cuidadosamente preparado de alguma autobiografia.” (VALÉRY Apud ADÓ, 2015b, p. 273,).

Ao despersonalizar o sujeito que vive e escreve, realiza escrita de vida (CORAZZA, 2015, p. 26). Cria a narradora do texto, ao fragmentar a autora da pesquisa. Inventa a autora ao pulverizar a narradora da dissertação. Ao encontrar o real da ficção ou, quem sabe, o real da realidade (CORAZZA, 2015, p. 26). Realiza a escrita de outras experiências, como um mundo possível em educação, reelabora cenas de cotidianidade, escreve com Francisca Helena, Tatiele, Marja, Gabriela, Danielle, desse modo a autora dos textos não tem unidade, ela é cada vez aquela que vai escrever o eu; eu é cada vez aquela que, começando a escrever, vai no entanto entrar na pré-criatura que lhe deu origem (CORAZZA, 2015, p.27). A partir da escritura de biografemas em educação, cria-se uma autobiografemática para pensar a formação docente como autocriação, partindo de anotações em um caderno de antropóloga, a

pesquisadora e também professora, inventa etnografemas de vidas docentes atravessadas com etnobiografemas em educação. Dessa forma, como escreveu Corazza, os detalhes breves do cotidiano são apreendidos e potencializados em uma escrita para pensar a pesquisa.

Ao ligar e desenvolver os incidentes, tecemos “uma narrativa, ainda que frouxa”, com os seguintes traços estilísticos: aventuras infinitesimais; incongruência mínima; rápido deslocamento na apreensão do cotidiano; detalhe que toca; acontecimento minúsculo; impressão breve; diálogos descontínuos e rápidos; dobra sutil nos tecidos dos dias; modo menor de enunciações não argumentativas, mas toques, diante de acontecimentos fortes (midiáticos, políticos). (CORAZZA, 2015, p.37)

FOLHAS ARRANCADAS: FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO

As peles que me habitam: o drama do eu e o começo da escrita

Escrever, é no mínimo cinco vezes mais assustador que filmes de extraterrestres, a cena de autópsia extraterrestre que passou no Fantástico, um programa em forma de revista eletrônica, o programa mistura jornalismo, denúncia, esporte, humor, dramaturgia, música e ciência., ou nos programas especiais de ufologia do Globo repórter, outro programa sobre atualidades que mistura diferentes temas em edições especiais, que abordavam o assunto de forma exclusiva e detalhada o episódio todo, ambos programas da principal emissora de televisão do Brasil. Conto isso, pois, tenho enorme medo de extraterrestres (isso tem uma explicação na infância). Escrever é algo revelador, a escrita nos revela, expõe o que pensamos e sentimos, logo o que/quem somos. Revelar-se exige coragem, pois podemos estar à mercê das aprovações e reprovações dos outros, e mesmo que venhamos a dizer que não, que não nos importamos com o que o outro pensa. Sempre dependerá de quem é esse outro e como será sua leitura. Talvez não nos importamos com a opinião da grande maioria, por elas não terem significado ou importância para nós, ou melhor, não termos

estima por elas. Logo o que elas pensam ou deixam de pensar, não nos afetará, ou pouco nos importa. Porém, sempre terá uma parcela, que por vezes possa ser pequena, de pessoas que nos importam em maior grau, e para elas, teremos cuidados e dosagem de revelações, exposições e demonstrações, pois queremos elogios, aceitação, respeito, afetos.

Aqui será exposto parte das potências e movimentos que habitam em mim, exposição que talvez eu nunca tenha feito, pois não tenho o habito de mostrar minha escrita para que seja lida. Portanto escrever para ser lida, assusta um pouco, cada vez menos, mas assusta um pouco. Isso não é uma reclamação, talvez um pouco, mas gosto do desafio de tirar as armaduras e ficar apenas com as tatuagens expostas no corpo nu.

Quem escreve esse texto que se pulveriza em outros num retorno e criação de si, é uma *ex* aspirante a socióloga, uma professora sapatão tatuada candomblecista, que fantasia escritas que produzam pesquisas em educação. A partir da criação de personagens, histórias, que são como peças de um mosaico em construção. O desenho final do mosaico pode ser de uma foto 3x4 minha, pode ser de uma 3x4 de quem lê, pode ser um álbum de fotografias de gente desconhecida. Vocês já encontraram fotografias de pessoas desconhecidas pela rua? As vezes espalhadas próximas ao lixo? Já pensaram em recolher essas fotografias desconhecidas encontradas e montar um álbum com elas e suas possíveis histórias? Talvez como no filme *Amélie Poulain*, filme francês de direção de Jean-Pierre Jeunet,

onde o personagem Nino Quincampoix, cria álbuns a partir dos fragmentos de fotos descartadas.

Tenho o hábito de imaginar as possíveis vidas das pessoas, não só com fotografias aleatórias, mas enquanto caminho a noite e olho para dentro das janelas iluminadas dos apartamentos e consigo avistar um pouco da decoração, dos espaços da casa, começo a fantasiar o tipo de pessoa que mora ali, a vida que leva, os gostos.

Tatuagem

As tatuagens expostas nesse corpo; sobre elas, os comentários mais frequentes repetitivos e chatos são: Qual o significado? Todas elas têm significado? E quando ficar velha? Não se arrepende? E se tu ficar arrependida? Enjoar? Como vai conseguir emprego? E os concursos públicos? Uma mocinha tão bonitinha fazer isso! Agora chega né? Vai tatuar o corpo todo? Gosta de sentir dor né? Ah, tu não sente dor?

Apesar da relação da tatuagem com o olhar do outro, elas não possuem, não as minhas, um significado concreto, para responder algumas dessas perguntas. A tatuagem é uma escrita no corpo, elas contam histórias, memórias, arquivos, desviam o olhar de algo, uma singularidade de marcas e traços, registros.

Meu mini inventário de um braço só: Nunca contei quantos desenhos tenho, lembro da maioria, gosto de todos. Seria difícil e cansativo descrever meu corpo e os desenhos que ele carrega, assim como algumas histórias que contam. Contu-

do, como um exercício descritivo, tentarei aqui com meu braço direito. Começando pela parte superior da mão, uma borboleta colorida no estilo *old school*⁴, logo acima pela parte de fora do braço uma ampulheta preta, um tritão, pirâmide com olho dentro, *pin-up*⁵ marinheira, lobo mau andando de bicicleta, na parte interna logo no punho um leme, o desenho de uma latinha de cerveja *duff* acompanhada de três estrelas pequenas, no lado da lata de cerveja *duff* dos *Simpsons*, um tridente amarelo, acima das estrelas ao lado da pirâmide com olho dentro, uma ancora pequena e azul, na parte interna central do braço acima das três pequenas estrelas, um unicórnio vomitando um arco íris, uma flor azul, cruz Ansata, farol próximo ao ombro. Seria legal contar que a cruz Ansata foi talvez a terceira tatuagem que eu fiz, eu fiz depois de uma pesquisa adolescente de significado da cruz, logo depois que eu tatuei, minha primeira namorada invejosa fez uma também. Mas a dela ficou feia em relação a minha. Paguei essa tatuagem com a venda da minha

⁴ O Old School é um estilo de tatuagem ocidental tradicional com contornos pretos fortes e uma paleta de cores limitada. Seu surgimento foi lá pela década de 1890, mas sua popularização aconteceu em 1920. Já que muitos tatuadores se instalavam perto de bases navais nos EUA, a tinta era vista na pele principalmente dos marinheiros, enquanto os desenhos contavam sobre suas viagens e aventuras.

⁵ A expressão ficou muito conhecida porque durante o período da II Guerra Mundial, os soldados tinham o hábito de pendurar essas imagens nas paredes dos alojamentos. A expressão pin-up se tornou popular no início da década de 40. As pin-ups, também chamadas de pin-up-girls, eram representadas por imagens de mulheres mais sensuais ou provocativas, mas que transmitiam um pouco de ingenuidade.

Marcela Cristina da Rocha

guitarra *Eagle* azul, que eu havia ganhado de quinze anos e não tocava pois não tinha amplificador. Eu tocava guitarra numa banda de reggae que se chamava “Pra Jah”, eu e mais três amigos da rua, a nossa banda tocava uma única música completa e o refrão de mais três.

Algumas tatuagens podem ser aberturas, desdobramentos, passagens para histórias, arquivo, períodos da vida relacionado a alguma coisa, ou não. Quando afirmo que a tatuagem tem muito do olhar do outro e da relação que tenho com esse outro e dessa forma como elas reverberam no outro vão ser de diferentes formas, pois depende de quem olha e da relação existente ou não, seguem fotografias registradas com/por minha namorada, ela tem o hábito de me fotografar.

**Fotografia para Gabriela;
Selfie Nudes de câmara frontal
de *smartphone*;
Verão de 2018 - Porto Alegre.**





Fotografia de Gabriela Dutra Cristiano; Smartphone; manhã de outono – Porto alegre 2018.

Um pouco de história

Através das primeiras viagens marítimas, temos registros da história da tatuagem. Marco Polo escreve em suas descrições da Ásia do século XIII, sobre o colorido da tatuagem no continente, onde segundo ele, era comum o corpo coberto por desenhos de leões, dragões, pássaros e outras figuras. Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio também apresentam relatos de pintura corporal (nem sempre tatuagens) nas sociedades americanas.

Em 1769 o capitão *James Cook*, em viagem pelo Taiti descobre a tatuagem e é graças a ele a palavra tatuagem (*tattoo*) entra para a língua inglesa, através de uma adaptação sua para

as palavras taitianas e samonas “*ta-tab*” e “*tab-tab-tow*”, que significavam marcar o corpo. (LEITÃO, 2004)

Nos anos 40 e 50, a tatuagem surge como símbolo de classes marginalizadas, marinheiros, prisioneiros, soldados de guerra, voltavam para casa tatuados. As marcas, registros, colocam no corpo biológico a subordinação de uma vontade (social, emocional, cultural, estética, etc). Gilberto Velho fala da sociedade urbana ocidental na qual as noções de biografia e projetos individuais são centrais (VELHO, 1994), noções que são permeadas pelo conflito entre individualização (autonomia do sujeito) e totalização (lugar do sujeito no corpo social), sendo inviável pensar o projeto como um fenômeno puro, interno. Tais ações individuais estariam inscritas num campo de possibilidades, e relacionadas histórica e culturalmente (LEITÃO, 2004).

Corpos riscados⁶, a tatuagem tem a capacidade de produzir uma presença, a qual se relaciona com olhar do outro, presença que pode disparar diferentes reações, opiniões, relações com o externo. Os riscos no meu corpo, alguns carregam sentimento, passagem de vida, referência, homenagem, gosto estético pelo estilo *old school*, disfarce, sensualidade, exibição, timidez, erotização, defesa, fuga. Repito, não costumo pensar sobre elas, penso só no momento de criar, ter uma ideia de desenho, sei que elas estão aqui, gosto delas, sei dos olhares, sei do que elas produzem nos diferentes campos da minha vida, na

⁶ Expressão usada para pessoas com tatuagens. Cheia dos riscos/desenhos; muitas tatuagens.

minha docência ou tentativa de, pois nem sempre há vaga para professoras tatuadas.

Nas entrevistas de emprego as tatuagens são como ameaças para as instituições de ensino, a imagem de uma professora tatuada parece altamente perigoso, subversiva, talvez cheia de vícios, talvez alcoólatra, ou quem sabe irresponsável e muito loucona, imaturidade, ou que não passará confiança para a turma, que não tem condições, ou melhor, não tem um perfil para ser professora. Os processos seletivos os quais participei e foram muitos em instituições de ensino privado, sempre fui com o corpo mais coberto possível, mesmo que algumas marcas não sejam possíveis de esconder (alargador, sexualidade e algumas tatuagens). Sinto que a docência ocupa esse lugar de referência, de modelo, exemplo, o que reforça a frase que com alguma frequência é dita: *“A professora deve ser o exemplo”*. Exemplo de que? Do que se trata esse exemplo? Meu corpo também é parte desse conjunto que a comunidade escolar (instituição, família e educandos) chamam de exemplo. O que torna bem difícil aceitar a ideia de uma professora com tatuagens, alargadores, guia de santo e uma performance sapatão.

Esses desenhos marcados no corpo, falo deles pois para mim é quase inevitável pensar a docência e pesquisa em educação, sem citar a presença deles e os diferentes efeitos que produz nas instituições de trabalho, salas de aula, colegas professores, alunos, coordenação, mães, a comunidade escolar. Às vezes me deixa de fora, as vezes impressiona e ajuda, as vezes

gera um incomodo, desconfiança, as vezes a força de um diferencial, representação da criatividade, personalidade, ousadia. São várias e diferentes potências as vezes produzidas.

Nos processos seletivos de emprego essa imagem torna-se uma barreira que produz medo, receio, insegurança, não sei o que mais nos produz caretas, o que mais nos incomoda. No local de trabalho é uma constante afirmação da minha docência, que passa em constante disputa com o preconceito e o conservadorismo de quem paga o salário e não consegue aceitar uma imagem docente com um corpo desenhado. Afirmação que precisa ser comprovada mensalmente com um comentário de retorno positivo em relação as minhas aulas, conteúdos, ao meu modo de fazer uma docência diferente, a qual se comprova a partir dos comentários de alunos e de um retorno positivo deles por mim/minhas aulas.

A sala de aula é um lugar em que as tatuagens funcionam, elas são parte positiva da minha criação docente, produzem afetos de confiança, atenção, curiosidade, e talvez uma identificação, uma aproximação com os estudantes que compartilham comigo a docência, admiração, curiosidade, não sei, sei que as turmas parecem gostar bastante das tatuagens ou a ideia da professora ser tatuada. E contrário ao que pensa as caretas das instituições de ensino, a imagem cheia de desenhos, a qual talvez crie uma zona de vizinhança com os alunos e não de distinção, auxilia ao produzir um respeito pela docência, de respeitar a aula, a fala, os momentos propostos em aula. Essa

imagem riscada, marcada, pode produzir um bom acolhimento, ela pode ser bem recebida em algumas situações ou não, ou ser rechaçada, de qualquer forma sua presença riscada estará atuando e atravessando a docência e suas relações institucionais ou didáticas.

Uma filha de Ogum

Marcada por forças africanas do candomblé de angola, no qual sou filha de Ogum com Iansã, orixás que representam a guerra, arquétipos dos filhos descritos como pessoas de personalidade explosiva, intempestivas, intensas, teimosas. Ogum é o orixá da guerra, da coragem, o protetor dos templos, das casas, dos caminhos, foi Ogum quem ensinou aos homens como forjar o ferro e o aço. Ele tem um molho de sete instrumentos de ferro: alavanca, machado, pá, enxada, picareta, espada e faca, com as quais ajuda o homem a vencer a natureza. O arquétipo dos filhos de Ogum são o tipo das pessoas fortes, aguerridas e impulsivas, incapazes de perdoar as ofensas de que foram vítimas. Pessoas que perseguem energeticamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente. daquelas que, nos momentos difíceis, triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda a esperança. São pessoas de humor mutável, passando de furiosos acessos de raiva ao mais tranquilo dos comportamentos. Tradicionalmente Ogum é visto como uma poderosa divindade dos trabalhos em metal e senhor da guerra, semelhante à Ares na mitologia grega e

Ganesha na mitologia hindu. É poderoso e triunfal, dá força através da profecia e magia, e é procurado para ajudar as pessoas a dar resposta às suas necessidades.

Iansã cuida do meu corpo, a orixá Iansã é uma deusa guerreira, senhora dos ventos, raios e tempestades. Ela comanda os espíritos mortos com um rabo de cavalo, conhecido como *Eruexim*⁷ – um dos seus símbolos. Embora seja saudada como a deusa do rio Níger, está relacionada com o elemento fogo. Na realidade, indica a união de elementos contraditórios, pois nasce da água e do fogo, da tempestade, de um raio que corta o céu no meio de uma chuva, é a filha do fogo-Omo Iná. A tempestade é o poder manifesto de Iansã, rainha dos raios, das ventanias, do tempo que se fecha sem chover.

Sou forjada por panteão africano, astrologia, fogo, trovão, água, escudo, espada, búfalo, peixe, lágrimas, gritos, elementos que compõe parte do que sou, meu eu, *Eus*.

Diversas são as formas de representação ou apresentação pessoal. São diferentes as composições, conjuntos de signos que compõem, forças que regem meu corpo.

*Não mexe comigo, que eu não ando só
Eu não ando só, eu não ando só
Não misturo, não me dobro*

⁷ Confeccionados com cauda de boi, de búfalo ou de cavalo, têm as finalidades de: afastar os espíritos para o seu espaço sagrado; eliminar as adversidades da comunidade; e de atrair a fartura e prosperidade. Na África, os babalaôs e nobres os usam como símbolos de status, utilizando-os também para espantar moscas.

*A rainha do mar anda de mãos dadas comigo
Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta
pra mim
Garante meu sangue, minha garganta
O veneno do mal não acha passagem
E em meu coração, Maria acende sua luz e me aponta
o caminho
Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã
Giro o mundo, viro, reviro
Tô no recôncavo, tô em fez
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma
Traço o cruzeiro do sul com a tocha da fogueira de
João menino
Rezo com as três Marias, vou além
Me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos
vales, montanhas
Durmo na forja de Ogum, mergulho no calor da
lava dos vulcões
Corpo vivo de Xangô
(Carta de amor, 2012, Maria Bethânia e
Paulo Cesar Pinheiro)*

Sol em peixes com ascendente em leão, lua em capricórnio e vênus em touro, para entendedores de astrologia e mapa astral, com estas informações já é possível desenhar uma imagem dos meus pensamentos, comportamento, sentimentos e tendências. Sol minha essência, plano mais profundo, sendo ele em signo de água, logo uma pessoa de alta sensibilidade, emoções, sonhos, loucuras. Ascendente é minha imagem física, como me mostro ou sou vista, portanto, fechada, orgulhosa, determinada. E assim segue diferentes leituras que sofrem alterações constantes devido aos trânsitos planetários, aos mo-

vimentos dos dias e das noites, fases da lua, que alteram e mexe com todo meu mapa, meu ser, estar.

Com esta cartografia e os movimentos dos astros, as aulas vão sendo criadas com aquilo que está sensível, em evidência, com o que incomoda, assunto que afetou e como afetou, que é transposto nos conteúdos e expostos na minha performance, normalmente com muito humor, alguns ciclos do mês irritada e sem paciência, mais exigente, as vezes com mais preguiça. Essa cartografia também tem relação com quem se troca, importante pensar o mapa astral da turma, não que eu faça um mapa astral da turma, mas a signos e trânsitos que tendem a ser mais ativos, passivos, dinâmicos, alegres, apáticos. Dessa forma, a autocriação docente está em movimento com a criação deles e assuntos apontados, com o currículo e com o que é apresentado em aula, por eles e por mim. Para Klinger (2014), o sujeito é pensado a partir de seus encontros, a noção de afeto é pensada como possibilidade de pensar modos de subjetivação, linhas de fuga de modos favorecidos pela lógica do capital. A relação docência-aula-alunos atravessada por uma imagem docente e afetos produtoras de aprendizagens.

Para aqueles apreciadores de astrologia, farão uma leitura a meu respeito, criarão uma ideia, uma imagem sobre minha pessoa; para conhecedores das religiões de matrizes africanas, desenvolverão uma impressão da minha personalidade com base nos arquétipos dos meus orixás. Há também quem não creia em nada disso, realizara sua leitura com olhar através das

minhas roupas, tatuagens, talvez na minha fala, minha performance de gênero e sexualidade. As leituras são realizadas da mesma forma com a qual traduzimos currículos, transpomos conteúdos, criamos aulas, ou seja, a partir do que acreditamos, pensamos, a partir de nós. Logo, não será possível uma definição clara ou conclusão sobre a docência. É possível criar leituras, traduções, ideias sobre esse texto, sobre essa escrita, sobre quem escreve. Assim como quem escreve e pensa, a educação está em movimento, há nela mudanças, fugas, encontros, desencontros, trocas, dialogando com os diferentes cosmos encontrados nas salas de aulas, seminários, escolas, livros, cafeterias, terreiros, modos de subjetivação em trânsito com experiências, passagem de tempo, representações e múltiplas criações, para Deleuze:

O Eu [Moi] está no tempo e não para de mudar: é um eu passivo, ou antes, receptivo, que experimenta as mudanças no tempo. O Eu [Je] é um ato (eu penso) que determina ativamente minha existência (*eu sou*), mas só pode determiná-la no tempo, com a existência de um eu [*moi*] passivo, receptivo e cambiante que representa para si tão somente a atividade de *seu próprio* pensamento. (DELEUZE, 2011, p. 43)

Desse modo, escreve-se para realizar uma pesquisa em educação, mas também se escreve para renovar as forças através da escrita, recuperar uma força que os boletos mensais, a burocratização da vida acadêmica, os prazos, as bancas, a jornada

de trabalho nos tomam, encontrar alguma coisa, acreditar em alguma prática. Escrever enquanto uma ética, uma prática de si, pensando o texto como uma potência ou uma força de resistência. (KLINGER, 2014). Pretendemos que aqui seja possível expor o que é pensado, vivido, criado, dito, não dito, sofrido, em educação, no criar docência, nas salas de aula, nos textos que lidos. Aquilo que faz sentido, que incomoda, que está errado, aquilo que talvez seja o melhor ou mais adequado, aquilo que talvez funcione melhor, aquela aula diferente para aquela turma apática, uma novidade que talvez eles gostem, estresse institucional, tudo a partir do exercício de escrever, escrever tudo de todas as formas.

A pesquisa biografêmica possibilita uma potencialidade de criação, fabulação, de *transcrição* de vidas novas, aventuras de vidas e de escrituras. O texto é um objeto de prazer, e este prazer se realiza de maneira profunda nos momentos em que o livro transmigra para dentro de nossas vidas, quando a escritura do outro escreve fragmentos de nossa própria cotidianidade. (COSTA, 2015, p. 106)

Tal método auxilia aproximar o texto das diferentes escritas e leituras em educação, das diferentes relações e acontecimentos entre docência e didática, criação docente e aula, didática e alunos, instituição e currículo, e outras tantas combinações que tornam a educação um infinito campo de possibilidades e diferenças, disputas, conflitos, microcosmos num macrocosmo que diferem em tentativas de encontrar pontos de convergên-

cias, zonas de intersecção, território de todos, território tirano, impositivo, determinante e castrador, as vezes criador, potente, libertador, fuga do armário, encontro de pares.

A escritura biografemática efetiva, assim, uma “anamnese factícia”, como “recordação errática, caótica”, atribuída ao autor que amamos; ou seja, mistura gozo e esforço e nos faz “reencontrar, sem ampliar nem fazer vibrar, uma tenuidade de lembrança”. Anameses que, quanto mais forem foscas, insignificantes, isentas de sentido, impedindo qualquer indução, mais chances terão de escapar ao imaginário. (BARTHES Apud CORAZZA, 2013, p. 111)

Se algum saber for produzido, este será apenas uma perspectiva entre outras e não um conhecimento único e eterno sobre todas as realidades. Uma formação docente de composições, a partir bagagens, caminhadas, escritas de vida, que diferem das demais docências e fórmulas, técnicas de didáticas, uma docência inventiva a qual se permite modificar, criar e *transcriar* com outras leituras e experiências, com as diferenças do universo educacional em constante transformação. Pois, a principal matéria didática é a vida e seus encontros, os quais possibilitam criar:

A principal matéria da DidáticaArtista é a vida mesma, promovida por encontros com formas de conteúdo e de expressão do mundo histórico, filosófico, geográfico, científico, artístico e linguístico. Ao mesmo tempo em que se apropria

dessas formas, desafia línguas que as produziram, liberando-as dos meios que as articularam. Conserva, no entanto, traços dos elementos originais, transformando-os e agenciando-os de maneiras inusitadas. O seu realismo não se reduz, assim, à mimese do real; desde que busca, aí, o outro misterioso da realidade, que possibilita a existência didática criadora. (CORAZZA, 2013, p. 206)

Outros tempos

Se o *Eu* determina nossa existência como a de um eu passivo e cambiante no tempo, o tempo é nossa relação formal segundo a qual o espírito se afeta a si mesmo, ou a maneira pela qual somos interiormente afetados por nós mesmos. O tempo, portanto, poderá ser definido como o Afeto de si por si, ou pelo menos como a possibilidade formal de ser afetado por si mesmo. (DELEUZE, 2011, p.44)

A experiência a partir de Larrosa (2002), seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios; foram matéria para pensar essa escrita, minha primeira experiência profissional, que foi com tradução e *transcrição*. Eu era contadora de histórias do projeto de extensão, “conta mais”, a atividade exercida era a seguinte: Escolhia uma história com a qual eu me identificasse, gostasse, curtisse, tivesse vontade de contar. Criava uma forma de contar essa história a minha maneira.

Criação das vozes dos personagens, momentos, cenas, tempos, música, dança, movimentos do corpo, recursos de flanelógrafo, uso de objetos, tudo a partir da minha leitura e como eu queria contar a história escolhida. As histórias podiam conter minha criação, alteração do seu formato, quase uma imagem didática de tradução de currículo, de como criar uma aula. Uma experiência incrível, rica de aprendizagem, prazer, atrasos, formação em educação. Depois de um ano e meio nessa *artistagem*, succumbi ao uniforme acadêmico, ao pensamento estruturado estruturante estruturador das ciências sociais, ser pesquisadora, produzir conhecimento legítimo, dados, hipóteses, objetivos. Foram três anos de pesquisa que atingiu seu ponto de saturação, nada a declarar.

Devir-viagem. A *artistagem* docente expressa-se pela exploração de meios, realização de trajetos e de viagens, numa dimensão extensional. Dimensão, para qual não são suficientes os traços singulares dos implicados no trajeto, mas, ainda, a singularidade dos meios refletida naquele docente que o percorre: materiais, ruídos, acontecimentos. (CORAZZA, 2013, p.131)

Experiências de docência em devir-simulacro, no programa Jovem Aprendiz de educação profissional, no qual pensava as aulas de forma livre, com uma autonomia para criar e realizar as aulas com movimentos conduzidos pela turma, questões trazidas e/ou vividas, elaboradas em conjunto e contextualizadas com realidades e acontecimentos.

(...)devir-simulacro é o próprio processo do desejo de educar. Isto é, a partir do educador que é; dos fundamentos, metodologias, pedagogias que aprende; de como sabe exercer a profissão; o professor-artista entra na zona de vizinhança – que marca o pertencimento a uma mesma molécula, independentemente dos sujeitos e das formas – do desejo, ou em sua co-presença, entre as partículas extraídas do que carrega em si e que não mais pertencem ao que ele é, ao que possui, a como ensina. (CORAZZA, 2013, p.26)

Dessa forma, as *transcrições* aconteciam de acordo com o momento e atores envolvidos. O trabalho de conclusão ou método de “avaliação final”, era pensado em conjunto com a turma e consistia em criar um projeto, a partir de uma temática específica escolhida por todos, que seria explorada em todas suas dimensões. A turma operava de forma conjunta e não fragmentada, não com distinções, não havia preocupação com conceitos, notas, competição interna, vergonha, receios do outro. As aulas aconteciam, seguíamos nosso fluxo, criações, afetações. Um laboratório experimental das minhas leituras *fá-cedias*, aula reflexo da aula cadeira (disciplinas acadêmicas), pensamentos, traduções e experiências.

Nos impregnamos por aquilo que nos propomos pensar, a partir das leituras de Deleuze, Guattari, Nietzsche, Foucault, Barthes, Blanchot, Klinger, Corazza, Adó, Galeano. O pensamento estruturado e estruturante é fraturado diariamente, aquele que foi construído na graduação em um formato positivista de conhecimento, produtor de dados legítimos compro-

vados a partir de pesquisas de campo, amostras, cruzamento em *softwares* de interpretação de dados, criação de gráficos, desmanchando-se a cada página lida e escrita, tal qual um osso de um idoso com osteoporose, que não tem mais força para sustentar concepções ultrapassadas sobre educação, as quais apontam receitas didáticas, regras de aula, postura docente, modelos de aula, separação entre teoria e prática.

Surgem diversas perguntas a cada texto, aula de seminários; como ondas de um mar revolto batendo e destruindo as construções costeiras que alteravam a vegetação nativa, destruindo os quiosques de milho da beira da praia, abrindo para uma paisagem limpa, selvagem, sem construções humanas. Um novo cenário se forma, a restinga se espalha, nesses espaços, novos fluxos de aves, reproduções de espécies que ocupam sazonalmente o território, esse território não é mais de domínio do vendedor de milhos, contudo, ele pode atravessar a vegetação para dar um mergulho no mar.

Pensar a educação é um constante movimento, muitas vezes tão agitado que pode ferir, machucar o ego, o cenário é destruído e reconstruído ou substituído. Aqui observo e crio indagações sobre como traduzir, na materialidade de uma escrita, a experiência de uma aula, seus gestos e estereótipos, suas potências e seus efeitos? Como traduzir o cotidiano da docência, acontecimentos mínimos que sobrevivem ao esquecimento e que conformam uma criação de si como identidade docente? O que fazer com isso? O que fica?

Quando Lucia Peláez era pequena, leu um romance escondida. Leu aos pedaços, noite após noite ocultando o livro debaixo do travesseiro. Lucia tinha roubado o romance da biblioteca de cedro onde seu tio guardava os livros preferidos. Muito caminhou Lucia, enquanto passavam-se os anos. Na busca de fantasmas caminhou pelos rochedos sobre o rio Antióquia, e na busca de gente caminhou pelas ruas das cidades violentas. Muito caminhou Lucia, e ao longo do seu caminhar ia sempre acompanhada pelos ecos daquelas vozes distantes que tinha escutado, com seus olhos, na infância. Lucia não tornou a ler aquele livro. Não o reconheceria mais. O livro cresceu tanto dentro dela que agora é outro, agora é ela. (GALEANO, 2018, p. 20)

ETNOGRAFEMAS: CENAS E ESCRITURAS.

Molho de tomate

Vou contar experiência de Danielle no almoço, que é agora matéria de escrita e que poderá ser amanhã matéria de aula. Importante frisar que não me refiro à matéria de conteúdo curricular, será matéria de criação para o conteúdo curricular trabalhado em aula. Não se trata de uma queixa para a turma sobre uma experiência vivida com molho de tomate, e sim sobre *transcriar* em aula essa experiência tecendo com o conteúdo proposto pelo currículo.

Era um final de semana e Danielle estava com fome, porém sem alguma inspiração para escrever ou cozinhar, ou apenas preguiça para ambos. Resolveu que iria recorrer a ideia mais prática, um cachorrinho do tipo cachorrinho de festa de aniversário, aqueles em pão massinha de tamanho pequeno, molho de tomate misturado com salsichas em rodelas ou picadas, que deixam um tom avermelhado no guardanapo.

Tinha em sua casa, o pão massinha, um pacote de linguiça calabresa defumada fininha, meia cebola, um sachê de maionese, cebolinha (temperinho verde) picado e congelado. Faltava apenas um sachê de molho pronto de tomate, para tornar tudo prático e rápido, bastando que fosse cortada a cebola e a linguiçinha, uma refogada, acrescentar o molho pronto nos ingredientes refogados, abrir o pão, passar a maionese e depois colocar o resultado do procedimento anterior.

Foi até o supermercado de uma rede grande de supermercados da cidade, buscar o ingrediente que faltava, um sachê de molho de tomate. Optou por comprar de uma marca um pouco mais cara e conhecida pela qualidade do sabor dos seus produtos, e como o molho seria apenas o sachê pronto, sem utilizar tomates e outros temperos, achou justo gastar oitenta centavos a mais.

É domingo, o domingo de um final de semana de feriadão, pois terça-feira será dia primeiro de maio, dia do trabalhador, portanto feriado. As pessoas que restaram em Porto Alegre no bairro Cidade Baixa, resolveram todas se encontrar

no supermercado no mesmo horário, que com a falta de parte significativa da equipe de funcionários, a loja operava apenas com dois caixas, um para idosos e gestantes, e outro para os demais consumidores. Ambos os caixas, tanto o de idosos tinha uma grande fila que entrava corredor, quanto o outro caixa geral e único que sua fila dobrava em dois corredores do mercado. O tempo de espera era maior que o tempo que Danielle levaria para cozinhar qualquer outra receita que não o tal cachorrinho de festa de aniversário, porém, depois que se cria uma ideia de uma refeição na mente, o estomago se prepara para receber isso e não aceita aquilo outro.

Aproveitou o tempo de fila para pensar sobre sua vida afetiva, inseguranças, seus sentimentos em relação ao boy, inventar situações, fantasiar coisas. O que algumas pessoas costumam fazer ao andar de ônibus, como não possui o hábito de andar de ônibus, utiliza desses momentos para criar vidas imaginárias. Suas e de personagens, tipo o livro de Marcel Schwob, *Vidas Imaginárias*. O tempo passa, e Dani acha que tem ideias incríveis, pensa que deveria escrever sobre isso que viajava em seus pensamentos, passa também a ideia, é atendida, caminha para casa, não escreve.

Cortou a metade da cebola que tinha, cortou em rodela duas linguicinhas, refogou na manteiga, abriu o molho de tomate e por alguma razão esotérica instintiva, pegou uma colher para analisar o molho antes de virar o sachê na panela. Para sua surpresa o molho tinha pequenas larvas. Desligou o fogo

que refogava sua elaborada mistura de cebola e linguicinhas na manteiga, e começou a procurar a data de validade do sachê. A embalagem não tinha data de validade. Foi consumida pela fome e irritação, então tomada por um senso de justiça pelo tempo de espera na fila do caixa e fome, que tomou seu tempo dominical, retornou ao mercado com o sachê, uma faca contendo duas larvas, e a nota fiscal.

Danielle dirigiu de imediato ao senhor que parecia ser o proprietário do estabelecimento e a partir do pouco que conhecia de direitos e sobre legislação do consumidor, ou julgava conhecer, exigiu que de acordo com o programa “de olho na validade” onde o consumidor receberá gratuitamente uma unidade do produto alimentício vencido que ele encontrar na área de vendas, mesmo se houver vários itens vencidos do mesmo lote de registro. Na hipótese de, no estabelecimento comercial, não existir produto idêntico àquele cujo prazo de validade esteja vencido, o consumidor terá direito a qualquer produto similar da mesma seção com preço equivalente. O mercado participava do programa, logo, Dani deveria ganhar um produto igual dentro da validade e de graça, ou levar um produto semelhante não havendo na validade a marca desejada, de graça. Contudo o seu sachê não tinha data de validade na embalagem e por não conter uma data de validade, o senhor que com muita pressa a atendeu, disse que o produto podia não estar vencido, portanto não participar do programa de olho na validade. Argumentou que por não ter uma data na embalagem, o produto pode estar vencido e que a presença de larvas representa uma alteração na

qualidade do produto. Ele replicou que deveria ser um erro de fabricação, argumentou então sobre a responsabilidade dele na distribuição dos produtos sem data de validade. Após algumas colocações de ambos, apontou que eu não teria esperado o tempo de fantasiar um romance na fila, ido até sua casa e retornado, para lucrar da empresa dele um sachê e dois reais e oitenta centavos. A partir da premissa do tempo e da relação que aquele profissional do comércio tinha com o tempo, a importância de não perder mais tempo, pois se trata de um tempo que deve ser útil, produtivo, horas trabalhadas, ele ce-deu na queda de braço do sachê de tomates. Danielle retornou para casa com um sachê novo de outra marca e três reais, pois ele não queria perder mais do seu tempo com ela, contando as moedas e pegando o valor exato em dinheiro no caixa, dessa forma era mais fácil lhe dar um valor inteiro e não ter mais o tempo tomado por aquela cliente e suas minúcias.

Ao chegar em casa teve outra irritação, agora era em relação ao tempo que perderá durante esse processo todo de almoçar um prático, talvez não, cachorrinho de festa de aniversário de criança.

Enquanto comia pensava sobre todo esse tempo, o tempo de escrita, de fazer um texto para o evento, um tempo também produtivo, bateu quase uma presunçosa vontade, imaginando que o labor intelectual valha tanto quanto o do comerciante, um *carteiraço* do labor intelectual sobre o senhor administrador do mercado. Às vezes na irritação surge sentimentos precon-

ceituosos, carregados de valores de uma cultura de subserviência, são manifestos. Contudo, sentiu-se mal por ter pensado mesmo que de forma breve esse juízo de valor atribuído ao tempo dele e ao seu.

Dessa forma escreveu para criar sobre esse tempo que não é um tempo perdido e sim vivido e, com ele, *transcriar* sobre seu pensamento reacionário da relação com o valor do tempo e para pensar como essa experiência cotidiana poderá ser inventada em ficção de aula. Trata-se de uma sociografia como potência criadora e inventiva para a tradução de uma aula, na qual cria e inventa narrativas para compor a imagem dos conteúdos expostos. Para Benjamin (2012) em seu texto “o Narrador”, a narrativa é uma possibilidade de experiência em que os saberes são transmitidos não como uma moral, mas como faíscas de vida. O que se conta na narração são experiências vividas e, com elas, a possibilidade de criar mais vida, aprender a inventar a partir do que se ensina (ZANOTELLI, 2018, p. 22).

Esses atravessamentos da hora do almoço, que se desdobram em uma narrativa de si, acabam por ser matérias, biografemas, e podem desdobrar-se e aparecer em uma aula, por exemplo, uma aula sobre mercado de trabalho no curso de Jovem Aprendiz. O curso tem o objetivo de qualificar jovens para inserção no mercado de trabalho. O currículo do programa de aprendizagem profissional, contém aulas sobre as relações de trabalho, ética, cidadania, direitos humanos, legislação trabalhista, meio ambiente, relacionamento interpessoal, comunicação, autoesti-

ma, saúde. Tal currículo amplo permite muitos desdobramentos e leituras a partir de diferentes criações docente.

A aula de mercado de trabalho, explora ideias de jornada de trabalho, remuneração, classes sociais, prestígio social das profissões, essa aula pode ser pensada a partir dos clássicos da sociologia (Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber), pode também ser construída com debates sobre filmes, tal como o filme *O preço do amanhã*⁸ que trata questão do tempo enquanto dinheiro, para pensar o valor da hora de trabalho, quando esse valor aumenta, como são pensados os de valores hora de trabalho, diferenças de classe, estratificação e mobilidade social. O filme assim como outras narrativas, auxiliam aproximar a turma de uma imagem de um conceito/conteúdo apresentado.

Esse acontecimento do cotidiano narrado, poderá incorporar uma aula de direitos e legislação, apresentar o programa “de olho na validade”, a importância das datas de validade nos produtos, o que é responsabilidade do mercado enquanto distribuidor, o que não é, quais os direitos do consumidor, até onde Dani esteve errada nos seus argumentos e onde estava certa, a construção cultural que fez com que ela atribuísse um valor a sua hora, seu gasto de tempo diferente ao do gestor do mercado.

⁸ A trama se passa em uma sociedade que conseguiu bloquear o gene do envelhecimento. Todo mundo cresce até os 25 anos, e depois pode permanecer jovem para sempre - contanto que pague por isso, afinal a superpopulação do planeta é uma preocupação geral. O tempo é a moeda de troca. Os mais ricos vivem séculos. Os mais pobres, assim que completam 25 anos, passam a conviver com uma contagem regressiva diariamente.

Dessa forma, a narrativa criada a partir de uma sociografia do cotidiano, torna-se força criadora para uma aula, para uma criação, para pesquisa, escritas.

Grandes feitos, grandes merdas, tudo pode convergir para um mesmo ponto, o ponto inicial da escrita. Pedacos dispersos de conceitos, teorias, fragmentos, parágrafos, refrões. Toda uma série de componentes direcionais apontando para um possível limiar de territorialidade dentro de um infra-agenciamento textual. (COSTA, 2007, p. 20)

O texto pensa a formação docente como autocriação, antropofagia, apropriação constante dos outros, dos livros, discursos, músicas, conversas, filmes, o conhecimento como uma invenção onde cada pessoa se apropria e cria para si o que se conhece. Ser artista de si mesmo, que toma o que é dos outros e toma para si como uma experimentação. Procura perspectivar a educação no âmbito de suas práticas cotidianas, dimensionadas pelo currículo e pela didática, por meio de uma atitude e experiência poética, biografemas. Uma atitude poética que se importa pelas lacunas textuais, pelo movimento que processa a sua criação, por tentar restituir aquilo que a contagia, espaços vazios e pormenores dispersos. “A unidade dessas experimentações de escritura é o Incidente – “menos contundente que o acidente, mas mais inquietante” -: minitextos, recados, haicais, jogos de sentindo, tudo o que cai, como uma folha, etc.” (BARTHES, 2003, p.167)

Bananas orgânicas

Na quinta-feira dia 23 de abril de 2013 morreu às 14 horas a escritora gaúcha Mariane Lima aos 29 anos. No café multicultural localizado na rua da Republica no bairro Cidade Baixa de Porto Alegre, esse era o assunto central e talvez único da mesa das amigas Augusta, Catarina e Mauricio.

Os três não eram leitores de Mariane Lima, mas frequentavam os mesmos lugares que a escritora. Mariane tinha seu trabalho mais divulgado e conhecido, em um dos jornais da cidade, no qual escrevia crônicas sobre o cotidiano porto alegre. As amigas não eram leitoras do jornal, o qual tinha uma repercussão negativa entre os jovens acadêmicos dos cursos chamados de *humanas*, tais como ciências sociais, letras, serviço social, saúde coletiva, história, filosofia, pedagogia, artes, psicologia e talvez alguns outros. O jornal pertence a um grande grupo midiático, que conta também com uma rede de televisão e emissora local, esse grupo está envolvido com questões políticas, acordos empresariais, sonegação de impostos, outros fatos além da parcialidade do jornal ao tratar de assuntos político-sociais. Contudo, por ser um grupo grande de comunicação, é um dos lugares de maior visibilidade e remuneração na cidade para Mariane divulgar e expandir seus projetos literários.

Augusta, Catarina e Mauricio, costumavam encontrar Mariane com alguma frequência pelos bairros Menino Deus e Cidade Baixa, também estudaram juntos no colégio localizado

na avenida Padre Cacique. Mariane era um ano mais velha que eles, os três idealizavam nela o tipo de pessoa ideal; bem resolvida, ou seja, astral bom, rotina organizada de uma vida adulta; alimentação saudável, tocava alguns instrumentos de corda e percussão, praticava atividade física de forma regular, utilizava bicicleta como forma de transporte, seu sorriso era grande e preenchia ambientes, chamava atenção por serem tão brancos e harmônicos, cabelos cacheados com roupas peruanas, apontavam para algum misticismo ligado as forças da terra e o sagrado feminino.

Tinha cursado Letras e Jornalismo, feito algumas viagens pela América Latina. Era aspirante a escritora, gostava muito de Caio Fernando e Clarice Lispector. Tinha um projeto de publicação de livro para maio de 2015.

Mariane faleceu depois de comprar um pacote de bananas orgânicas em um supermercado da rua Lima e Silva.

Aconteceu que ao abrir o pacotinho plástico das bananas, havia uma Aranha Armadeira no cacho, entre as bananas. Depois da aula de yoga, Mariane foi comer duas bananas pra-tas orgânicas, como era da sua rotina, não teve tempo de reação ao ataque e paaah!! Foi picada. As Aranhas Armadeiras ou Aranhas de Bananeiras, são espécies muito agressivas. Durante o período do dia escondem-se em lugares úmidos e escuros, tendo suas atividades nos horários noturnos. Essas aranhas não constroem teias para capturar suas presas, elas imobilizam a vítima com o auxílio do veneno. Estas aranhas caracterizam-se

pela disposição dos olhos em três filas (2-4-2); no abdômen há pares de manchas claras formando uma faixa longitudinal. As pernas apresentam espinhos negros implantados em manchas claras. Sua marca registrada é o comportamento defensivo em posição ereta, com movimentos laterais do corpo e com as pernas dianteiras elevadas: tal comportamento originou seu nome popular. Estão distribuídas por quase toda a América Central e do Sul, desde a Guatemala até o norte da Argentina, podendo ser encontradas em bananeiras, folhagens, entre madeiras e pedras empilhadas e no interior de residências.

Essas aranhas possuem um veneno extremamente ativo em seres humanos, aliado ao seu sinantropismo, ou seja, sua adaptação em ambientes urbanos, faz com que as Armadeiras sejam responsáveis por boa parte dos acidentes com artrópodes peçonhentos no Brasil. Os acidentes provocados ocorrem durante o ano todo, aumentando a incidência nos meses de abril e maio. Este período coincide com a época de acasalamento das Armadeiras, o que as torna mais ativas.

A escritora foi encontrada no dia seguinte, na cozinha próximo a mesa, no horário do almoço quando sua irmã Pamela entrou no apartamento com a salada de grão de bico que havia preparado para o tradicional almoço de sexta-feira.

Além da violência que está a cidade de Porto Alegre, o que também torna essa morte tão precoce e inesperada uma história tão trágica e impactante, são os boatos quanto ao dia anterior da vida de Mariane.

Na quarta-feira à tarde depois de comprar incensos no mercado público, nas proximidades da fonte Talavera de La Reina, ela negou a sorte de sua mão e dois pila a uma cigana rodeada de pombas no paço dos Açorianos.

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papezinhos, como quem lê a sorte de solsaio. Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papezinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, uma história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai. (GALEANO, 2018, p. 17)

Leituras de banheiro

Quando eu era criança, tenho uma boa memória dos anos iniciais da minha infância, eu tinha uma dificuldade em fazer cocô, dificuldade que carrego até hoje, principalmente fora da minha casa.

Com a dificuldade de fazer cocô, eu ficava sentada horas (a relação com tempo na infância é percebida de forma diferente, duas horas é referente a três minutos em média), no vaso sanitário balançando as pernas e cantarolando, isso quando eu era criança, hoje minhas pernas alcançam o chão, o que me inviabiliza balançar-las, também deixei de cantarolar.

Então minha mãe me trazia um copo cheio de água com ameixas boiando, eu tomava *de gute* e logo após como encantamento de cuidado de mãe e sua eficácia simbólica do copo com ameixas boiando, eu concretizava o objetivo. Ela me limpava, ou, eu gritava; – deu! Vem me limpar!

Depois que fui alfabetizada, esse longo tempo sentada no trono (assim minha vó chama o vaso sanitário), dediquei a leitura de todos os produtos do banheiro, embalagens de xampus, condicionadores, hidratantes, sabonetes, produtos de limpeza, pastas de dente, e as vezes tinha algumas revistas ou jornais, às vezes aparecia também uns gibis da turma da Mônica.

Esse meu hábito de leituras de banheiro sempre existiu, foi presente ao longo dos anos. O que foi se transformando foram as formas de ler e recursos utilizados. As embalagens começaram a ficar mais de lado, ficaram os *gibis* e revistas, com o tempo

foram sumindo as revistas, depois os gibis, sendo substituídos por celulares com o popular “jogo da cobrinha”, cujo objetivo era crescer a protagonista para seu maior comprimento possível, aumentando a velocidade e dificuldade do jogo. O jogo da cobrinha assim como os aparelhos celulares entraram num processo de atualização e evolução em um ritmo bem acelerado, lançando novas versões de aparelhos com novas versões e desafios do jogo clássico, acrescentando frutas como pontuação para a cobrinha comer, telas coloridas, toques polifônicos, downloads de músicas que podiam ser utilizadas como despertador ou toque do próprio celular, e os inseparáveis *smartphone*⁹.

Com tais transformações das tecnologias portáteis, o banheiro se tornou um momento de responder mensagens, *e-mails*, olhar as publicações das redes sociais, ver vídeos, rir de *memes*¹⁰,

⁹ A palavra *smartphone* faz referência a “telefone inteligente” que combina recursos de computadores pessoais, com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas aplicativos executados pelo seu sistema operacional, chamados simplesmente aplicações. Os sistemas operacionais dos smartphones permitem que desenvolvedores criem milhares de programas adicionais, com diversas utilidades.

¹⁰ *Meme* é tudo aquilo que os utilizadores da Internet repetem, simplesmente uma ideia que é propagada. Esta ideia pode assumir a forma de um *hiperlink*, vídeo, imagem, website, *hashtag*, ou mesmo apenas uma palavra ou frase. Este *meme* pode se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, blogs, e-mail direto, fontes de notícias e outros serviços baseados na *web* tornando-se geralmente viral. *Memes* de Internet podem evoluir e se espalhar mais rapidamente, chegando às vezes a popularidade em todo o mundo e desaparecendo completamente em poucos dias. Eles estão distribuídos de forma orgânica, voluntariamente, e *peer-to-peer*, ao invés de por meio predeterminado ou automatizado. Uma importante característica de um *meme* é poder ser recriado ou reutilizado por qualquer pessoa.

preencher as pequenas lacunas de tempos entre atividades, tais como quando a aula nos gera um tédio e nos deslocamos para o universo do celular, ou quando esperamos nossa vez em alguma fila, utilizamos o celular como recurso de passagem de tempo e distração, ou para evitar cumprimentar algum conhecido. Para realizar pesquisa e escrever a pesquisa.

Agora resolvi mudar essa prática, agora tenho leituras de banheiro, livros de cocô. Estou escrevendo isso para me desculpar com Eduardo Galeano, meu atual livro de banheiro. O livro dos abraços é uma leitura maravilhosa, estou adorando muito, ser o livro do banheiro não o faz menos especial que o livro da cama, aquele que fica ao lado da luminária. Tem uma relação com o tipo de leitura que me disponho a cada hora do dia, canto da casa.

Assim como o livro de mochila que no momento é Barthes, leitura de momentos de esperas, exercícios das minhas turmas, intervalo de jornadas, paradas de ônibus, entre brechas. Não é menos que o livro de sofá que exige um café e um doce, estar mais confortável, no momento o livro de sofá é o *Platô 2*. Se eu fosse escolher ser um livro, Galeano, eu gostaria de ser um livro de banheiro, é a leitura com mais prazer e anulação de uma realidade externa, esqueço de tudo, nem gatos no colo dividem a atenção, talvez a leitura mais presente e que eu mais me demore.

A nossa infância nos fascina, pois, a infância é o momento de fascinação, talvez a potência da figura materna empreste seu fulgor a própria potência de fascinação, por isso todas as impressões da primeira idade possuem algo de fixo que decorre

da fascinação. Escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço. O que me acontece não acontece a ninguém, é anônimo pelo fato de que isso me diz respeito, repete-se numa disseminação infinita, é dispor a linguagem sob o fascínio e a tornar imagem (BLANCHOT, 2011, p. 25-26).

Ela estava sentada numa cadeira alta, na frente de um prato de sopa que chegava à altura de seus olhos. Tinha o nariz enrugado e os dentes apertados e os braços cruzados. A mãe pediu ajuda: - *Conta uma história para ela, Onélio* - pediu. - *Conta, você que é escritor...* E Onélio Jorge Cardoso, esgrimindo a colher de sopa, fez seu conto: - *Era uma vez um passarinho que não queria comer a comidinha. O passarinho tinha o biquinho fechadinho, fechadinho, e a mamãezinha dizia: "Você vai ficar anãozinho, passarinho se não comer a comidinha". Mas o passarinho não ouvia a mamãezinha e não abriu o biquinho...* E então a menina interrompeu: - *Que passarinho de merdinha* - opinou. (GALEANO, 2018, p. 40)

A potência ficcional de uma aula: Francisca Helena

A sala de aula se configura como um espaço com poéticas criadas a partir de diferentes relações, forças e potências. As fantasias (BARTHES, 2005) autorais de ler, escrever e traduzir são as molas propulsoras do ato de pensar do professor, que não reconstitui sentidos já atribuídos, nem se apega ao nome do autor ou da obra, tampouco reflete a gravidade e o peso dos dados que mobiliza, mas destaca as aberturas, impessoais e violentas, para as suas existências. Dessa forma “ao poetizar uma aula, traduzindo imagens fantasiosas – dotadas de anterioridade psíquica, relativamente às ideias e à linguagem –, sonhamos matérias excepcionais ou gastas pelo hábito e opacas ao olhar, que adivinhamos, escavamos e recolhemos, criando a paixão encontrada em toda obra *artistada*.” (CORAZZA, 2017)

Francisca Helena

Este texto é construído a partir da experimentação da aula da professora Francisca Helena, personagem que atua como agenciadora de conceitos, ao dramatizar o dinamismo espaço-temporal da cena da aula. Francisca Helena é formada em literatura pela Universidade Federal de Brasília, tem 27 anos, mora com o cachorro Manjeriçã e o namorado Bruno. Francisca gosta de terrários, o terrário é um pequeno jardim montado em um recipiente que pode ser aberto ou fechado e que normalmente é feito com objetos de vidro como aquários e

garrafas ou, ainda, objetos feitos de cerâmica. O apartamento de Francisca Helena tem mais de 23 terrários diferentes. Todos elaborados por ela.

Chica, como foi apelidada, cozinha um excelente risoto de manga com gorgonzola, sua sala tem uma privilegiada posição solar no final da tarde, a qual proporciona uma agradável iluminação de leitura no seu sofá de paletes com almofadas amarelas. Sempre visualizou na docência a sua profissão ideal, enquanto uma atividade na qual seria possível criar e *transcriar* a partir de conteúdos curriculares tecidos com seus livros, seriados e suas aulas da graduação em literatura brasileira. Para chica a aula torna-se um espaço de tradução, conforme encontra nos textos que leu de Corazza, e a relação de tradução, que ela realiza em Augusto e Haroldo de Campos, para pensar o fazer didático e da relação dessa noção com o fazer da educação.

Alargando as fronteiras da linguagem educacional, como tradutor didático, o professor “subverte-lhe os dogmas ao influxo do texto estrangeiro” (Campos, 1976, p. 35), por meio de: bricolagens de saberes e intuições; agenciamentos de elementos heterogêneos e acontecimentos; processos de singularização e forças de experimentação; fabulação de finitos abertos ao infinito; crivos no caos circundante (de-Fora) e extrações de Ideias; evocação e deslocamentos do estranho linguístico; transformação de elementos familiares e forças distantes em “mundos possíveis” (DELEUZE Apud CORAZZA, 2017, p. 48)

Contudo, a aula é vista e compreendida por outras pessoas além de Francisca. Sem algum aviso prévio, Chica recebeu em sua aula, a visita da psicóloga da instituição na qual leciona. Era uma visita de observação e avaliação da aula ou da Francisca ou talvez da aula e da Francisca, talvez não exista essa separação.

A psicóloga organizacional, responsável pelo processo de seleção e recrutamento da instituição, entrou na sala após bater (não esperou a resposta afirmativa para entrar), com um leve acenar com a cabeça, como um gesto de licença, sentou na primeira prancheta livre à direita da porta. Com algumas folhas e caneta na mão, pernas cruzadas e uma expressão apática, começou a escutar e fazer algumas anotações. Ficou instaurado no ambiente um clima de desconforto e desconfiança de todos que participavam da aula, algo foi rompido e a narrativa de Francisca Helena foi fraturada, transfigurando-se em uma outra performance desconhecida por ela e pela turma.

Finalizada a aula, a turma foi dispensada e com a saída dos alunos a psicóloga também se retirou com o mesmo gesto de acenar a cabeça como se estivesse pronunciando as palavras: obrigada e licença.

Incomodada com o evento ocorrido, Chica buscou saber do que se tratava aquela visita. Mandou uma mensagem via *WhatsApp* para a pedagoga responsável pelo programa perguntando o motivo da participação surpresa, da psicóloga organizacional, na aula. A pedagoga respondeu que a instituição

agora determinou que a psicóloga (a qual não possui nenhuma formação na área de educação), iria avaliar as aulas.

Francisca Helena como gosta de ser chamada quando esta pistola, levantou uma série de questionamentos referente a essa avaliação. Como uma profissional da área da psicologia empresarial, poderia realizar essa avaliação? Com quais critérios ela iria avaliar a sua aula? O que se avalia em uma aula? Como avaliar a docência? O que é uma boa aula? O que é uma aula? Quando, como e em que circunstâncias podemos afirmar que existem aulas?

A partir desses levantamentos, Francisca também solicitou saber o que está sendo avaliado pela psicóloga. A pedagoga respondeu que alguns dos pontos observados são: Postura da orientadora ou orientador de aprendizagem (denominação das professoras e professores do curso), postura referente às regras, quais os conteúdos da aula, o domínio do conteúdo, a realização da chamada, o cumprimento dos horários estabelecidos.

Tais itens da avaliação despertaram imensa inquietação em Chica e algumas de suas colegas, pois, seria possível mensurar uma aula? Seria possível encontrar tais respostas em uma única observação? Tudo isso parecia uma piada de mal gosto, porém, não era, pois são esses, justamente, os habituais procedimentos de avaliação. Os objetivos e interesses por trás disso seria outro ponto inquietante a discorrer.

Francisca Helena pensou que nem mesmo ela com todas suas leituras, pesquisas em educação e trajetória docente, saberia

responder de forma objetiva dois dos itens listados. Pois, pensa a aula, e procura atuar na aula, a partir de um fluxo não representativo. Assim, pensa criar ficções ao traduzir o currículo na aula.

Chica entendeu essa intervenção avaliativa como uma potência criadora, e inspirada na ideia descritiva das cenas e exercícios textuais, extraída da literatura de Georges Perec (2012) buscou pensar em uma poética da aula por via de um levantamento de respostas das suas alunas e alunos. Passou no quadro as seguintes questões e exercícios de escrita: Listar coisas de que gosto na aula e coisas de que não gosto. Descrever uma aula. Descrever uma boa aula. Descrever uma aula ruim. Descrever uma boa professora ou um bom professor. Descrever uma professora ruim ou um professor ruim?

Tal exercício foi elaborado como uma ferramenta de investigação imediata, em resposta às respostas que buscavam aferir o roteiro de perguntas aplicado pela psicóloga. Chica queria encontrar uma imagem do pensamento aula e docência a partir das respostas dos seus alunos. As questões possibilitavam respostas amplas, uma liberdade de composição de ideias referente ao perguntado. Ela queria figurar uma imagem de pensamento, valendo-se de frequentes perguntas sobre educação, perguntas que sempre habitam as salas de aulas das faculdades de educação. Pretendia fazer de seu exercício o ato de uma pesquisa noológica, ou uma pesquisa do acontecimento que também pode ser chamada de pesquisa experimental (CORAZZA, 2004). Qual seria a imagem do pensamento aula?

Nessa Pesquisa Noológica, há sempre um momento de absoluta desterritorialização, quando é inventada uma nova imagem do pensamento curricular (quase uma ausência de imagem), que não pode ser compensada nem pela comunidade imaginada de uma dada nação (pensamento de um currículo nacional), e exige assim a invenção de outros novos territórios. (CORAZZA, 2004, p.144)

Neste tipo de pesquisa pretende-se obter respostas que não sejam imanentes a algo anterior, no qual seu propósito não consista em “redescobrir o eterno e o universal, mas encontrar as condições sob as quais algo de novo é produzido.” (CORAZZA, 2004, p.144).

Colcha de retalhos

Descreva uma aula: *“Lugar onde se aprende”; “Aula é quando alguém passa informações novas ou não para uma quantidade de pessoas”; “Aula para mim é um lugar para fugir da rotina, cotidiano encontrar amigos e ter uma aprendizagem para a vida. Dialogar sobre tudo.”*

Coisas de que gosto na aula: *“Dinâmica, debate, parceria dos colegas, a profa. é brother, assuntos legais, intervalo.”; “Debate sobre temas atuais, relacionamento com os colegas, passeios”; “Amigos, conversar, ar condicionado.”*

Coisas de que não gosto na aula: *“Horário muito cedo, regras desnecessárias, professores arrogantes”; “Acordar cedo, ônibus lotado, elevador que demora”; “Slides, monotonia, turmas grandes, cálculos, apresentação de trabalhos.”*

Descreva uma aula boa: *“Aquela que flui, tendo conteúdo ou não, sabendo dar aula tudo bem”; “Aula oral, onde falamos bastante”; “As aulas da sora Chica, sem mais. Ela interage bem com os alunos e torna os assuntos cada vez melhor de aprender, porque desperta nosso interesse.”*

Descreva aula ruim: *“Aquela que não há didática nem interesse pelo aprendizado do aluno”; “Aquela que a turma não para de conversar, sinal que a aula tá ruim”; “É a aula que o professor chega sem bom dia e já passa os conteúdos”*

Descreva uma boa professora ou um bom professor: *“Capacidade de se adaptar ao nosso dialogo, paciente, compreensiva, esforçada para todos participarem e assuntos do nosso mundo, horário flexível”; “Disciplinada, senso de humor, intimidade com os alunos”; “Didática, ligação do conteúdo com o cotidiano, bom relacionamento com os alunos. ”*

Descreva uma professora ruim ou um professor ruim: *“Falta de didática, não saber explicar a matéria de forma clara, falta de empatia com os alunos”; “Postura rígida, grosseria, falta de senso de humor”; “É aquela que faz intriga com tudo, depois chega e posta tudo no twitter.”*

A observação tornou-se potência para pensar sobre seu ofício docente, sobre o espaço da aula, as relações que nela habitam, o que produzem, não apenas pelas perspectivas institucionais, mas também pela perspectiva daqueles que transitam no espaço-aula.

As respostas de suas alunas e alunos, criou dobras no seu pensamento acerca da ideia de aula e do fazer docente. Passou

a pensar a educação e a relação aula-docência, a partir de uma experimentação. Perceber a docência como criadora e tradutora de currículos, planos, conteúdos, na qual pode colaborar para romper, por meio de uma desmontagem e remontagem das formas, estilos e técnicas educativas já conhecidas e criticadas.

Com o exercício, Chica percebeu a aula/docência enquanto espaço de experimentação e tradução da docência, de fluxo não representativo, o qual não parte de modelos pré-concebidos pela instituição de ensino, modelos de didática, formato tradicional aula, postura docente, e sem sentidos unívocos, onde “Os conceitos são fabricados, em vez de encontrados em um céu preexistente. A fabricação essa que responde a problemas que, longe de serem definitivos, são constantemente reformulados ou dissolvidos por novas perspectivas curriculares” (CORAZZA, 2004).

Com as respostas de mais de cinquenta alunos e alunas, Chica decidiu continuar sua pesquisa em uma dissertação de mestrado, na qual a partir de suas leituras em educação apresentou o seguinte projeto para seleção:

Tradução criadora na formação de professoras

O projeto toma a noção de hipertexto como suporte para lidar com a construção textual – por meio de uma escrita tradutora e que se constrói como uma poética da leitura do cotidiano da docência, da experiência. A experiência é entendida como um multiverso de pequenos acontecimentos que se repetem e se expandem sem ligação e que, dispersos em séries de incidentes mínimos, podem

formar, entre gestos e registros, uma rede fluida que traça algum tipo de percurso (ADÓ, 2016).

A educação será compreendida como um campo de múltiplos saberes, é perspectivada pela imbricada relação entre didática e currículo na formação docente, (esta entendida, mais para uma formação de si do que uma ação de formar o outro).

A formação docente, nesse sentido, pode ser desdobrada mais como uma criação do que formação, ou melhor, como uma autocriação de si (docente). Pois se entende que nenhuma criação pode ser tomada como um produto espontâneo, nem mesmo a autocriação, e tampouco como uma ação individual. Quando se cria se está operando com linguagens numa relação manifesta de interatividade no mesmo sentido dado pela noção de hipertextualidade. (ADÓ, 2016)

Francisca tirou uma boa nota na prova e no projeto, a etapa final da seleção era uma entrevista, na qual, com as boas notas, experiências e saberes, e sua decisão em cursar o mestrado, Francisca Helena foi tranquila e confiante para entrevista que ocorreria na quarta-feira na primeira hora da tarde.

A entrevista

Uma pequena sala da Universidade Federal, uma grande mesa central de cor madeira tabaco, com cadeiras de madeira no mesmo tom, davam a sala um ar *vintage*, anos 60, o ar condicionado também parecia ser da década de 60, o nariz de Chica coçava só em pensar naquele ar ligado. Algumas ilustra-

ções na parede, um painel de cortiça com informações da linha anotadas em papel de caderno, folhas de rascunho, presos com “percevejos dourados”, datas de defesas, eventos, prazos de trabalhos, seminários, aniversários. No entorno da grande mesa, estantes de livros, livros desorganizados, como quando alguém pega e devolve de qualquer forma, ou um excesso de livros e uma falta de espaços, mas os livros não seguiam uma ordem de organizam, alguns na posição vertical, outros na horizontal, diferentes tamanhos lado a lado, pareciam não obedecer nem uma ordem de categoria ou gênero literário. Contornando a sala junto com as estantes de livros, tinha umas quatro mesas de trabalhos, três com computadores que pareciam desligados desde 2005 e uma mesa com um computador e uma impressora funcionando. Estavam ligados para comprovar seu funcionamento, ou para alguma eventualidade que surgisse no momento de alguma entrevista. A decoração contava apenas com uma cafeteira e muitas xicaras espalhadas no seu entorno. Tudo era muito marrom, um universo de cores meio desbotadas, uma única janela grande iluminava a sala toda, o que deixava a sala acolhedora com a entrada de luz solar, mas talvez meio triste a noite, impessoal, fria. Uma sala para se habitar a luz do dia. O ambiente da sala agradava, apesar da atmosfera tensa da banca de entrevista composta por três professores olhando para ela.

Francisca sentou na cadeira na ponta lateral direita da mesa, logo depois de sentar e dar bom dia para os professores, recebeu como resposta a pergunta:

O que te traz aqui?

Chica respondeu:

— *Hoje como o tempo está firme e com sol, minha bicicleta me trouxe aqui, além da bicicleta como meio de transporte para chegar aqui, a possibilidade de outros modos de pensar a educação, fora de blocos indenitários, moldes pré-estabelecidos de padrão docente, tipo de aula, tipo de aluno, tipo de pesquisador, tipos de coisas, um tipo ideal Weberiano que cria parâmetros investigar e definir o que é docência, o que é aula. Fórmulas para didática, para formação de professoras, para realizar uma pesquisa. Discursos legitimadores e castradores de diferenças. A fuga para uma educação que seja da diferença. Falar de didática a partir de literaturas, cinemas, seriados, teatro, pedaço de torta na cafeteria, encontro no mercado. “Um babelismo didático de diferença e abertura, passagens e transposições, pluralidade e multiplicidade de influências, textos e autores. Território transdisciplinar, transliterário, transartístico, trnascultural, transexual, transpensamental, que nasce e vive em diversas obras de diferentes línguas (CORAZZA, 2014 p. 49).”*

— *Quero escrever sobre professoras que não se obriguem a transmitir o conteúdo literal ou verdadeiro dos elementos originais e científicos, das ciências sociais, da filosofia ou literatura. Uma professora escritora (escritora-e-leitora), que transcriba e transcultura os elementos teóricos do currículo, reconhecendo a sua própria produção, em meio a um universo polimorfo. (CORAZZA, 2014)*

Riscos nos cadernos e um silêncio na sala, expressão apática, Francisca teve a mesma sensação da visita surpresa da psicológica em sua aula, começou a sentir um desconforto no silêncio e no barulho do riscar dos lápis nos cadernos. Uma pausa. O professor da ponta esquerda da mesa então falou, ou provocou, ou perguntou, Francisca não soube identificar o que significava aquela frase.

— *Achas que estas preparada para a linha?*

Tal frase ressoou como um questionamento, provocação, teste, foi uma surpresa para Francisca Helena, que após retomar o baque causado pela frase, os olhares pareciam exigir uma resposta, uma defesa, uma argumentação, algo a ser dito.

Não entendia se a frase sintetizava o que pensava o professor ou se era parte daquele jogo acadêmico que ela estava se propondo a jogar. Em situações como essa, o tempo é uma intensidade difícil de mensurar, uma pausa no pensamento pode durar três segundos ou cinco minutos, a sensação é que a entrevista é feita para durar cinco minutos no total, e o tempo usado para pensar sobre a frase parece ter tomado dez minutos daquele momento de entrevista de avaliação.

Pensou; o que é estar preparada para a linha? O que diz que estamos preparados? O que é esse preparo? É como preparar ou pensar uma aula? Ter participado de seminários oferecidos pela linha? Quatro anos de experiência docente? Trocar

sobre os textos da linha com familiares e amigos? Uma escolarização considerada boa? Uma boa graduação? O que configura uma boa escolarização e graduação? É sua trajetória pregressa? O que está contido nessa trajetória pregressa que pode avaliar o preparo para ingressar em um programa de pós-graduação de uma universidade federal?

Tensa, Chica respondeu que mesmo com quatro anos de graduação, dois anos de bolsista Pibid¹¹, anos de docência, não se sente preparada, pois essa palavra parece carregar um sentido de disputa, etapa final, conclusão, acha não existir esse preparo, só para receitas culinárias, e mesmo assim modos de preparos podem sofrer alterações, nas quais o resultado final de receita pode ser tão saboroso quanto a orientação de preparo original, ou seja, o preparo pode ser inventado e recriado por quem cozinha.

Apesar de ela sentir que carregava um preparo de sete anos em educação, ela pode estar em disputa com o preparo com alguém que lê e escreve há sete anos um esboço, não sabia onde essa pergunta queria chegar naquela entrevista, mas arriscou:

— *Acho que modos e saberes estáveis já há muito estão ameaçados. Frente ao descrédito em narrativas mestras e em sa-*

¹¹ Programa de iniciação à docência, projetos que devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa.

beres de verdades unívocas, ideologias e idolatrias são constantemente questionadas, logo como dizer que a aluna está preparada para cursar a pós-graduação? A linha exige algum perfil? Há um modelo buscado aqui? Vontade? Como mensurar a vontade de alguém?

— *Tais pressupostos essencialistas e elitizantes da tradição seja na história, filosofia, educação como nas artes ou em outros modos e campos de conhecimento e expressão, já foram politraumatizados por uma rede teórica contemporânea constituída de forças plurais. (ADÓ, 2016). Questiono o contrário, pois, o que me trouxe aqui era encontrar um lugar onde fosse possível pensar a diferença, que talvez os docentes que aqui se encontram não estejam prontos para trabalhar com essas mudanças e pluralidades que começam a ocupar os espaços da pós-graduação, rompendo com um perfil tradicional acadêmico de alunas. Pergunto, vocês professores preparados para orientar para que se produza a diferença?*

Apesar da trajetória em educação que Chica apresentava, começar uma nova leitura teórica poderia ser tão desafiadora quanto o começo de uma nova turma, ou uma aula para uma turma *conflituosa* em espaços escolares precários. Exigira tanta leitura, preparo, criação, invenção, quanto. Ponderava que: Mesmo pensando e preparando a aula a partir de diferentes leituras a aula talvez não acontecerá como ela havia sido imaginada, assim como a pesquisa, se movimentará tal como a aula.

Não há como afirmar que se está ou não preparado para a aula, docência ou pesquisa. A graduação não *prepara* professores, gostamos de pensar a docência como um processo de autocriação que pode ser operacionalizado por meio de uma didática da tradução, conforme citou Chica em seu projeto.

A tradução é, dessa maneira, um ato político, que desfuncionaliza línguas instrumentais e aproxima distâncias, num processo de transformação cultural. Em seus atos de traduzir, opera por meio, que desestabiliza o próprio *status quo* da linguagem educacional. Revela-se como dissidente das línguas legitimadas, transtornando suas palavras originais, para lhes devolver “o sentimento do diferente, o poder de conceber o outro”, numa reconfiguração de si própria (CORAZZA, 2013, p. 209).

Francisca Helena não parava de pensar sobre avaliação da psicóloga que tentava avaliar sua docência-aula, agora o professor tentava mensurar seu preparo. Respirou fundo e teve a certeza de sua escolha de mestrado, das potências e forças de disputas que tem o campo da educação e a academia, o qual desperta cada vez mais uma vontade de pesquisa em Chica.

Depois da resposta e da pergunta feita por Francisca, houve troca de olhares, o professor sorriu e respondeu:

— É, talvez seja, justamente, nesse modo de periciar a vida via concepções teóricas e academicistas que se escondam nossos

fascismos cotidianos e ordinários, nossas normalizações travestidas de ordem ou, até, contraordem; se enganam aquelas que no jugo de uma voz dita e tida como revolucionária estão livres de se transformarem em servidores de/do poder.
(ADÓ, 2016)

— *Obrigado, até mais.* Agradeceu o professor.

Francisca levantou, acenou com a cabeça em sinal de agradecimento, não pronunciou nenhuma palavra, saiu da sala. Aproveitou o restante da tarde para pedalar.

Aula com Marja

Marja tem 32 anos e é formada em comunicação social com habilitação em relações públicas, pela UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), trabalha na comunicação de uma famosa rede de restaurantes de culinária italiana da capital gaúcha. É possível dizer que este trabalho é o ganha pão de Marja, ou seja, de onde ela tira os pila¹² que pagam os boletos do aluguel, internet, vinhos, pila-

¹² É um dos nomes pelo qual é referido coloquialmente o dinheiro no Rio Grande do Sul, A palavra Pila como moeda, provém do político do Partido Libertador do Rio Grande do Sul, Raul Pilla. Este político e seu partido apoiaram a Revolução Constitucionalista, contra Getúlio Vargas. Como esta revolta foi mais intensa em São Paulo, e teve pouco respaldo no seu estado, ele exilou-se no Uruguai, saindo sem levar nenhum dinheiro. Seus partidários, para ajudar no seu sustento, passaram a cotizar-se vendendo bônus com valor de face, que logo passaram a ser negociados, por um breve tempo, como dinheiro entre os seus partidários.

tes, ração dos gatos. Contudo, nos turnos vagos, quando não está trabalhando nas mídias sociais da rede de restaurantes italiano, Marja é também professora de língua portuguesa e redação em um curso preparatório para o Enem¹³ para pessoas transexuais, o transEnem¹⁴.

O mapa (astral) de Marja, e aqui entenderemos mapa astral como uma potencialidade produtora de afetos, sua capacidade de afetar e ser afetada, é composto a partir de um sol em câncer; e como uma canceriana, ela acha que ter a lua como regente a deixa com suas emoções mais instáveis. O sol em câncer está relacionado a um temperamento que oscila muito, melancolia e alegria extremas, causando consequências diretas a sua inteligência emocional. Seu ascendente está em peixes, o qual ela acredita ter uma ligação forte com a espiritualidade, uma crença do ser humano como bom de fato, mesmo sabendo que o mundo é a vivência que determina o caráter, mas acreditando que a humanidade é sim boa. Uma certa ingenuidade.

¹³ É uma prova realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, e foi criada em 1998. Ela é utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país. Seu resultado serve para acesso ao ensino superior em universidades públicas brasileiras, através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

¹⁴ O TransENEM é um coletivo de educação popular, composto inteiramente por voluntárias/os/es e sem fins lucrativos. Surgiu no final de 2015 na cidade de Porto Alegre/RS, incentivando um espaço acolhedor, inclusivo, livre de represálias discriminatórias e preparado para receber pessoas TRANS. O intento é ajudá-las de forma gratuita, a se prepararem para provas de admissão em cursos de nível superior. ENEM e vestibulares, bem como concluir o Ensino Fundamental e Médio.

Sua lua está em aquário, e é seu lado mais doido, criativa, que aceita se desafiar, o que pode dar as vezes uma melhorada na sua inteligência emocional. Tem vênus em gêmeos, só se apaixona por quem a cativa no papo, para Marja uma boa conversa é essencial, e tem que ter um lado meio malvado, que todo geminiano tem “grwaurrrr”, e essa malvadeza geminiana a atrai.

Marja é aquela pessoa que toma bons drinks e fica de trova até altas horas com os amigos, que acorda religiosamente as 6:15 para tomar um bom café da manhã e realizar uma corrida matinal antes da aula de Pilates, está cheia dos contatinhos no *Tinder* e sem paciência para os mesmos, é responsável com suas atividades profissionais, tanto com aquela que a sustenta mas não nutre seu espírito salvador cristão de amor a humanidade, e a atividade que a mantém viva espiritualmente, trocando e produzindo potencialidades de criação, de inventar, de acreditar em algo, de buscar transformar as mazelas sociais em algo menos *trash* no mundo, é a sua docência no transEnem.

Em Espinosa, o desejo, a alegria, a tristeza, o amor, o ódio e toda gama de afetos que colorem nossa existência tem causadas determinadas e efeitos necessários tão dignos de conhecimento quanto qualquer outra coisa natural (GLEIZER, 2005, p.10). E Marja está em constante afetação pelo movimento astrológico dos fluxos e movimentos planetários, alterando suas potencialidades de ação, oscilando entre as paixões fundamentais, os polos da alegria e da tristeza, a alegria enquanto uma paixão que aumenta sua potencialidade de ação,

e a tristeza toda paixão que diminui sua potência de agir. Ela permite fazer de si um experimento de uma potência educacional na sua invenção docente e didática, abrindo suas aulas a uma interferência das afetações dos trânsitos planetários e seus reflexos no humor e capacidade de ação de seu fazer docente.

Em aula assim como na sua vida pessoal ou de relações públicas, para além de um planejamento, as aulas podem acontecer a partir dos afetos produzidos no cotidiano e seus encontros, e seus reflexos ou suas consequências; podem resultar em: Aula com ressaca, aula com tpm, aula com pé na bunda, aula com euforia/expectativa. Esses estados de humor em aula e seu encontro com os alunos, vão produzir as relações de conhecimento, ou uma educação potencial, como apresentada por Adó:

Educação potencial se experimenta como um modo que atua na composição de noções comuns que exprimem sua conveniência interna com outros modos existentes. Ou seja, está atenta a si mesma ao assumir que sua potência esta na ordem dos encontros e das misturas que, a sua vez, geram um autoafeto, uma relação de intensidades e de composições entre corpos. A esta relação podemos chamar de conhecimento. (ADÓ, 2013, p.58)

Aula com Ressaca

Aquela dor de cabeça, vontade de comer gordura e doce, uma enorme preguiça e vontade estar quietinha, a ideia é evitar falar muito, que seja uma aula menos expositiva possível, quan-

to menos interação com os alunos melhor. O planejamento não está perdido, o conteúdo a ser trabalhado será trabalhado, de outra forma, que poupe o espírito de quem ultrapassou um pouco os copos de drinks. Se a turma estiver muito agitada, se além da ressaca for um dia de chuva, o ideal é passar um filme sobre o conteúdo, mas claro, não se trata de um filme escolhido ao acaso, é um filme já assistido e pensado em utilizar em algum momento para o trabalho do conteúdo, seja como indicação complementar ou para uma aula de ressaca em dia de chuva. É interessante aumentar em quinze minutos a mais o tempo de intervalo, assim é possível comer alguma coisa com calma, comer sempre ajuda a diminuir os efeitos da ressaca, também irá diminuir o tempo de aula. Se o filme não funcionou, ou não tinha disponível recursos para passar o filme, uma redação é um bom exercício para trabalhar e desenvolver a capacidade de escrita e crítica, também mantém a turma em silêncio por um longo período de tempo.

Aula com TPM

Cada mulher vive a sua tensão pré-menstrual de maneira e intensidade diferente, assim como pode passar em um mesmo dia por diferentes e extremos estados de humor.

Essa oscilação que vai da raiva e uma falta total da paciência até uma sensibilidade e melancolia profunda, em um curto período de uma hora ou menos, altera o tom da aula. Carregada de uma fala mais impositiva, limitando o espaço dos

alunos de se colocarem diante do que está sendo exposto, um tom enérgico, reativa a qualquer movimento contrário. Assumindo uma postura tirana de poder e verdade sobre o assunto.

Uma atividade que pode livrar a docente do seu tiranismo e verdade, é a sugestão de um trabalho em grupo, de pesquisa sobre o conteúdo e apresentação em formato seminário para a ou as próximas aulas. Assim, possibilita a turma construir e pesquisar sobre, com uma autonomia e formação sobre o assunto, o tempo de apresentação, deixado para a próxima aula, possibilita que a tpm já tenha passado, portanto que o seminário, as apresentações possam ser desfrutadas de forma mais conjunta, menos castradora a sua vontade docente.

Aula com pé na bunda

As vezes não é necessariamente um fora propriamente dito, um término de relacionamento longo ou coisa do gênero. Hoje só o fato de não receber uma mensagem no *whatsapp* após um *date*, a demora de resposta de uma mensagem visualizada, o contatinho online e não vir puxar assunto, já instala o espírito do pé na bunda, é fulana não me quer. Afeto triste, tira a potência de vontade de prestar atenção, de estar em aula, desanima geral, acaba com autoestima e todo um campo emocional. A aula ganha um tom de voz mais lento, baixo, quase sem força, aula na *bad*, morna. Não há vontade de criar e nem tentar nada fora do planejado. A vontade real é de dizer para turma, “hoje é dia de desenho livre”.

O negócio é sobreviver, no drama mesmo, no sofrimento e realizar a aula conforme o planejado, sem saída, sem movimento de abertura para algo fora do plano de aula, vai na fossa mesmo. Uma coisa pode reduzir essa rejeição, esse sentimento confuso de fracasso, é a publicação de *stories* no *instagram*, aguardar os comentários elogiosos e ir aos poucos reconstruindo uma autoestima e uma potência de agir.

Aula com euforia

No extremo contrário de uma aula com pé na bunda, a aula com euforia é aquele dia, semana, período que tu é tomada por uma expectativa boa, positiva, de alguma coisa massa para acontecer, ou aconteceu ou vai acontecer. Às vezes é só uma sensação que vem do nada, que toma conta, uma sensação de que as coisas vão muito bem, que vai dar certo, mesmo não fazendo ideia do que vai dar certo. Carrega uma enorme carga de afeto alegre, potência de criar a partir de qualquer gatilho, o menor dos movimentos pode produzir uma ideia nova de atividade, de exposição, de tema. A mente está aguçada e atenta, pura invenção de moda. É uma aula aberta, receptiva, compreensiva, é uma aula expansiva, que pode acontecer além do espaço da sala de aula. Se a turma não for de alunos de menor idade, os quais dependem de autorização para sair, é bom aproveitar essa *good vibe* e sair, aula na praça, na rua, no museu, no shopping, no cinema, no café.

Aula

A aula pode ser fuga de uma realidade tensa que está sendo vivida. Estar em aula as vezes é a expectativa de uma possível cativada da docência, do conteúdo, ou talvez apenas receber um afeto promovido pelo encontro com os pares, ou colegas impares. Os rostos conhecidos de pessoas que não sabemos o nome, nem onde mora.

Estar em aula as vezes é estar na companhia de estranhos confortantes, desconectar das violências de fora, usar a linha de fuga aula é uma saúde, produz alguma coisa, uma escrita, um desenho, uns riscos, um pensamento, um novo assunto, uma conversa ou uma fofoca, amizades, outros vínculos, uma trova. As vezes não há afecção entre os colegas, mas há algo que nos afeta em estar em aula. Uma potência de prazer ou de ranço, de tédio, de pesquisar, algo está sempre acontecendo. Pode ser a aluna que espera notícias sobre a sua mãe que mora longe e acabou de entrar na UTI, será que a sua mãe estará viva até o final dessa aula? Atender uma ligação, receber uma mensagem, há tensão.

Os dois alunos LGBT'S com medo do resultado da última eleição para presidente. Cochichando sobre as lutas e dificuldades que virão, resistências e como sobreviver ao que virá. A outra aluna sentada próximo a janela, toda de preto, com olhar para todos como quem busca identificar se há na sala algum colega que tenha votado de forma fascista. Tem um aluno de barba grande, por fazer, que presta atenção a cada virgula,

gesto do professor que fala ao interromper a leitura do seu próprio texto, ao lado desse aluno concentrado, a colega tira um cochilo de forma disfarçada entre longas piscadas. Aqueles que não param de rolar o dedo no celular.

Há também aquela aluna que escreve em seu caderno, talvez seja como respiro e fuga do que se tornou a realidade, os resultados da eleição, a notícia da mãe na UTI, o medo da violência fascista que se apresenta, fuga do foco de sua atenção da rinite matinal que a incomoda.

Sinapses

A mente está constantemente fantasiando diálogos, escritas, cenas, uma sacada genial para a pesquisa de mestrado, ao menos no momento em que é pensado parece ser genial a sacada para compor a dissertação. Conversas, aulas, textos, discursos, pouco de toda essa matéria, produzida em sinapses velozes e furiosas, ou quase nada, bem pouco dela será aproveitada. Talvez por conta ou em razão da insegurança, ou talvez ou também porque quando o pensamento sai do plano dos pensamentos, vai para a escrita, para a fala, para o gesto, ele perde parte de sua força. Talvez seja também porque não temos controle das cenas pensadas no plano real, dos diálogos ou do efeito de nossos discursos em aula, do efeito da escritura no leitor. Os planejamentos das aulas são assim, iguais a pensar, ter ideias, fantasiar genialidades na mente, quando colocado no outro plano nem sempre é obtido o efeito esperado, de com-

preensão, interesse, atenção, sei lá. Quando penso e planejo é mais ou menos como disse uma vez Anderson, um colega da pós-graduação, ao falar sobre a escrita e o desenvolvimento da sua dissertação: “Já está tudo pronto, só falta escrever” (ANDERSON, 2017).

Mas ao escrever sempre há o risco desse pensamento perder sua força, não ser tão fantástico quanto pareceu no plano das ideias, como disse Sidarta a seu amigo Govinda, no livro *Sidarta*, de Hermann Hesse:

Ocorreu-me às vezes sentir, por uma hora e mesmo durante um dia inteiro, a presença do saber em meu íntimo, assim como sentimos o pulso de vida no coração. Certamente refleti sobre muita coisa, mas seria difícil para mim transmitir-te meus pensamentos. Olha, meu querido Govinda, entre as ideias que se descortinam encontra-se esta: a sabedoria não pode ser comunicada. A sabedoria que um sábio quiser transmitir sempre cheirá a tolice. (HESSE, 2017, p.132)

Acho melhor então não escrever nada, deixar tudo pronto aqui na minha cabeça, mas não escrever, ou talvez inverter a ordem, já está tudo escrito (no meu diário) só falta estar pronto. De todo modo o que eu escrever, depois que eu reler é provável que eu não vá gostar, ache tolo, eu vou escrever ou mais ou menos como agora, rescrever, eterna continuidade de tentativa de pensamento em escrita.

Conversa de Bar

Robéria e Helena conversavam em uma noite quente e abafada no feriado da proclamação da república. As duas amigas tomavam uma cerveja enquanto discutiam a pesquisa de mestrado de Helena, a qual Robéria não conseguia compreender do que se tratava a pesquisa, objetivo, problema e as outras demandas estruturais de um projeto de pesquisa acadêmica. A dificuldade começou em tentar explicar o que a literatura tem a ver com um docência e escrita acadêmica. Então Helena citou Mario Vargas Llosa:

A literatura é uma representação falsa da vida que, não obstante, nos ajuda a entendê-la melhor, a nos orientarmos pelo labirinto onde nascemos, transcorremos e morremos. [...] a ficção é mais do que um entretenimento, mais do que um exercício intelectual que aguça a sensibilidade e desperta o espírito crítico. É uma necessidade imprescindível para que a civilização continue existindo, renovando-se e conservando em nós o melhor do ser humano. Para que não retrocedamos a barbárie do isolamento e a vida não se reduza ao pragmatismo dos especialistas, que veem as coisas com profundidade mas ignoram o que as rodeia, precede e continua. (LLOSA, 2015, p.40,42)

A ausência na dissertação de termos como problema, objetivo, hipótese, pareciam anular para Robéria a presença dos mesmos nessa tal dissertação com literatura, nessa outra forma de realizar uma escrita de pesquisa. Outra lacuna na mente de

Robéria era em relação ao método, qual método Helena iria utilizar para construir essa pesquisa sobre docências.

Helena conta que trabalharia a partir do conceito de Biografemas, construindo seu trabalho a partir desses biografemas, que são textos escritos a partir de nossa tradução dos pormenores dos acontecimentos do cotidiano. Portanto, uma tradução que se realiza dos conteúdos, autores, currículos escolares, pode criar ou serem transcritos em biografemas, ou o contrário, os biografemas podem proporcionar tradução de currículos.

Para auxiliar na compreensão de Robéria, que ainda estava confusa com tais conceitos, Helena então usou como exemplo um exercício em aula a partir das tatuagens do seu corpo, ela tem em média umas 37 tatuagens. Se ela propusesse a uma de suas turmas do ensino médio, que realizassem uma atividade de modelo vivo com ela, mas ao contrário de desenhar o corpo dela, eles iriam escrever sobre, criar biografemas para uma ou duas tatuagens escolhidas, as mesmas tatuagens produziriam biografemas diferentes, pois partiria da leitura e criação de cada aluno.

A partir disso, poderia ser pensado em uma autobiografemática para uma construção de si em docente, a partir de fragmentos que se misturam com leituras e ficções. Então a partir dessas composições de si, criar e inventar um outro lugar, um outro eu, um eu na educação que inventa modos de ser e fazer docências, a partir da tradução de teoria, literatura, cotidiano, delírios, fragmentos de vida.

Para que serve essa dissertação, mesmo? Indagou Róberia.

Helena um pouco incomodada, sentindo-se contrariada, respondeu de forma enérgica de defesa de causa:

São histórias, acontecimentos, experiências em educação, diversos os dramas que compõem uma trajetória de formação e estudos sobre educação. A escolha do biografema no lugar das análises e construções mais clássicas de pesquisa, é para proporcionar uma batida mais leve e com escolhas do infra-ordinário, aquilo que foge aos olhos gastos do cotidiano. Uma composição de temas, histórias em educação de uma formação docente, tradução do currículo e sua autocriação.

Antes que Robéria pudesse tomar um folego para realizar alguma pergunta, Helena continuou interrupta sua linha de raciocínio e defesa do seu argumento, projeto, atravessando ao gesto de interrupção da amiga e continuou o discurso sobre o método biografemático: É uma estratégia de pesquisa e de produção para principalmente para pensar a escritura de vida aberta a criação de novas possibilidades de dizer e, principalmente de viver uma vida, acarretando num novo tratamento biográfico por parte das disciplinas (BANDEIRA, 2017).

Ao concluir toda essa mistura de ideias de pensamentos que Helena apresentou, Robéria até achou louco e interessante a pesquisa, com umas palavras sofisticadas, mas não ficou muito claro para ela, que prefere as coisas ao um modelo mais clássico de pesquisa e construção teórica, como as pesquisas que realizou na sua graduação em agronomia.

Paulo Freire meu vizinho

Paulo Freire mora a quatro prédios ao lado de Danielle, ele parece triste e solitário, invisibilizado, esquecido, acho que está doente, ou talvez em constante estado de embriaguez. Acho que ele não é muito notado pelos moradores do bairro, ninguém busca se aproximar ou dialogar com ele. Vive um tom de rechaço, acho que não acreditam que ele é ele, Paulo Freire, que está morando ali no condomínio Spartacus, acho que acham que ele morreu.

Preparação para a escrita

Orientações para começar a atividade de escrita, segundo Marja. Comece preparando um chá, opte pelo sabor gengibre limão e capim cidreira, ou capim cidreira apenas, eles têm um sabor mais cítrico, relaxam sem dar sono. Para acompanhar o chá é bom comer um chocolate branco, o doce do chocolate branco em contraste com cítrico do chá é uma excelente combinação. Chá é melhor que o café preto, café preto desperta uma ansiedade, faz mal para o estomago. Chá é digestivo.

Nadar mil e quinhentos metros em uma piscina, evite nadar em águas abertas, são perigosas, adversas e sujeitas a alterações devido as condições climáticas. A natação fortalece as articulações, diminui o estresse, promove a circulação, reduz o risco de diabetes, diminui o risco de infarto, auxilia na perda de peso.

Tomar floral para os estudos, composto de: Clematis para tirar o sono, Elm para dar força e disposição, Larch para trabalhar a confiança e White Chestnut para ansiedade, para acalmar a mente.

Também é importante dar floral para os gatos, se você tiver gatos, claro. Assim evita brigas de disputas felinas e os mantém relaxados, o que terá reflexo direto no ambiente de trabalho/casa e uma concentração na escrita, sem conflitos e agitos felinos.

Estar usando uma roupa confortável, aquela melhor roupa de ficar em casa.

Casa limpa, se a casa estiver suja, louça para lavar, organize tudo antes, limpe a casa, lave a louça. Casa limpa ajuda na energia de raciocínio, de estar mais atenta ao trabalho de escrita. O cheiro também fica mais agradável. Ordem na casa, ordem na mente, a forma carrega o conteúdo.

Estar só, é uma atividade para ser realizada sozinha, não é bom ter a companhia de ninguém para estar dividindo a atenção. Namoradas e esposas atrapalham. O melhor é esperar elas saírem para o trabalho ou irem dormir.

Acender incensos, há muitos tipos específicos de incensos para tipos específicos de situação, todo incenso é bem-vindo, vem só para agregar. Se sofrer de rinite, opte por incensos naturais, como o *palo santo*.

Por fim, coloque o celular em modo avião e deixe ele em outro cômodo da casa.

Boa escrita, bons estudos e bons fluidos.

lajsoiiiiiiiiiiiiiiiiioahdddddddddddddddddd- dddncxxxxd

Ontem na aula de narrativas contemporâneas, Tati escutou a história da amiga de uma colega da disciplina, que perdeu toda a dissertação na véspera do envio para a banca, o motivo, o gato no teclado.

Sempre que penso em gatos, penso nas duas caixas de areia que tenho que limpar duas vezes ao dia e nos doze reais gastos a cada semana em saco de areia. Para evitar o cheiro de coco de gato e xixi, não é bom poupar na areia, na quantidade e na qualidade da marca. Não poupo então na areia dos gatos mas poupo na marca de cigarro que estou fumando agora. Paguei apenas dois e cinquenta a carteira (box). Mas vale a pena pelos gatos, pois, eles são muito mais fantásticos e inteligentes que os cachorros. Quando um cachorro quer destruir um dever de casa, trabalho acadêmico, projeto do escritório, ele rasga, come, vomita tudo, espalha os rasgos de papel pela casa, é uma bagunça e autoacusação.

Os gatos são mais sofisticados, eles aprenderam a usar o sistema Windows, sabem deletar um arquivo ou uma pasta inteira, como aconteceu com Robéria que perdeu toda sua dissertação. Robéria estava terminando o mestrado em agronomia, seu trabalho de pesquisa era sobre agricultura familiar e a produção de orgânicos, uma pesquisa excelente, de forte cunho político social. Robéria tinha uma pasta com muitos dados, entrevistas transcritas, áudios para realizar a transcrição, e um

texto final quase finalizado, restando mais os detalhes de formatação e normas.

Era mês de julho em Porto Alegre, uma tarde gelada, aquelas tardes que a vontade é de digitar de luvas, coragem para sair da cama, força para tomar banho e não completar o terceiro dia sem. Estava em casa usando o mais confortável pijama (roupa velha) de inverno, na companhia apenas de Bandini e Chinaski, dois gatos que foram encontrados logo que ela chegou de Santa Maria e veio morar na capital, foram resgatados por ela na rua André da Rocha, viviam próximo ao depósito do restaurante universitário.

Bandini é todo preto, com uns poucos pelos brancos no peito, é magro, tem um porte de pantera, elegante, ágil. Chinaski é um preto e branco, do tipo Frajola, está muito acima do peso.

O arquivo do texto estava aberto e muitas abas, pastas abertas, um movimento de finalizar e enviar o texto para o orientador, que aguardava até sexta o envio do material. Orientador que não deve ter vida pessoal para ficar lendo esse tipo de texto no final de semana, ao menos talvez ganhe um bom salário, o que pode proporcionar comprar vinhos de melhor qualidade e um cigarro que não seja composto de restos de esgotos.

Robéria levantou para aquecer a água do chá, aproveitou para ir ao banheiro, pegar mais papel higiênico para dar conta do nariz e o sofrimento de rinite, muitos espirros e muita meleca. Os olhos exprimidos, apertadinhos, irritados de tanta rinite, parecia que havia fumado um baseado. Preparou o chá

de gengibre com limão e mel, assou o nariz umas sete vezes, limpou uma caixa de areia, limpou a outra.

Quando retornou, Chinaski estava deitado em cima do notebook, com todo seu corpo, com as patas voltadas para dentro de si, compactado, como os gatos costumam ficar no frio para aquecer. Não estranhou, achou normal, como é normal gatos deitarem em computadores, modem, livros, caixas de aparelhos de tv, equipamentos que emitem calor de preferência. Empurrou gentilmente Chiaski com naturalidade para que ele liberasse o computador.

Ao tentar voltar para o texto, não encontrou arquivo, nem um arquivo na pasta, na pasta não tinha texto, não tinha entrevistas transcritas, tinha apenas uns arquivos antigos, datados do meio do semestre do ano anterior.

Como isso aconteceu? Qual comando Chinaski acionou? Como ele fez isso? Robéria não imagina, nem quer imaginar, pensa que talvez tenha sido proposital, pois ela havia cortado o sachê dele há algumas semanas, Chinaski era altamente dependente de sachê.

Ela conhecia a capacidade de Bandini de tentar se comunicar através dos textos do Word, já havia acontecido de deixar aberto e encontrar algo como UIAAAAAAAAAAAA-aaaahhhhhhhhhhhhhhhhhhh888888 depois do Bandini sair ou passar caminhando pelo teclado do computador.

Mas desconhecia a capacidade cruel de exclusão de arquivos, e menos ainda que Chinaski era conhecedor desses co-

mandos. Talvez seja culpa desse excesso de tutorial que ensina de um tudo, acessível para todos no youtube, ou só reflexo da má sorte, praga da cigana que ela negou dinheiro no centro, perto da prefeitura.

A história ficou de ensinamento e alerta para todas as alunas lésbicas mães de gatos da turma de narrativas contemporâneas, agora ninguém mais descuida com textos abertos, arquivos não salvos na nuvem. É como diz o ditado, há males que vem para o bem, ou algo assim, ou algo como, antes ela do que eu.

A cada parágrafo meu, é um *Ctrl b*.

Dar aula

O antigo chefe de Tatiele, sempre falava que o papel do professor é dar aula, que professor não deveria ficar falando da sua vida pessoal em aula, esse dar aula para Juliano, o então chefe ou gestor de Tati, tinha uma relação com uma lógica mercadológica de educação, produtivista, e de preferência que essa aula dada, seja preparatória e qualificadora para um mercado de trabalho competitivo e inovador. Para o imaginário dele sobre professores e seu trabalho, haviam outras coisas como a imagem, estética, exemplo, postura docente, mas que acho que nesse momento não será tratado aqui no texto. Ficaremos com o recorte do “professor tem que dar aula” e o que isso significa e carrega para esse sujeito que contrata e paga o salário de professores.

Para ele e outras pessoas onde trabalha Tati, dar aula é o que professor deve fazer, o qual hoje dispõe de muita literatura sobre didática, bons manuais e cursos de formações que ensinam técnicas para professores. Não há mistério nisso, se a professora for boa, dominar o conteúdo, ou seja, ter conteúdo ou conhecimento para dar nas suas aulas. Quanto mais expositiva a aula, quanto mais o professor falar sobre o conteúdo, mais mostra o quanto tem domínio, esse tipo são os melhores. Aqueles professores que não falam muito, passam só atividade, exercício, trabalhinho, filme, debates, ou só ficam falando da vida pessoal, não são tão bons quanto os que dão aula mesmo.

É uma ingenuidade do Juliano e outros Julianos, que por ai que contratam professores e acham que basta entrar na sala, fechar a porta, ter uma turma em silêncio que a aula acontece como quiser. Tatiele depois que cursou a cadeira de educação contemporânea, passou a pensar suas aulas, a partir de uma perspectiva da didática da criação, onde a boa aula (no sentido tradicional para Julianos) pode ser uma aula extremamente ruim; isto é, improdutiva, conservadora, obstaculizada ou impeditiva da criação, da invenção, da fabricação do novo (CORAZZA, 2012 p.25).

Espaços como esse local de trabalho de Tatiele, onde a gestão ou supervisão educacional, percebe a aula como algo planejado de forma hermética, acabada, lacrada, a partir de um plano de aula, não consegue compreender o contrário, que a aula é movimento, é criação, perceptos, afectos, funções e conceitos.

Eu tive a oportunidade de observar e participar de uma reunião dos professores, ou uma chamada reunião pedagógica da escola onde Tati trabalha. O diretor da empresa escola estava presente, acompanhado da assistente social, secretária do setor pedagógico, e a pedagoga responsável. Havia uma tensão temática, que era a seguinte pauta: a disponibilidade de wifi para todos (parece nome de programa de governo “wifi para todos), portanto, alunos e professores, o recurso de computadores com sistema de som e projetor, disponíveis em todas as salas, não em apenas duas. Essa realidade escolar, que está acompanhada de exigências talvez tão caras para o ensino público tradicional, trata-se de uma realidade de ensino particular, onde a estrutura, os recursos físicos são elementos de vendas de matrícula.

Acontecia então, que havia internet apenas nos computadores da sala A e B, salas nas quais os computadores dispunham dos recursos de som e projeção, as demais os computadores não funcionavam direito, não estavam conectados à internet e não possuíam sistema de som e projeção. Assim, a fala da equipe diretiva da escola empresa, era de que a solução era muito simples, de que as professoras deveriam seguir os planejamentos de aula, tendo suas aulas planejadas saberiam as datas necessárias do uso dos equipamentos e fariam as devidas reservas da sala de recursos. Escapando eles, gestão, de uma responsabilidade de investir nas salas, deixando todas equipadas com os mesmos tipos de recursos disponíveis para serem usados quando necessário.

Porém, esse posicionamento de cobrar planejamento das professoras como forma de organizar datas de uso das salas, e uma recusa de investimento em estrutura, via tal argumentação dos planos de aula, deixou inquietas, Tati, Catarina e Maria Luiza, desconfortáveis e acho que a palavra correta seria irritada. Era perceptível ao menos para mim, o incomodo que esse posicionamento da gestão gerou nas colegas professoras e a vontade de falar que as três estavam.

A primeira a levantar a mão e se posicionar diante da situação foi Tatiele, que começou explicando que a aula é viva, é movimento, que é muito além do planejamento de conteúdo, os quais podem ser planejados enquanto conteúdo que será trabalhado, como assunto, contudo, o que irá acontecer, como a turma irá receber, como as coisas vão afetar e o que vão produzir, não entram nos planejamentos, escapam ao controle da docência e seu plano de aula. O professor vai traçando, no interior da própria aula: linhas descontínuas, estilhaços flutuantes, resíduos irregulares, rupturas de sentidos, sinais fragmentários, espaços vazios, pequenas cenas, pormenores insignificantes, *punctuns*, incidentes (CORAZZA, 2012 p.26).

O gesto de Tati encorajou as colegas que deram continuidade a intervenção, logo depois da fala de Tati, Catarina trouxe que ter esses recursos disponíveis, é importante a partir do momento que a aula começa a tomar uma outra direção e o conteúdo a ganhar uma potência a qual pode ser explorada a partir de uma música, um vídeo, uma pesquisa na internet,

cria-se em aula no seu acontecimento um novo ou um outro exercício. Pois, por mais homogeneizadoras que sejam as escolas e as tribos juvenis convém deixar que se desenvolvam as culturas particulares inventando-se, ao mesmo tempo, outros contatos de cidadania, outros tipos e critérios de avaliação.

Maria Luiza, lembrou de um texto que leu, realizou uma busca no Google durante as falas das colegas e para concluir as contribuições, disse que iria ler um trecho de; *10 passos para "DAR" uma aula sem "MANCAR"*, de Sandra Corazza, então leu o seguinte:

4.Viva a aula em intensidade, como uma Aventura humana, demasiadamente humana. Para tanto, largue a Moralina na porta de entrada; pois, só assim, você terá condições de criar uma nova sensibilidade para sentir, desejar, trabalhar, fazer uma aula.

9.Faça a Aula combater todas as maneiras medíocres de "dar Aula", que diminuem, reduzem e aviltam a Vida; portanto, faça-a funcionar como Máquina de Guerra contra as burocracias intelectuais, o pesadume da vida, as forças secundárias da adaptação e de regulação: Memória, Lucro, Honras, Poder, Vaidade. (CORAZZA, 2012 p, 44)

Concluiu a leitura dizendo que enviaria o texto completo no grupo do *whats* dos professores.

Juliano e a equipe diretiva apenas concordaram com as colocações com um sutil gesto, movimento de afirmação com a cabeça, a atmosfera deles era de constrangimento, a de Tati,

Cataria e Malu era de satisfação.

Logo a reunião seguiu para a próxima pauta, a venda de lanches e o horário e tempo de duração do intervalo. Poucos meses depois todas as salas estavam com equipamentos imagem e som completos.

Traduzir-se na educação: Tatiele

Tati ao ingressar no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desenvolveu interesse pelos estudos da Sociologia da Educação e nos encontros da Faculdade de Educação e Estágios obrigatórios, encontrou nas salas de aula, enquanto aluna e enquanto professora em formação, um potente espaço de discussões, de inquietações, repostas e disputas. Os diferentes afetos experimentados por Tati na sua graduação, criavam nela uma separação entre teoria e prática, um distanciamento de campos os quais divergiam, ou eram difíceis de realizar uma leitura sem que houvesse essa separação. Em algumas aulas não havia tal divisão, em outras a divisão era clara e exposta pelo docente; tal relação dependia da disciplina, da professora ou professor, seu referencial teórico, formação, linha de pesquisa. A docência e seu modo de fazer docente, portanto, a forma como os conteúdos curriculares das disciplinas eram traduzidos em aulas, alternavam a relação de Tati com os temas abordados, o quanto aquela aula produzia afetos e os tipos de afetos que eram produzidos.

O afeto (*affectus*) trata-se de uma capacidade de afetar e ser afetado. Como um clima ou estado de humor pré-individual na passagem de um estado para outro. Um estado de experiência que aumenta ou diminui a capacidade de agir de um corpo. (ADÓ, 2013, p.56)

Algumas aulas enchiam de entusiasmo e era possível compreender a teoria e prática sem coloca-las em instâncias separadas, produzindo um interesse pelas leituras da disciplina, atenção, e um afeto pelo docente, o qual este afeto potencializava de forma positiva os estudos, tornando-a mais presente em aula e comprometida com as atividades propostas. O contrário também acontecia em aulas nas quais havia um afeto triste na relação com o docente, o que acarretava em um desinteresse e as vezes descompromisso com a disciplina.

Essas rupturas ao perceber teoria e prática de modo separado ou dicotomias em perceber tal relação, vividas por Tati, ocasionaram incertezas e medos, pois, criavam uma distância entre o campo acadêmico das possibilidades teóricas, com o outro lado, das salas de aulas hostilizadas, precarização da estrutura escolar, salas sem classes, déficit no quadro de professores, atrasos de salários, os seres indomáveis, alunos desinteressados, insubordináveis, rebeldes, baladeiros, de difícil domesticação. Ou assim era a imagem que habitava os espaços da escola e a sala dos professores, a escola enquanto um lugar em ruínas e os alunos como seres indomáveis, no qual a mão da doma do professor, não atingia mais estes seres imagináveis.

As leituras e aulas da faculdade de educação eram como romances para Tatiele, e que não parecia ser possível a partir dessas leituras, fazer alguma diferença em educação, criar com as leituras e aulas da universidade, a sua docência, o preparo de uma aula, ou o que até aquele momento, o que ela pensava existir: um preparo para lidar com um chão de escola, uma fórmula de um fazer docente, onde tudo aconteceria no plano real, fora dos muros da universidade dos seus textos, artigos de final de semestre, olimpíadas egóicas de publicação qualis. Dentro da universidade textos e debates, na sua maior parte interessantes para ela, fora da Universidade o que ela e alguns colegas chamavam de realidade, a realidade sobre educação, as misérias e preocupações maiores que um texto poderia abarcar. Contudo, o que ainda não fora compreendido, era que o que estava dentro da Universidade, o que ali era pensado e produzido, era o que estava fora, e o fora é o que está dentro.

Deleuze indica que se há um lado de fora este não é um limite fixo, mas uma matéria móvel animada de movimentos, pregas, dobras. Afirma ainda que Foucault, em *“As palavras e as coisas”* desenvolvia assim esse tema: se o pensamento vem de fora e mantém sempre no lado de fora, porque não surgiria no lado dentro, como o que ele não pensa e não pode pensar?” Podemos tomar uma imagem, a fita de Morbius, e perceber as dobras que fazem ver que o lado de fora é exatamente o lado de dentro do lado de fora. (ADÓ, 2013, p.56)

Tati não conseguia perspectivar o quanto o lado de dentro, a Universidade, compunha com aquilo que ela entendia como realidade escolar, o lado de fora. Próximo da conclusão do curso era cada vez mais distante a Universidade e o que ela compreendia como a realidade escolar, o que gerou um desapontamento com toda leitura e debate acadêmico sobre educação, que era potente, mas ainda frágil com as primeiras experiências de Estágio obrigatório. Queria desistir da formação e pensava: *Pra que serviria ler Deleuze, Foucault e Bourdieu e tantos outros autores densos, e de leituras cansativas, e pensar em outras possibilidades dentro da Faculdade, ideias desconstruídas de educação e docência, tudo muito romântico e lindo de imaginar e na prática, na sala de aula não conseguir nem que leiam um parágrafo de Bourdieu e os tipos de capitais, falar trinta minutos sobre Foucault e os controles as instituições e o poder, Deleuze então!?* Não sabia nem o que pensar em dizer para eles, segundo ano do ensino médio; baile, estágio, dinheiro para passagem escolar, *instagram*, lanches. Tudo distante, linguagens diferentes, cacofonia.

Como usar o currículo universitário e suas leituras para compor suas aulas? Qual era a contribuição dessas leituras na sua formação ou criação docente? Pensar sua docência e aula a partir de redes heterogêneas, todas possibilitando um traduzir-se em educação, sua autocriação docente que acontecerá via uma didática da invenção, percebendo-se e utilizando-se das suas pluralidades de leituras acadêmicas, literaturas, filmes, familiar, cotidianas. Tais leituras são portadoras de uma potência criadora e inventiva, conforme coloca Adó, Máximo.

Leitura que se dá e se tem como um fluxo de associações variadas, das quais nenhuma é original ou privilegiada, mas que agem no sentido de arranjar conexões para novas composições e experimentações tecidas no seu conjunto. Pois, entendese a leitura como uma ação relacional que se conjuga por um efeito de redes heterogêneas sendo, todas elas, conjunções e afluentes para uma didática da invenção. E, a sua vez, a didática da invenção atua como uma operação tradutora que se constitui como um tecido citações. (ADÓ, 2014, p.3)

A partir do seu interesse por romances, Tatiele era apaixonada por literatura, tamanho era sua paixão por literatura que uma de suas opções, aliás a primeira, ao pensar em fazer sua inscrição para o vestibular, seria cursar letras, contudo, ouvira falar que o curso de letras tem um currículo extenso que não possibilita ao discente trabalhar, pois, as aulas obrigatórias acontecem nos turnos da manhã e tarde, é um currículo fechado, e nem um pouco flexível com a realidade de Tati, a qual precisa de trabalho, bolsa, estágio, ter algum tipo de atividade que gere alguma renda.

De qualquer forma, mesmo sem cursar letras, estava sempre na companhia de Jorge Luís Borges, junto com Júlio Cortázar, Ricardo Piglia e Manoel de Barros, autores que ela gostava muito de ler e estar na companhia durante as idas e vindas do longo trajeto de ônibus ou as vezes de catamarã entre a cidade de Guaíba onde mora e Porto Alegre, onde estuda e trabalha. Trabalho que havia recentemente iniciado, um em-

prego de professora no curso de educação profissional, um curso que qualifica jovens para inserção no mercado de trabalho, ou mais ou menos isso o que se propõe o curso de aprendizagem profissional de jovens.

Era final de tarde de uma terça-feira 12 de maio, quando retornava de Porto Alegre no ônibus das 19h20min, sentada na poltrona 23 na janela do lado esquerdo, depois do seu segundo dia do novo trabalho como professora, abriu o livro *Ficções* de Jorge Luis Borges:

[...] aqueles que insinuaram que Menard dedicou a vida a escrever um *Quixote* contemporâneo, caluniam sua límpida memória. Ele não queria compor outro *Quixote* — O que seria fácil — mas o *Quixote*. Inútil acrescentar que nunca levou em conta uma transcrição mecânica do original; não se propunha a copiá-lo (Borges, 2016, p.38).

A leitura do texto “*Pierre Menard, autor de Quixote*”, atingiu seus pensamentos como uma flecha, partindo as cenas e percorrendo até chegar na lembrança da aula que tivera de Ensino e Identidade Docente com professor Cesar Pytton; o qual falava sobre literatura, ficção, escritas e outras possibilidades de invenção e criação em educação, mas o *punctum*, aquele detalhe que atrai ou fere, e não leva em consideração a moral ou o bom gosto (BARTHES, 2012) da aula, que fez com que a Tati levantasse a cabeça do celular e dedicasse sua atenção a Cesar

Pytton, foi a sonoridade do nome Pierre Menard dada pelo professor e sua forma de pronunciar. A partir desse *punctum* que carrega uma força de expansão e de afetação por essa sonoridade do nome pronunciado por Cesar Pytton, escutou sobre Borges e a técnica do anacronismo de Menard, “digressivo, desorientado, ou orientado a seu modo; agencia-se na composição para produzir novas singularidades. Essa é a sua restrição: inventar por meio da inovação que estabelece como invenção, ao se apropriar de uma inovação anterior ou, ainda futura (ADÓ, 2014, p.61)”. Os fragmentos do dia de trabalho docente de Tati combinados com a leitura de Borges e a lembrança da aula de Pytton sobre docência e criação, começaram a colocar em movimento ideias, e compondo com outros pensamentos sobre uma possível docência da tradução e uma educação potencial.

Uma educação potencial se experimenta como um modo que atua na composição de noções comuns que exprimem sua conveniência interna com outros modos existentes. Ou seja, está atenta a si mesma ao assumir que sua potência está na ordem dos encontros e das misturas que, a sua vez, geram um autoafeto, uma relação de intensidades e de composições entre corpos. A esta relação podemos chamar de conhecimento. (ADÓ, 2013, p.57)

Extrair das materialidades as matérias em conjunção e composição para a criação de uma docência, uma aula; como a linha de costura que tece uma coberta, customiza uma cami-

seta e pode produzir possibilidades outras a partir de farrapos e seu modo de usar, em outros modos de usar. Dessa forma, textos/leituras acadêmicas com textos/leituras literárias com a leitura do sujeito Tati realizando uma mistura, bricolagem de textos diferentes, sentidos que combinarão na tradução e criação de sua aula-docência. Uma aula ao modo de Borges como ele escreve no prólogo de *ficções*: “Melhor procedimento é simular que esses livros já existem e propor um resumo, um comentário” (BORGES, 2016, p.11). Logo, uma aula criada a partir de livros de quinhentas páginas, cujo seu conteúdo caiba em poucos minutos de uma boa exposição oral, ou seja, através de uma fala construída a partir de uma linguagem que dialogue com seus interlocutores, essa aula pode conter um semestre inteiro de um autor em dois períodos de quarenta e cinco minutos, e que consiga dialogar com os lanches, *Instagram*, kits, resenhas.

Um movimento que seja o contrário de tornar as aulas extensas de conteúdo, que tenta contemplar todos os conceitos tais como foram escritos, nos termos acadêmicos apreendidos pela docente em formação. O exercício pensado é o de traduzir-se em educação e possibilitar que via uma docência da tradução de si, na qual os alunos e alunas possam ser afetados, “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo as ideias dessas afecções (ADÓ, 2013 p.56)”, assim traduzir conhecimentos em aulas.

Para colocar em movimento o gesto de traduzir-se em educação a partir de matérias cotidianas, fragmentos, *biografemas Barthesianos*, ou seja, alguns pormenores, alguns gostos, algumas inflexões, detalhes que compõem uma autocriação docente da tradução transcriadora.

Em vez de render-se ao interdito do silêncio, o tradutor-usurpador passa, por seu turno, a ameaçar o original com a ruína da origem. Esta, como eu a chamo, a última *Hybris* do tradutor luciferino: transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução. Reencenar a origem e a originalidade como plagiotropia: como “movimento infinito de diferença” (Derrida); e a *mimesis* como produção mesma da diferença. (CAMPOS, 2015 p.56)

A docente a partir de suas leituras, textos, o cotidiano traduzido em matérias de escritas, como uma passagem de vida e autocriação docente, torna-se potência geradora de uma apropriação e tradução de conteúdos que serão transcritos em aula. A linguagem utilizada é um importante instrumento para aproximar ou distanciar a tradução criada pelo docente e os alunos, “a linguagem, aqui, não é mais um intermediário que a compreensão anula, uma vez desempenhado o seu ofício; ela age por sua forma, cujo efeito está em produzir no mesmo instante um renascer e um autorreconhecimento (CAMPOS, 2015 p.62).”

Planejar uma aula sobre gênero e sexualidade, a partir de letras de músicas atuais, citar capital social e cultural a partir

dos diferentes tipos de consumos de bebidas alcoólicas ou festas frequentadas, pensar instituições e formas de controle a partir da própria construção da escola e formatação da sala de aula.

Tati compreendeu que um fracasso inicial era inevitável. Jurou esquecer a enorme alucinação que a princípio a desviara e buscou outro método de trabalho, também compreendeu com alguma amargura que nada podia esperar daqueles que aceitavam com passividade seu lecionar, e sim daqueles que arriscavam, às vezes, uma contradição razoável. Com alívio, com humilhação, e terror, Tati compreendeu que ela também era uma imagem, que os outros estavam projetando (BORGES, p.48-52).

A transcrição em diálogo, amparada com o biografema, ou seja, uma livre-produção textual na medida em que não deriva de significado, mas, enfatiza imagens, cenas, gestos, fragmentos textuais, pulsões, opera significâncias. Então, escrever e criar um lugar de fala, de quem escreve e cria sua docência, traduzindo currículos a partir de seu *locus* social, e desse *locus* e seus biografemas, gerar uma autocriação docente como uma autoficção pensada via o método da autobiografemática em educação, e possibilitar assim um traduzir-se, transcriar composições e diferenças em educação.

Gabriela

Gabriela tem 27 anos e é professora da rede pública, sua formação é em serviço social e está quase concluindo o mes-

trando onde pesquisa ética. Gabriela é lésbica e tem muitas tatuagens no corpo, gosta de arte circense e faz dança área no tecido. Ela tem uma tatuagem de um tigre no centro da barriga, bem no plexo solar¹⁵. É a cabeça de um tigre de boca aberta, uma expressão que se assemelha a estar emitindo um estrondoso rugido, olhos profundos, cores quentes, a imagem remete muito a uma carranca, que está ali para afastar as energias negativas, afastar o mal, talvez a entrada de energias ruins no seu centro vital. Não sei o quanto essa tatuagem foi feita de forma consciente em relação a isso, como uma carranca bloqueando a entrada de energias ruins no seu plexo solar ou se é apenas uma construção estética, de um lugar no qual o tipo de tatuagem tem um bom encaixe.

Outras tatuagens no seu corpo chamaram minha atenção, e as quais eu irei escrever. Gosto muito, é um gosto pessoal meu, de uma tatuagem de cauda de baleia que ela tem no pescoço. Algumas referências me foram acionadas quando olhava para aquela cauda, a primeira quase óbvia, a imagem das baleias Jubartes, eu era encantada pela vida marinha, gostava muito de assistir o desenho da free willy quando era criança e dizia que queria fazer oceanografia, ser mergulhadora. Imaginava que estaria em contato com toda aquela vida marinha, tendo uma relação afetiva com os seres e ajudando a preser-

¹⁵ De todos os centros energéticos do nosso corpo (chakras), o chakra solar, também conhecido como Manipura, é o responsável por distribuir a energia vital para todos os outros seis principais chakras do corpo. Por isso, ele fica no centro, localizado onde fica o umbigo, no plexo solar.

var aquele sistema tão ameaçado. Os atlas de coleção, aqueles que vinham por edições que iam compondo uma coleção por áreas, vinham acompanhados na compra ou assinatura de jornal, também eram parte da minha infância, gostava muito de mexer e arriscar minha alfabetização neles. Sabia muito sobre a mosca do tsé-tsé¹⁶, acho que biologia e geografia eram o que hoje compreendo por matérias favoritas, e sobre os animais marinhos, em especial os cetáceos e suas subordens. As Jubartes eu nutria um afeto especial, acho que em razão do tamanho, os machos da espécie medem de 15 a 16 metros; as fêmeas, de 16 a 17,5 sendo que o maior exemplar já visto possuía 19 metros, esse tamanho todo para um peixe, e realizando saltos fora d'água, e elevando seu corpo quase completamente para fora d'água, por alguns segundos ela parece querer vencer a gravidade e alçar voo. Neste momento, suas longas nadadeiras peitorais, que chegam a medir até 1/3 de seu comprimento total, poderiam ser comparadas às asas de um pássaro, é muito maluco de pensar, e deve ser mais ainda de presenciar, de poder assistir tal feito. Entre muitas coisas que ainda acho incrível, é o fato de elas serem conhecidas pelo seu canto, tanto fêmeas quanto machos vocalizam, mas apenas os machos produzem extensas e complexas vocalizações, que mudam ao longo do tempo. Geralmente, emitem-no por 10 a 20 minutos, entretan-

¹⁶ Glossina é um género de moscas da família Glossinidae que inclui as espécies conhecidas pelo nome comum de moscas tsé-tsé, nome com origem nas línguas banto da África equatorial. Estas espécies transmitem *Trypanosoma brucei*, o tripanossoma causador da doença do sono.

to podem durar horas ou até dias, padrões de notas graves que variam de amplitude e frequência, repetindo sequências de forma coerente e organizada. As baleias somente cantam durante o período de acasalamento, por isso supõe-se que as canções tenham por finalidade atrair parceiros. Um fato interessante é que a canção, própria de cada baleia, evolui lentamente durante sua vida e nunca volta a uma sequência de notas já cantada, mesmo anos depois. E escutar esse som, acho hipnotizante, misterioso, transporta minha imaginação.

Outro ponto de atração a essa tatuagem no pescoço de Gabriela, é a relação que faço com a natação, pratico natação quase que diariamente, acho fantástico o movimento do corpo em deslocamento na água, assim como movimentos de ondulação para execução de alguns nados, que a sensação de estar fazendo é de ter cauda no lugar dos pés juntos, é a mesma ideia de movimento.

Talvez para Gabriela não seja nada disso, a escolha seja outra, nem uma paixão por oceanografia, nem por baleias Jubartes e seu misterioso canto, nem pelo movimento da cauda no nado, talvez tenha sido alguma referência as hemodiálises que sua mãe recebia na lateral do pescoço pouco antes de falecer de uma insuficiência renal, talvez seja apenas charme.

Também sempre tive dúvidas quanto há um tridente amarelo pequeno comparado ao tamanho das outras que ela tem na parte interna do braço, nunca soube se era uma referência a Exu, também não sei se ela é de alguma religião

de matriz africana, se é uma referência a Poseidon, Aquaman, Shiva, símbolo da psicologia, ou algo mais profundo e místico que desconheço.

Nunca perguntei sobre essas e outras tantas que tinha curiosidade, sei o quanto isso incomoda pessoas com tatuagens a pergunta “O que quer dizer?” “O que significa isso?” Então fiquei só no *punctum*, aquilo que me punge em relação a Gabriela, esse pequeno corte sobre a narrativa e construção de Gabriela.

Contudo o *studium* sobre a imagem tatuada docente de Gabriela, ou seja, meu investimento de estudo, o qual despertou meu interesse inicial em observar a sua construção docente, foi sua imagem de um corpo preenchido por tatuagens e as relações que essas tatuagens implicam ou não, afetam ou não, ou no que, em seu fazer docente, encontrar o *Operator*, viver os intentos que fundam e animam suas práticas, mas vive-las de certo modo ao contrário, segundo meu querer de *Spectator* (BARTHES, 2012 p.33).

O detalhe que é o *punctum* (as tatuagens e os biografe-mas que escrevo sobre), não é possível estabelecer uma regra de ligação entre o *studium* e o *punctum* (quando ele está presente), trata-se de uma copresença (BARTHES, 2012), com o interesse de pesquisa que tenho em à relação a uma imagem que é socialmente esperada para uma professora. Com o que me punge é aquela enorme cabeça de carranca de tigre colorida bem no centro da barriga, no plexo solar (será que ela sabe

o que é plexo solar? Será que está ali para proteção de seus chakras?), o tridente discreto que talvez tenha algum significado esotérico que diga muito sobre a sua personalidade (mística africana ou hindu), a cauda de baleia que pode ser uma afinidade com animais marinhos ou a hemodiálise da mãe.

Gabriela contou que as tatuagens na sua docência sempre foram muito presentes na sua criação de professora e sempre produziram diferentes efeitos, ela separa as tatuagens com relação a instituição e a aula. Do ponto de vista institucional, do mercado de trabalho, há uma grande dificuldade ainda hoje de encontrar emprego, escolas, cursos, lugares de diferentes tipos e níveis de formação, escolarização, que ainda encaram as tatuagens de forma imatura e marginalizada, ou talvez um receio de influência negativa na vida dos alunos. O seu atual emprego via concurso público, poupou de constrangimentos já vividos em trabalhos anteriores, onde conta que costumava realizar a entrevista e o contrato no inverno, com os braços e pernas tapadas de agasalhos para conter o frio, ainda não tinha o pescoço e mãos tatuadas, o que dificulta para disfarçar, conta ela. Depois que os colegas descobriam a medida que o calor foi chegando e as tatuagens aparecendo, escutou constantes comentários, sobre coragem, medo, receio em relação a trabalho, velhice, arrependimentos, níveis de dor, seus significados, assim como olhares de reprovação e comentários preconceituosos.

Em relação ao espaço aula, ela diz que as tatuagens produzem algo de muito potente e positivo na sua docência, é qua-

se como uma aproximação instantânea com os alunos, algo da ordem do simbólico que deve dizer, sou legal, sou loucona, sou rock roll, sou vida louca, e não que ela seja. Gabriela, disse que é até mesmo bem careta e com hábitos bem idosos para sua idade. Contudo essa talvez leitura inicial que as tatuagens produzam em relação a sua imagem, despertam uma aproximação, interesse, curiosidades positivas com os alunos e para o seu fazer docente e conseqüentemente sua aula.

Acho que os alunos não me enxergam como uma professora chata, acho que o fato de eu ter tatuagens já diminui uns 70% de minha aula ser ruim hahaha, ou talvez eles fiquem distraídos pensando sobre os desenhos, o fato é que é massa, sempre acaba de alguma forma sendo uma questão e que produz algo positivo na minha relação com eles e com as minhas aulas... ou talvez eu seja legal demais mesmo, boa professora e as tatuagens são apenas um tchãm a mais hahaha (GABRIELA, setembro de 2018).

Gabriela também falou que acha que existe sim uma matriz de um modelo estético esperado para professores de forma geral, não importando o nível ou tipo de docência, que há um imaginário arcaico e moral sobre a figura da professora e a sua responsabilidade de ter um conhecimento, de ensinar e de dar uma legitimidade a isso a partir de sua imagem. Acha importante pensar em pesquisas que pensem em construções docentes mais diversas, que busquem mostrar que não há mais

uma moral, um padrão de imagem de professora, que há apenas é uma construção muitas vezes limitada e preconceituosa nas instituições de ensino brasileiras.

No final de nosso encontro, contei a ela sobre os biografemas que escrevi sobre suas tatuagens, brincamos e trocamos, disse que a deixaria ler se ela permitisse que eu tirasse algumas fotos das tatuagens (que escrevi neste texto), ela aceitou a brincadeira e negocio, e não apenas me deu a oportunidade de tirar as fotos e publicá-las aqui, como gostou e se emocionou com a referência que fiz com a tatuagem do pescoço e hemodiálise de sua mãe, então me presenteou com uma foto muito querida e íntima de sua mãe enquanto ainda estava hospitalizada. Contou:

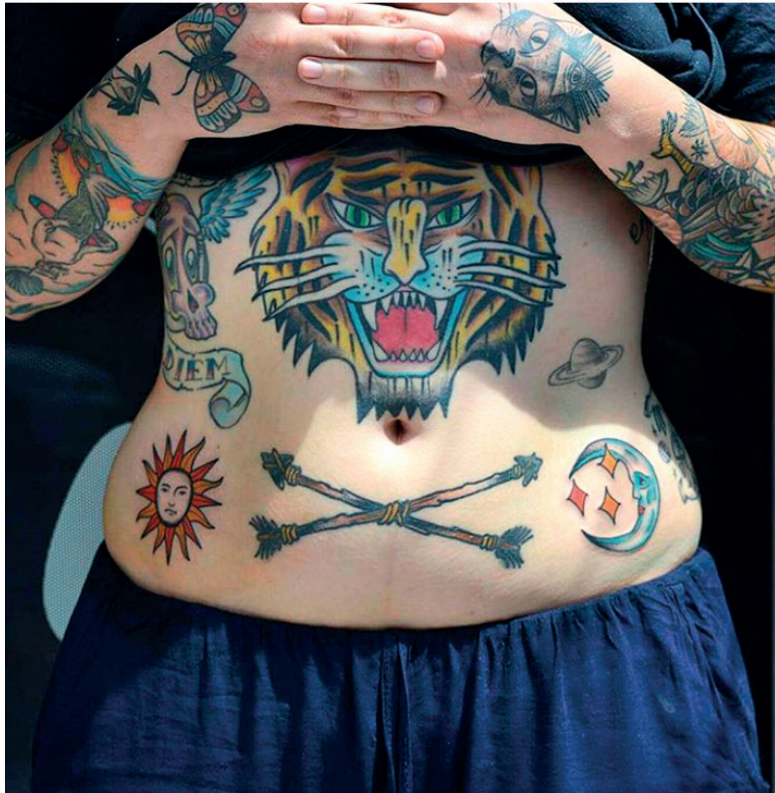
Hahaha achei uma boa relação essa da tatuagem da cauda no pescoço com o tratamento da minha mãe, e de fato minha mãe de alguma forma sofreu e lutou muito durante esse período com o cateter da hemodiálise no pescoço, disse que era bastante incomodo, foi um período bem simbólico da luta dela para mim, eu a via e sabia que ela estava com dor e sofrendo, porém ela permanecia sempre com um sorriso doce, um olhar meigo, de pessoa boa que ela tinha, sempre com uma vontade de continuar, de tentar, não reclamava e evitava demonstrar algum tipo de sofrimento para não nos causar preocupação. A tatuagem foi feita no período próximo mesmo, também foi bem incomoda, claro que não quero fazer uma comparação a dor, talvez seja mesmo algum tipo de referência, ou agora tornou-se, obrigada.



**Tigre e Tridente de Gabriela.
Câmara de *smartphone*.
Porto Alegre, 2018**



oalematattoo
KADU Tattoo - RS



Curtido por **hugomagnusdemarco** e outras



Tigre Plexo Solar.
Câmara de *Smartphone*.
Porto Alegre, 2019

Marcela Cristina da Rocha

Cauda de Baleia.
Câmara de *Smartphone*.
Porto Alegre, 2019





**Sorriso de dona Geni em Hemodiálise.
Câmara de *Smartphone*.
Brasília, 2018.**

Nadar arMARdo

A tensão social política que o país atravessa é crítica, uma polarização de discursos que divide a população. Há uma intensidade de tensão quanto a pauta referente a política de armamento, uma preocupação em torno da liberação do porte de arma e as histórias de violências noticiadas diariamente.

Na data de ontem 22 de maio de 2019, duas baleias após uma discussão sobre a presença da religião nas decisões políticas e nos currículos escolares acabou em briga, e uma baleia deu cinco tiros na outra baleia.

Em todos os principais jornais do país, a notícia que ganhou a primeira página foi:

BALEIA BALEIA BALEIA

A arma não era registrada.

Balburdia: Iconografia de portas de banheiro

Francisco Bosco (2017), escreve em seu livro *“A vítima tem sempre razão?”* Sobre o novo espaço público brasileiro, que tem seu ponto de efervescência com as manifestações de junho de 2013, aponta Bosco, a força da internet como um lugar democrático que possibilita acesso e lugar de fala de todos os grupos identitários e os diversos debates que surgem então.

Em suma, junho de 2013 atirou a primeira pedra no lulismo. Outro sentido inequívoco das jornadas de 2013 é que, de lá para cá, amplos setores

da sociedade brasileira despertaram do marasmo político e passaram a ocupar espaços públicos, urbanos, midiáticos tradicionais, institucionais e sobretudo digitais. Com o fim do lulismo sobreveio uma sociedade crítica, em permanente crise consigo mesma, problematizando todas as dimensões e aspectos da vida social. Dentro desse movimento, emergiram com força sem precedentes as lutas identitárias.

Acontece que em alguns espaços de educação, de Balburdia, são pioneiros no espaço público aberto e democrático para debates e apresentação de sentimentos, opinião, pensamentos. A parte interna das portas dos banheiros protagonizam debates e manifestações diversas sobre a comunidade escolar que ali habita.

No presente texto, a partir de alguns registros, não em uma tentativa de compreender a variedade icnográfica das portas, mas para visualizarmos o que encontrei nesses últimos três meses de campo em escolas e universidades.

As manifestações das portas de banheiro, estariam como para Manuel Castells apud Bosco (2017) carrega o que Castells chama de *autocomunicação*, isto é, o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital, aqui, as portas dos banheiros em espaços de educação ocupam esse lugar do digital. Nela, “a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada”

As mensagens são escritas, riscadas, desenhadas de modo autônomo, o receptor randômico ao ler, visualizar, e a resposta ou manifestação a partir de então é autoselecionada da informação escolhida. São muitos os conteúdos contidos em uma porta, posso me envolver e responder sobre feminismo, política, violência de gênero, sobre poesia, posso fotografar, acrescentar, criar uma discussão com algum dos assuntos.

Em umas das escolas visitadas, há um mês e meio atrás foi registrado o suicídio de um dos alunos do segundo ano. Nas portas do banheiro feminino na semana passada, foi identificado por uma aluna, o que ela entendeu como um pedido de socorro, e alertou a gestão escolar. Estava escrito na porta do banheiro: “EU QUERO MORRER”

As portas dos banheiros não são somente compostas de mensagens eróticas, políticas, ofensas, poesia, tinder improvisado, muito do que há na escola está nas portas internas dos banheiros. Inclusive as imposições assépticas de instituições, as quais limpam, silenciam as vozes, que não são marcadas, riscadas, manifestas ou desenhadas nas portas internas dos banheiros.

**Algumas portas,
algumas coisas:**

Por quanto
tanto voce vai
continuar se
importando se
que os outros
pensem? ros

COLEÇÃO 10.11
E O IATE 11

E O "NIX"
2011

09

448

PIRÇA

WEGA LOMA

Maria Luiza 135
Eduarda

Capitão

OUTAS

WEGA

SOCIALISMO
É JMA
MERDA!



Socialismo
é
LIBERTARIANO
NÃO É!

OBRIGADO
TEMER

STANNA
LCCNA

PAREM DE COMER
MERDA,
FILHOS DA
PUTA!!



WATERPARKS

TERF
NEM
É
GENTE

Homem bom
é homem
MORTO.

NÃO, SÓ NÃO
Sou "FEMINISTA" BRANCA
QUE IGNORA AS PRECURSoras
DO MOVIMENTO LGBT
RESPEITE AS TRANS
QUE SÃO PRETA.
TERF

GENÃO É

A CRIANÇA QUE VOCÊ FOI
ORGULHOSA

QUERIA SER UM BASEADO
TRA NASCER EM TEUS DEDOS
MORRER EM TEUS LÁBIAS
E FAZER A TUA
CABEÇA!

MEIRI
ETAVEL
ril

AME M
DU
NUNCA MA
AME

TUDO O QUE HÁ
É ESTÁ.

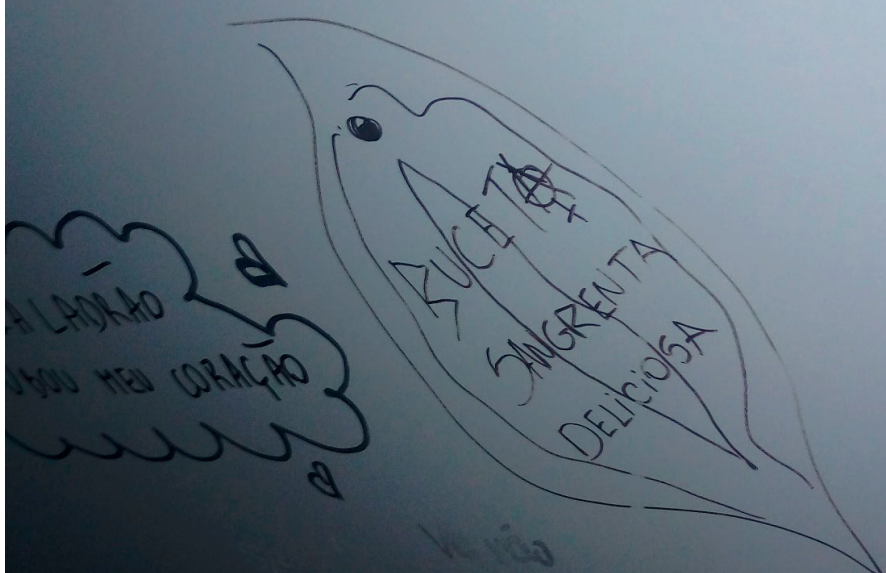
AMÉM
AMÉM

CA A BOCA
MEU ANJO
VAI ESTAR



LEGALIZA
À PLANTA

UMA IDEIA NI
PODE APRISIONAR



O LADROAO
TOU MEU CORACAO

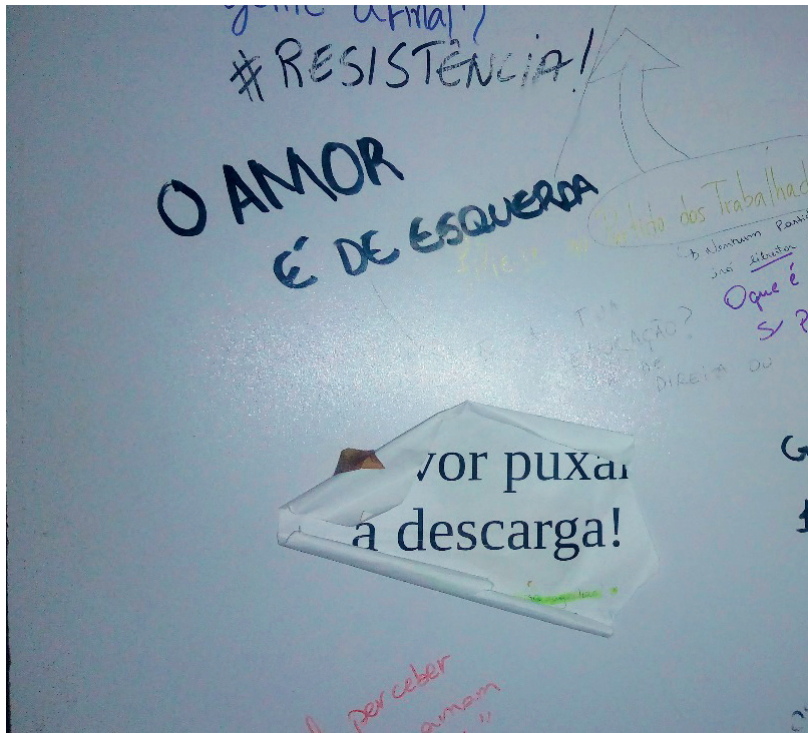
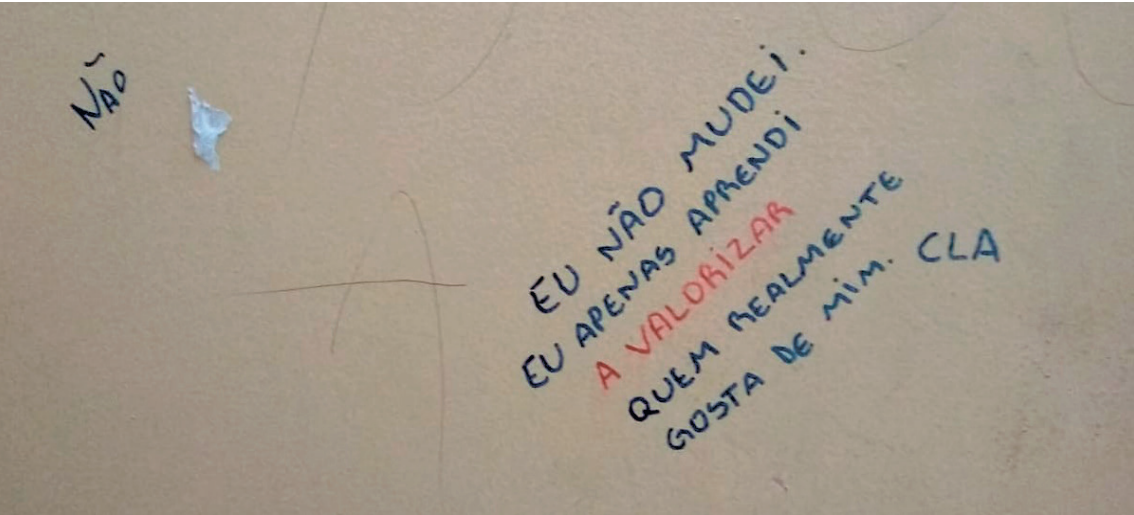
RUCI TA
SANGREN TA
DELICIOSA

Se você
sabe me ouvir
pe isso eu não falo.

EU NÃO QUERO MA
LUMILIA

Se moléculas
de gás hidrogênio
também têm
momento angular
e spin





Leio nas portas que, o amor é de esquerda, o que é liberdade? O que é sororidade? Partido dos trabalhadores, cristo foi o primeiro comunista, descarga.

Buceta sangrenta deliciosa, Lula ladrão roubou meu coração, uma ideia não pode ser aprisionada. Não jogue papel no vaso sanitário, legalize a planta. Tudo que há é esta.

Queria ser um baseado para nascer em teus dedos, morrer em teus lábios e fazer a tua cabeça.

Homem bom é homem morto, obrigada Temer, parem de comer merda, filhos da puta, socialismo é libertário ou não é! Socialismo é uma merda. Piroca. Por quanto tempo você vai continuar se importando com o que os outros pensam? Maria luiza e Eduardo, Putas.

Veja! A revolução será sapatão.

Infância

Quando eu era criança, por volta dos meus dez anos de idade, eu morava no bairro Menino Deus, na Avenida Padre Cacique em Porto Alegre. O apartamento ficava de frente para o estádio do Esporte Club Internacional, mais precisamente o prédio ficava de frente ao ginásio Gigantinho do Esporte Club Internacional, o Inter como é popularmente conhecido, é um dos principais times de futebol do Rio Grande do Sul, depois do Grêmio, seu principal rival compondo a dupla Grenal. Acho que era entre os anos de 1995 e 1997, que ocorriam com frequência assembleias dos professores no estádio do gi-

gigantinho. Minha memória da infância, guardou as palavras: Assembleia, professores e CPERS.

O CPERS é um sindicato que representa professores, funcionários, especialistas da educação da rede estadual do Rio Grande do Sul, em 1985 em meio a greve, nasce o símbolo da sineta, a sineta que era utilizada para sinalizar os períodos de início, intervalo e término das aulas nas escolas públicas estaduais do passado, passou a ter outra conotação: o protesto.

Lembro de acompanhar da janela do apartamento em que morava milhares de pessoas, bandeiras, gritos, sinetadas, em marcha para o estádio do Gigantinho, talvez as sinetas e os barulhos das sinetadas é o que mais tenham me marcado e chamado atenção em um primeiro momento, além de tanta gente junta, reunida, caminhando para um mesmo lugar. Enquanto observava toda essa movimentação, escutava minha vó criticar o movimento dos professores, comentários negativos em relação a mobilização, greve, que só queriam direitos. Apesar da reprovação da minha vó em relação ao movimento que se organizava em frente de casa, não diminuía meu encanto e curiosidade com tudo aquilo que eu estava vendo. Depois que todos entravam para dentro do ginásio do Gigantinho para realizar a tal assembleia dos professores, é isso que ouvia minha vó comentando, “hoje tem assembleia dos professores aí na frente”, ao longo do dia eu escutava um barulho de gente falando ao mesmo tempo, vibrando, gritando, vaiando, sinetadas que ecoavam de dentro do ginásio e ressoavam em mim

e em meu apartamento, dando um tom ainda mais curioso e fantástico para aquele movimento.

Não esqueci aquelas imagens, aqueles sons, as sinetadas, acho que comecei a ter um encanto pela docência, educação, a partir de então. Pesquisando no site do CPERS, encontrei algumas fotos, duas delas vou compartilhar aqui, uma está relacionada a greve de 14 dias em 1997 do governo do PMDB, minha vó votava no PMDB, agora entendo a razão de ela não ser simpática a mobilização dos professores, apesar que eu sempre fui aluna de escola pública. A segunda é de uma assembleia geral de 1985 no ginásio do Gigantinho.

Minha primeira imagem de professores, eram as professoras do ensino fundamental e médio, elas eram em sua maioria mulheres, fumavam e tomavam muito café preto, quase que o tempo todo, e na época era permitido fumar em qualquer lugar, mesmo próximo as crianças e ambientes fechados. Talvez por isso hoje eu fume, aliás, foi um cigarro ansioso agora que startou esse texto, acho que algum espírito de alguma ex professora veio para inspirar através da fumaça expirada.

O cigarro é também acessório intelectual das décadas passadas, falo passado pois hoje intelectuais são mais orgânicos, consumidores de uma vida sem agrotóxicos, com atividade física, menos açúcar, mais chá. Posso dizer que carrego um pouco de cada imagem, hábito, transito. Fumo aqui, tomo um chá.

Voltando a minha memória acerca das professoras. No recreio ao entrar na sala dos professores para reclamar uma agres-

são, pedir um socorro de mercúrio laranja, pedir para ir embora, lamentar alguma coisa, eu encontrava na sala dos professores um mercado dos mais variados produtos, tudo era comercializado e negociado, talvez até ocorresse a pratica de escambados, naquela sala cheia de mulheres, fumaça e informações, eram comidas, tecidos, perfumes, joias, acessórios, eletrônicos.



24- Assembléia Geral
1985 - Gigantinho



Para não atrapalhar esse momento que parecia ser festivo, pois elas pareciam felizes lá dentro, acho que era um dos melhores momentos do dia para aquelas professoras. O atendimento que recebíamos na porta era o mais breve possível, de preferência que a solução fosse encontrada depois, fora dos portões do mercado das soras.

A medida que íamos passando de ano, maior era o vínculo que íamos criando com alguns professores, era possível ser conhecida e reconhecida, por qual que seja a razão, boas notas, comportamento adequado ou inadequado, excesso de dengo, humor, extroversão, introversão, ter um reconhecimento pelo corpo docente da escola, era bom, criava um vínculo maior com aquele lugar, uma sensação boa, de pertencimento.

Sempre tive uma relação boa relação com escola, professoras, servidores, eu também tinha uma popularidade bem boa, então era muito saudável e agradável estar na escola.

Essa relação com os professores muda quando entramos na universidade, lá na graduação encontramos uma relação que é quase não relação. Turmas com grandes números de alunos, na maior parte das vezes nos tornamos apenas um número de matrícula. Poucos são os que são reconhecidos pelo nome ou algo do gênero mais afetivo, pelos docentes da graduação. Não construímos vínculos entre professor aluno, diferente do ensino fundamental e médio que os professores nos conhecem e passam a chamar nossa atenção, incentivar, aconselhar, dar puxões de orelha, possíveis formas de uma amizade, claro não estou dizendo que isso não aconteça no espaço universitário, mas há uma considerável diferença nas relações.

Portanto, minha imagem do que são as professoras e professores, é constituída a partir dos movimentos de assembleias e greves, das sinetas do CPERS, do comércio variado das salas dos professores, do excesso de café preto, o tabagismo, dos cuidados, um encantamento pelas aulas, por aquele conhecimento que parecia muito difícil de adquirir, que tinha que estudar muito para saber tanto, a ideia de que professores devem ser as pessoas mais inteligentes, pois, para ser professora e saber tudo aquilo sobre português, matemática, química, etc.

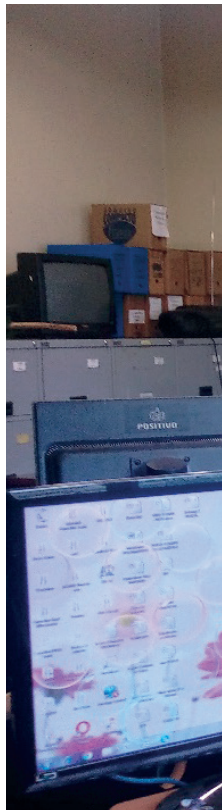
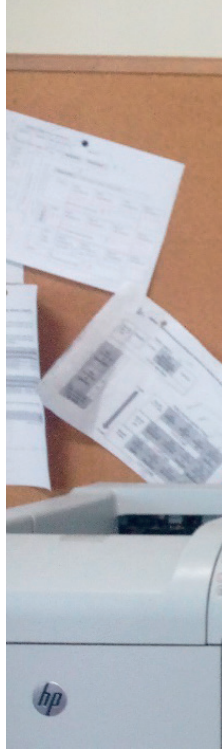
O cheiro da escola

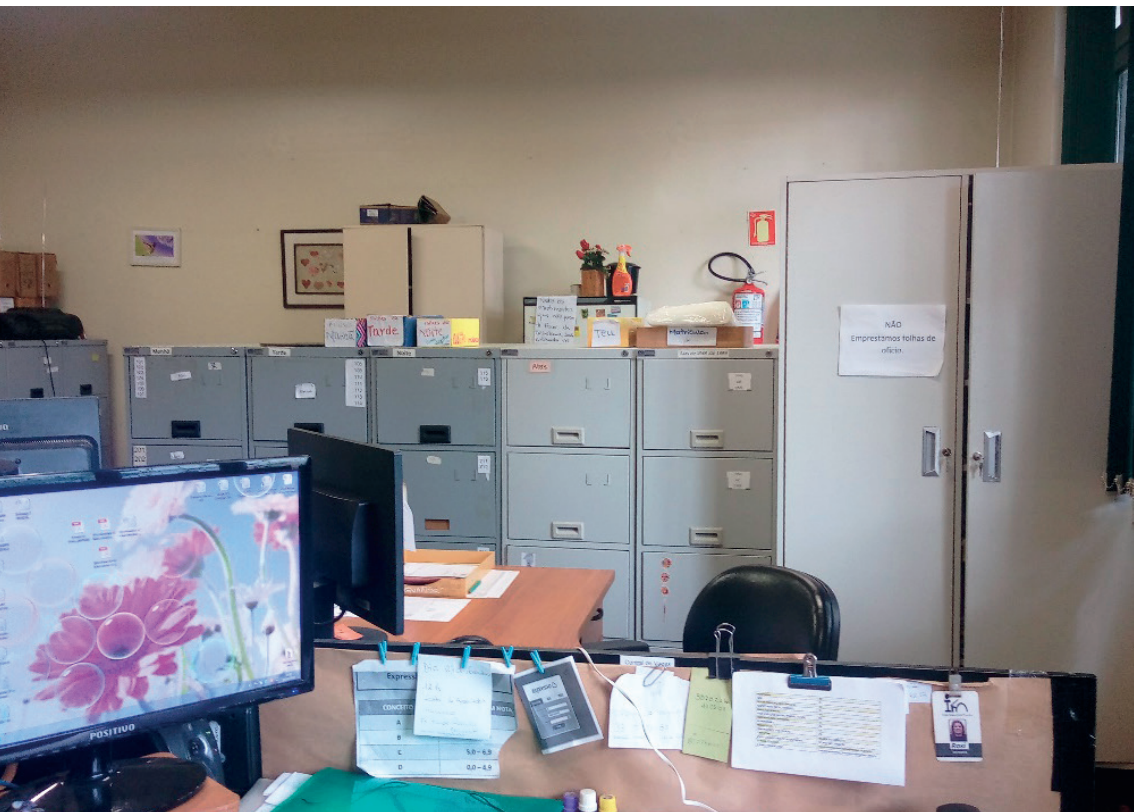
As escolas públicas estaduais têm um cheiro específico, um cheiro de escola, é um cheiro de papel envelhecido, um cheiro de livro, de moveis antigos, é um cheiro nostálgico que me agrada muito. Esse cheiro me transporta para 1974, não sei porque essa data, é a que me ocorre, consigo visualizar a escola na década de 70, ditadura, proibições, as roupas, a decoração. Fantasio vidas imaginarias, imagino histórias daquele tempo que talvez eu não tenha vivido, pois, talvez eu não estivesse encarnada, não que eu seja uma leitora espírita e acredite ou não em reencarnação, mas supomos que há vidas passadas, assim como imaginarias, e eu estivesse em encarnada em 1974, era uma professora de história, fui perseguida, presa, torturada, mais uma entre muitas desaparecidas. Meu crime era ser lésbica, maconheira, ideóloga do comunismo, uma ameaça à ordem. Meu corpo nunca foi encontrado, apenas os servidores mais antigos que ainda trabalham na escola, mantêm viva minha existência nas memórias narradas em fragmentos, contadas nos corredores da escola, e enquanto uns apoiam uma nova intervenção militar, a eleição de um presidente conservador, outros lembram de meu nome, Silvia.

O cheiro dos arquivos, fichários, das gavetas, pastas de papelão, papel velho, amarelado, mofos, livros de controles burocráticos, são minha conexão com meu desencarnado passado e com todas as relações, comportamentos, histórias daquele tempo, de como era a escola, educação, a sociedade.

Apesar da tortura, do frio, da violação do meu corpo, ainda é um cheiro que gosto, que me conforta, é um cheiro que marca tudo que toca, deixar algum objeto em uma gaveta ele fica com cheiro de escola, talvez a escola para além de cheiro de papel, papel envelhecido, tem cheiro de gaveta, cheiro de arquivo, também tem um cheiro de cola.









Professora não pode usar havaianas

Em tempos de obscurantismo, a educação é uma das pastas mais violentadas pelo movimento conservador que se espalha no país. São os mais diversos absurdos que beiram o medievo que se encaminha o então projeto político no que tange a educação. Depois de alertar o país para os supostos perigos das mamadeiras de piroca que eram distribuídas em creches pelo partido da oposição, junto com o kit gay que foi enviado para as escolas, como uma cartilha que incentivava ao sexo e a homossexualidade, o então presidente eleito, a partir de um discurso carregado de preconceitos e extremamente conservador, retoma um ideal moral de sociedade, pautada em um comportamento de um modelo de cidadão de bem, dos bons costumes, da família tradicional. O reflexo desse discurso, desse imaginário moral, é logo sentido nos espaços de educação, tanto no âmbito privado, onde trabalha Tatiele, quanto no público onde trabalha Gabriela.

Começou a acontecer com frequência ataques preconceituosos entre alunos, ameaças entre colegas e de alunos para professores homossexuais e negros, ou com pensamento político divergente, perseguições por todos os lados. A mudança começou a acontecer também em relação a gestão, ao controle impositivo, rigoroso, a uma castração da liberdade do fazer docente. Voltou com força o discurso de que a professora deve ser o exemplo, essa frase habitual, a qual eu escutei três vezes em diferentes ocasiões. Sempre questiono, exemplo de que? O que

é ser exemplo? Para quem? Essa frase parte de uma a ideia de uma matriz docente, de um modelo ideal de professora:

Heterossexual, casada, católica ou evangélicas, o importante é desde que siga os ensinamentos cristãos, Deus e Jesus são permitidos, os outros não. Não tenha o hábito de beber, não fumante, professoras fumantes é coisa de um passado, não deve falar palavrão, não deve fumar maconha, não doutrinar, não ensinar gênero e sexualidade, não se meter na educação das educandas, aquela educação que deve ser dada pela família. A apresentação é muito importante, a imagem deve ser asseada, ou seja, cabelos penteados, presos, alisados, sem barba, unhas feitas e preferencialmente pintadas de cor adequada, nada extravagante que beire o brega, roupas adequadas são; nada de decote, roupas curtas, estampas provocativas, calças leggin, bonés, professoras vestem rosa, professores vestem azul, e é expressamente proibido usar chinelo havaianas.

A adequação da imagem exposta faz parte do que foi imposto na última reunião pedagógica do trabalho de Tati, no mês de março de 2019. Parte do que foi colocado também ocorreu na escola em que Gabriela trabalha, pois, para exigir uma adequação do comportamento dos alunos e alunas, tem que partir das professoras e professores o exemplo inicial, a referência. As havaianas não foram proibidas somente para as professoras e professores, também estão proibidos os alunos e alunas, não pode havaianas na educação. A proibição do uso de chinelo havaianas causou mobilização e revolta por todas as partes envolvidas, que no calor do verão de Porto Alegre, encontram conforto e alívio nos pés em usar havaianas.

Entrevista de 29/04/2019 para Revista Balburdia – de Educação, Revista independente dos graduandos e pós-graduandos do Instituto de Humanidades da Universidade do Vale do Jacuí (UVJ) – Salto do Jacuí – Rio Grande do Sul.

Marcela Cristina da Rocha, mestranda em filosofia da educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fala sobre sua pesquisa, *Docências: uma escrita em fragmentos*.

Poderia nos apresentar o que aborda teu trabalho?

Marcela Cristina: A idéia é pensar a formação docente. A formação docente como um processo de autocriação a partir da noção de tradução criadora. A noção de autocriação para pensar a docência se vale do conceito Barthesiano de biografema, uma vez que procura enveredar pelos detalhes de uma vida, a própria

vida de professora, como matéria que atua nessa formação. Chamo de texto por entender, via o Barthes de “*O rumor da língua*” que a noção de texto faz pensar a escritura como um tecido de citações e, nesse sentido, opera a diluição de autoria. O sujeito autor acaba por ser um tarefeiro das palavras, tecendo com as tramas da língua e da linguagem escrita. Uma pesquisa-texto incorpora no fazer da pesquisa essa noção de interatividade proposta na noção de texto como tecido de citação, uma trama, e não de pesquisa, pois o texto carrega um movimento, um fazer, com uma forma que é mais livre, que pode se desdobrar em mais possibilidades, ao contrário de um formato tradicional de pesquisa, que remete ao um tipo mais endurecido e fechado de escrita e formatação, que carrega um tom de algo que atinge um ponto de saturação e não convida suas leitoras a participarem. Citarei um trecho do livro “*O rumor da*

língua” que gosto muito, sobre a noção de Texto.

O Texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural *irreduzível* (e não apenas aceitável). O Texto não é coexistência de sentido, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação. O plural do Texto deve-se, efetivamente, não a ambiguidade de seus conteúdos, mas ao que se poderia chamar de *pluralidade estereográfica* dos significantes que o tecem. (BARTHES, 2012 p.70)

O texto coloca em cena a docência como uma invenção de si a partir de uma tradução que transcriba, e ao transcriber com o currículo concebe-se que uma invenção de si ali opera efetuando uma reciprocidade tradutória. Mais que a matéria fonte ou a matéria fim a tradução criadora agiria, pelo processo, na transformação da vida da tradutora e, nesse sentido, quando essa tradutora é uma docente, na

vida dessa docência e de quem a pratica. Trata-se de uma escrita ficcional na docência que se apropria do fazer literário, para pensar o fazer docente, como montagens e desmontagens de vidas em educação. Certa desmontagem desse fazer via leitura, como matéria que nos coloque na prática de uma escrita intransitiva, uma escrita que, a rigor, se faz sem um tom teleológico. Por essa razão a escrita, do tipo literária, importa. Pois, provoca que se escreva, como nos diz Deleuze (2011), não no correr de uma linha reta da linguagem, nem o vivido ou vivível, mas passagens de vida. A escrita literária como uma maneira de colocar uma vida por escrito.

O que tu entendes por literatura?

Entendo a literatura, com Barthes (2013), não como um corpo nem uma sequência de obras, nem um setor de comércio ou ensino, mas como uma prática de escrever. Literatura é o tex-

to, o tecido dos significantes que o constitui, o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada.

As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político, do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua. (BARTHES, 2013 p.18) A literatura assume muitos saberes, e se pode dizer que a literatura é absolutamente realista, ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.

Mas então o que é esse espaço de ficção? Que ficção é essa?

É a via da escritura, tomo a ficção, também, a partir da antropologia, das construções das pesquisas-texto etnográficas, parto de James Clifford, no livro *“A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX”*, onde

ele diz que, contar verdades demais mina os compromissos da vida coletiva, e a solução de Malinowski consiste em construir duas ficções relacionadas – a de um eu e a de uma cultura. “O estilo de Malinowski”, sugestivamente traça a complexa combinação de autoridade e ficcionalidade que a forma narrativa de *Os argonautas do pacífico ocidental* encena (Clifford, 2014).

Escolhi por incluir etnografia com a noção de biografema, como fosse a criação de um método de estudo e narrativa que denominei de etnografemas, pois, entendo que combinam os textos biografemáticos com o método etnográfico. É aquele interesse por detalhes, aquilo que atravessa essas vidas de professoras que é observado e textualizado.

Uma referência para esse método é Malinowski em *Os argonautas*, que pode ser como um Deus de Flaubert, onipresente no texto, orquestrando descrições entusiásticas, explicações científicas,

encenações de eventos a partir de diferentes posições, confissões pessoais, e assim por diante. (Clifford, 2014) Malinowski cria ficções culturais realistas, tanto o eu como o autor encena os diversos discursos e cenas de um mundo acreditável. Assim também quero esse texto, um eu professora, as docências, aulas, educação encenados.

Eu sempre carrego comigo um caderno ou bloco de anotações, prefiro caderno, e na falta de recurso de papel/caneta, escrevo em aplicativo de notas do *smartphone*, o mesmo que utilizei para o acervo de imagens do meu texto. Nesses cadernos, faço anotações dispersas de ideias, observações, conceitos, leituras, e depois vou organizando compondo os textos possíveis, pois, nem toda a escrita de uma grande ideia, que no primeiro momento parece uma grande ideia, torna-se um grande ou um bom texto, e o contrário também vale, as vezes aquela nota que não colocamos fé, pode

se desenvolver em um bom texto. Então, esses textos frouxos são retalhos de mundos em educação, como notas de campo, eles parecem incongruentes, pois, eles devem ser tratados e transformados em um retrato provável do pesquisado, e para unificar cenas, é preciso reescrever, apagar, selecionar, combinar.

Etnografemas?

Gosto de antropologia, gosto de literatura, gosto de Barthes, consegui criar algo do que gosto, acho importante trabalharmos com aquilo que gostamos, ainda mais quando se trata de pesquisa. Os etnografemas possibilitaram a observação de vidas imaginárias em educação, que são atravessadas como em boa parte das etnografias pela vida de quem observa. Minha trajetória como professora, observando e tomando nota de situações que aconteciam em aula, na minha aula, minhas colegas professoras, a instituição e suas

questões, as discussões. Assim, fui criando essas vidas imaginárias para colocar em cena essa construção conceitual da tradução e transcrição, assim como a docência como uma autocriação. Criei personagens, como vidas imaginárias, tipo o livro de Marcel Schouw, e que essas personagens, são em parte pessoas próximas que de alguma forma existiram e que se misturaram com a minha vida, fica uma zona de interseção entre eu e essas vidas imaginárias, essas personagens, das quais a partir de detalhes, os biografemas, como escolha de construção de escrita, e não uma descrição densa como alguns textos etnográficos que li na graduação, eu fui compondo a pesquisa a partir dos detalhes contidos nas notas dos cadernos/diários. Essa dissertação é o surgimento do termo etnografema para mim; da possibilidade de pensar um método etnográfico de pesquisa em educação.

Pode falar sobre a escolha do título do trabalho?

Hmmm... Título é uma coisa bem difícil de escolher, ele carrega uma responsabilidade imensa, eu acho que ele dita o trabalho todo, então é algo que tem que ser muito bem pensado, pois, tu podes cair em várias atrapalhões. Tipo, o título anterior era: Autobiografemática em educação: composições de um eu-professora. Mais ou menos isso. Imenso, longo, cheio das atrapalhões, talvez só salvasse o, composições e o professora, o resto... cita! Porém foi um movimento importante pensar na crítica desse primeiro título, pois, a partir dele consegui repensar muita coisa do trabalho, então veja como carrega uma importância e aponta o caminho que o trabalho seguirá, será apresentado.

Dito tudo isso, pensei nesse título por pensar em um fazer docente que é contínuo, que essas docências são formadas por composições, atravessadas,

uma experiência que acontece via a escrita. Uma dissertação em fragmentos que assim como a docência sempre em fraturas, em um movimento de fazer, em composição, não acabada, não obra, sim texto, um estado incompleto, e esse incompleto não em um lugar de incompetência ou desistência, contudo, de movimento de criação, desterritorialização. O texto, a escrita enquanto essas experiências, tenta colocar em cena esses movimentos, situações, fazer, criação, didática. Funciona como um caderno de anotações de uma professora antropóloga que pensa sobre a formação docente a partir dos encontros que sua trajetória oportunizou.

O que levou a escolher estudar a docência?

Cada vez mais percebo a importância da docência e de pensar essa formação, e o que é ser professora, importância, desafios, enfim, uma série de coisas en-

volem docência. Às vezes me parece que se tornar professora é algo dado, fácil, é só estudar e conseguir uma vaga de emprego no cargo de professora, pronto, és profe ou sora. Pelo que observei quando isso acontece, quando não pensamos sobre esse ser professora, quando é encarada só como um cargo de trabalho, parece que a docência, ela não acontece, não funciona, quando não temos a mínima reflexão sobre o que estamos fazendo, sobre como estamos trabalhando com tal turma, sobre tais alunos, sobre como criar algo a partir de tal conteúdo, quando não nos preocupamos com vários dos muitos detalhes que envolvem o fazer docente, acho que não temos docência, temos um representante, algo em sala de aula, que só aponta informações, dúvidas, conteúdos, não produz afetos, aprendizagens. Escolho pesquisar docências depois de observar colegas, que não tinham a menor preocupação com a aula, alunos,

conteúdo, com as subjetividades, educação, e partir disso, os muitos conflitos negativos que isso gerava, em contrapartida, minha experiência afetiva com as aulas, alunos, a importância que percebi na presença de uma relação atenta entre professora, alunos, tradução e transcrição de currículos, onde acho que posso falar tranquilamente que tive uma ótima experiência em docência, dos mais diferentes sentidos de retorno, com respeito, afeto, admiração, trocas com os alunos, aulas que fluíam, que o planejado ou improvisado funcionavam, aconteciam.

Qual a importância da tua pesquisa na atual conjuntura política?

São tempos obscurantistas, de castrações, perseguições, medievo, do como as coisas devem e tem que ser, a educação e o trabalho das professoras são alvos constantes das novas políticas, que são velhos projetos. Uma

lógica que visa precarizar o ensino público em todos os níveis, com diferentes tipos de projetos como; Escola sem partido, que carrega o slogan *“por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar”*, projeto para controlar, limitar, e punir professores que não se adequem aos limites impostos. Projetos de ensino domiciliar e de educação híbrida (online e off-line) na educação básica, são alguns dos outros projetos que se chegarem a se efetuem de fato, teremos problemas maiores no nosso sistema educacional para além dos já enfrentados.

Portanto, estudar docências surge de uma raiva e de uma alegria em ser professora, de estudar educação, e resultam em uma potência criadora que possibilita lutar e resistir a um fazer docente, que começa a ser castrado, doutrinado, catequizado. São diversas as imposições que surgem sobre a profissão, sobre o que é ser professora, são preconceitos religiosos, quanto a ima-

gem (roupas, estética, corpo), um tipo ideal de comportamento para professora, partido político, sexualidade, são preconceitos de uma ordem moral higienizadora, que reconhece na docência a sua potência, seu efeito nos processos de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo canaliza nas professoras, sua ação de higienizar a sociedade para os chamados cidadãos de bem.

Um projeto de educação como mercadoria, que visa sucatear a educação pública em todos os níveis de ensino, aumento de privatizações, vendas e parcerias com o setor privado, com projetos e discursos de pensar um currículo voltado a formação profissional, como meio de desenvolvimento econômico que o país precisa. Tal discurso que começa a ganhar força na sociedade, gera a diminuição constante da importância dos professores no processo de educação, colocando a sociedade contra a categoria, vista como doutrinadora e comunista, pois,

ser comunista nesse momento no Brasil, é ser aquela pessoa que fala sobre respeito, diversidade, direitos humanos, sexualidade, tolerância religiosa, defender o meio ambiente, ser contra agrotóxicos.

Escolas com partido e sem aquele partido, mordanças, mural de regras e limites, não para os alunos, sim para os professores. Uma ideia de uma docência asséptica, guarda-pó branco, fala mecânica de conceitos/teorias, um tom de vídeo aula só que presencial. Não tem que trabalhar nada de temas que desenvolvam um exercício de crítica, debater, criar vínculos com a turma, é só dar a aula e não falar do que não é aula. Nada trabalhar gênero e esses temas de esquerda, como são chamados os assuntos no que tange pluralidade de pensamento, diversidade, direitos humanos, políticas de equidade social, e que por sua vez possam prejudicar o projeto de sociedade que estamos vivendo no momento, o qual visa construir um Brasil

mais religioso (cristão), mais estruturado em uma ordem moral do bem, bem entendido a partir de uma pessoa, heterossexual, branca, que tem o trabalho como princípio edificador e enxerga no homem o progenitor da casa.

Para concretização desse novo modelo de sociedade, o desmanche da educação auxilia através do crescimento de uma educação a distância no ensino superior ou o discurso em defesa de uma educação híbrida na educação básica, construída no argumento de que cada vez se faz menos necessária a presença de um professor, pois, ele pode estar disponível apenas em momentos específicos para atender a dúvidas, mas que os alunos podem de forma autodidata buscar os conhecimentos de interesse hoje nas diferentes ferramentas digitais e demais plataformas. As mesmas usadas no caos das informações falsas, dos *fakenews*.

Com esse trabalho, eu tento retomar o fôlego de que a docência

não é algo que possa ser moldada, padronizada dentro de uma matriz, onde a professora não precise carregar o peso de ser um exemplo a ser seguido/julgada pelos alunos. Porém, a partir da ideia do movimento de autocriar-se em docência, e sua potência transcriadora e inventiva, evitar que ela sucumba as imposições a ela colocada, as castrações obscurantistas do período. Que ela possa existir e resistir em uma autocriação constante, sem deixar-se cair em um tédio, enfraquecimento, buracos obsoletos de aula, dando suas aulas a partir de planejamentos de cadernos amarelados, repetição de uma mesma aula há seis anos. Um fazer docente que possa pensar os gestos e seus detalhes, a partir das diferenças, suas aulas, didáticas, cotidiano, com prazer do fazer.

Qual seria teu problema de pesquisa?

Vários Hahahaha... tipo, uma tese da minha tese? Acho que

penso mais uma tese da minha tese do que um problema de pesquisa, evito problemas hahaha. Acredito que o que está quase ou talvez oculto no texto, ao mostrar as composições de uma docência em fragmento e seu entendimento como um processo inventivo, é como tentar criar um Corpo sem Órgãos em docências, ou seja, como criar uma docência que escape as amarras da instrumentalização dos órgãos e consiga aumentar o seu prazer em sentir, em afetar e ser afetada no seu fazer docente que se coloca em experimentação. Encontrar no biografema e na tradução os meios operadores de criação desse Corpo sem Órgãos docente, os biografemas agindo para desfazer as amarras, des-territorializar, desestratificar, possibilitando proliferar em docências um prazer e criação, em movimento com uma didática da tradução que agencia o Corpo sem Órgãos que é elaborado nos infrasaberes, relações, con-

teúdos, suas aulas. Esse movimento de experimentação, que não é algo findado ao adquirir um diploma ou conseguir um emprego, contudo, experimentação na sua capacidade de afetar e ser afetado, em um campo da imanência que não é interior ao Eu, mas também não vem de um Eu-exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais o Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram (Ramacciotti,2012), em constante autocriação e transcrição.

Algum comentário para encerrarmos?

Muitos autores com os quais trabalhei para elaborar esse trabalho falam/escrevem sobre escrever, há uma saúde em escrever, sinto isso na mesma intensidade como em para mim há uma saúde em ser professora, gosto de estar em aula sendo professora e gosto de tentar escrever (antes tinha pân-

co, ou melhor insegurança) hoje gosto. Percebo no gesto de ler e escrever algo próximo ao gesto de professorar. Vou tentar explicar essa relação a partir da leitura desse trecho do livro “*Um tal Lucas*” de Julio Cortazar:

Como não somente escreve, mas gosta de se passar para o outro lado e ler o que escrevem os outros, Lucas se surpreende às vezes como é difícil entender algumas coisas. Não é que sejam questões particularmente abstrusas (palavra horrível, pensa Lucas, que tende a sopesá-las na palma da mão e familiarizar-se ou recusa-las segundo a cor, o perfume e o tato), mas de repente há como um vidro sujo entre ele e o que está lendo, daí então a impaciência, releitura forçada, bronca iminente e, finalmente, grande vôo da revista ou livro até a parede mais próxima com queda subsequente e úmido ploft. (CORTAZAR, 1982 p.23)

Pensei em explicar o trecho e a relação que faço com esse trecho, mas acho que isso tira a força do trecho lido. Então continuarei a leitura, que segue:

Quando as leituras terminam assim, Lucas se pergunta que diabo pode correr na aparentemente óbvia passagem do comunicante ao comunicado. [...] Não se trata de escrever para os outros e sim para si mesmo, mas a gente mesmo tem que ser também dos outros; tão elementary my dear Watson, que dá até para desconfiar, perguntar-se se não haverá uma inconsciente demagogia nessa corroboração entre remetente, mensagem e destinatário. Lucas olha na palma de sua mão a palavra destinatário, acaricia-lhe levemente a penugem e devolve-a a seu incerto limbo; importa-lhe um níquel e o destinatário, posto que o tem ali ao lado, escrevendo o que ele lê e lendo o que ele escreve, para que tanto sufoco? (CORTAZAR, 1982 p.23-24)

Ao planejar uma aula, às vezes temos a preocupação com a mensagem e destinatário, ao escrever um texto-pesquisa a preocupação com a mensagem e destinatário, não escapamos disso, ao escrever e planejar, fazer pesquisa e docência. Às vezes sinto que estou de um lado e jogo na parede livros e as vezes estou do outro e reviro os olhos

para a aula ou comentários de algumas professoras.

Escrever foi saúde e lugar de luta depois de proibições no meu fazer docente, nas novas regras impostas da instituição de ensino que trabalhava, no entendimento do que é uma aula e aluno que eram impostos em reuniões pedagógicas e dos limites que esse entendimento condicionavam as professoras e professores, uma força, mesmo que as vezes pequena de resistência depois de uma reunião matinal na secretária da educação e escutar desmontes da educação pública fantasiados de projetos pedagógicos. Foi minha saúde depois da morte da minha mãe.

Elogio à leitura, de minhocas.

Sofri pensando nas leitoras possíveis, o efeito do texto, até começar a deixar isso de lado, isso de escrever para as outras pessoas. As tais minhocas leitoras estarão agindo no texto, tenho uma minhoca leitora que é a minha preferida, meu orientador minhoca. Ele decompõe meu texto, toda

vez que ele volta a ele, ao se locomover por ele, cria tuneis, outros caminhos, oxigena, renova a leitura para mim. Essa nova leitura que meu orientador minhoca produz, cria outras escritas, e assim o texto não fica pronto, não termina. Sempre depois dele ser lido, ou a realização da leitura de outro texto, que não o meu, coisas irão mudar. Acréscimos, cortes, torna-se outro.

Antes me irritava com essa criação constante, pois, parecia que o que eu escrevia nunca estava bom, ficava cansada e pensava, “poxa, podia ter dito antes”, eram só muitas queixas sobre as minhocas e o que sua presença produzia. Mexiam.

Até que me tornei uma minhoca, do meu próprio texto, a partir das matérias decompostas das leituras que comecei a realizar.

Portanto, isso tudo é um ensaio de uma promessa de escrita que nunca acontecerá, pois, ao escrevê-la, ela se tornara o ensaio de outra promessa de escrita.

REFERÊNCIAS

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Educação da diferença: possibilidades de composição. 2014 **XAnpedSul** – Florianópolis - SC

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Educação Potencial: Transcrição e processos tradutórios em Educação. Projeto (Pós-Doutorado Júnior). **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Ensino e Currículo, Porto Alegre, 2014. 33p.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Experimentação e criação na docência: poéticas citacionais. 13 sep. 2017, 22 nov. 2017. 60 p. **Notas de Aula**. Aula 1.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela; CORAZZA, Sandra Mara. A escrita sociográfica como didática transcriadora e produtora de presença. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 271-288, ago. 2015a. ISSN 1676-2592. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8635647>

ADÓ, Máximo Lamela. **Aporias literárias: questões borgeanas na educação.** *Revista Digital do LAV, Santa Maria*, vol. 9, n. 2, 133 – 145, maio/agosto 2016.

ADÓ, Máximo Lamela. **Autocomediografia intelectual de um educador.** In. ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra; OLIVEIRA, Marcos (orgs.). *Biografemática na Educação: Vidarbos.* Porto Alegre: UFRGS, Doisa, 2015.

ADÓ, Máximo Lamela. *Autocomediografia intelectual de um educador.* In. ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra; OLIVEIRA, Marcos (orgs.). **Biografemática na Educação: Vidarbos.** Porto Alegre: UFRGS, Doisa, 2015b.

ADÓ, Máximo Lamela. *Educação da Diferença: possibilidades de composição.* X ANPED SUL, Florianópolis, 2014.

ADÓ, Máximo Lamela. **Educação Potencial: autocomédia do intelecto.** Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Sandra Corazza. Porto Alegre, UFRGS, 2013.

ADÓ, Máximo Lamela. *Educação Potencial: autocomédia do intelecto.* Tese (Doutorado em Educação). **Programa de Pós-Graduação em Educação**, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Sandra Corazza. Porto Alegre, UFRGS, 2013.

ADÓ, Máximo Lamela; CORAZZA, Sandra. *A escrita sociográfica como didática transcriadora e produtora de presença.* **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 271-288, ago. 2015.

- BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra.** Notas de cursos e seminários no Collège de France, 1978-1979. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade.** Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 2013.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Tradução Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica; Antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- CORAZZA, S. M. **Didaticário de criação: aula cheia.** Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara. (Org.) **Docência-pesquisa da diferença: arquivo de poética-mar.** Porto Alegre: Doisa/UFRGS, 2017a.
- CORAZZA, Sandra Mara. Ensaio sobre EIS AICE: proposição e estratégia para pesquisar em educação. Porto Alegre: **Programa de Pós-Graduação em Educação; CNPq**, 2014, 30 p.
- CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel; OLINI, Polyana. (Orgs.). **Panorama de pesquisa em escrituras: Observatório da Educação.** Coleção Escrituras. **CADERNO DE NOTAS 9.** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Matérias de escrita**. Mestrado em filosofia da diferença e educação, ano defesa 2007; UFRGS - Porto Alegre, 2007.

COSTA, Cristiano Bedin da. Nada além de um rosto na janela que ninguém jamais vê. **Biografemática na educação: Vidarbos**. Org. Sandra Mara Corazza. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. Tradução Luiz B. L. Orlandi et alii. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pal Peibart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços**. Tradução. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: antropólogo como autor**. Rio de janeiro: Ufrj, 2002.

GLEIZER, Marcelo André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de janeiro: Zahar, 2005.

GODOLPHIM, Nuno. A FOTOGRAFIA COMO RECURSO NARRATIVO: PROBLEMAS SOBRE A APROPRIAÇÃO DA IMAGEM ENQUANTO MENSAGEM ANTROPOLÓGICA. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, p. 161-185, 18 jun. 1995.

- HESSE, Hermann. **Sidarta**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- KLINGER, Diana. **Literatura e ética: da forma a força**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LEITÃO, Debora. K. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre. N. 0 (2004), 37 p.
- PEREC, Georges. **As coisas: uma história dos anos 60**. São Paulo: Companhia das letras, 2012
- PINHEIRO, Paulo Cesar; BETHÂNIA, Maria. **Carta de amor**. Editora Cordilheiras (EMI), 2012.
- RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. DELEUZE: “como criar um corpo sem órgãos?”. **Psicanálise & Barroco em revista**, [S. l.], v. 10, n. 2, ed. 2, p. 112-126, dez 2012.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. **ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS. Ciências Humanas: pesquisa e método**, Porto Alegre, ano 2008, p. 271-273, 2008.
- TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ZANOTELLI, Alissara. **Ex-pôr-se à experiência: Colecionar e narrar em meio à formação docente**. Lajeado, 2018.

Capa, Projeto gráfico e Editoração:
Vinícius Fleck de Almeida